



REPORTAGEM COM ENFERMEIRAS DA UNIDADE DE INFECÇÃO E DO HOSPITAL DONA ESTEFÂNIA

“Dizemos sempre aos pais: para o bem e para o mal, estamos cá”

- P. 10 e 11

Enfermeira Helena Figueiredo, Lena para as colegas, foi a primeira a lidar com o caso de uma criança positiva ao covid-19.

Fundado em 1864

# Diário de Notícias

www.dn.pt / Sábado 11.4.2020 / Ano 156.º / N.º 55 143 / 3 euros / Diretor: Ferreira Fernandes

## Há 7800 civis disponíveis para ajudar a tropa contra o covid-19

► Do pagamento de propinas à desproteção dos trabalhadores. De que se queixam os portugueses à provedora? ► **Fraudes com máscaras inundam Facebook e Instagram.** - P. 02 a 18 e Dinheiro Vivo



**Adalberto Campos Fernandes**  
“Em consistência podemos comparar-nos à Áustria ou à Alemanha” - P. 16 a 18



**Bispo de Setúbal**  
“Este vírus é democrático, tanto atinge primeiros-ministros como os mais pobres”

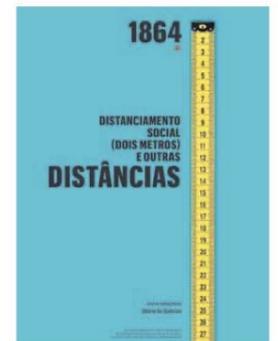
- P. 24 a 26

**Entrevista a José Serra**  
“Bolsonaro gere a crise criando novas crises”

- P. 30 e 31

**Pandemia** pode ajudar a diminuir diferenças entre os clubes mais ricos do futebol

- P. 34 e 35



# 1864.

Distanciamento social (dois metros) e outras distâncias.

# Nada está ganho. Mas também nada está perdido



## Catarina Carvalho

Um pequeno despertar do medo do covid-19 e aí está a curva a subir. O pior dia de contágios verificados foi nesta sexta-feira – embora tenha sempre de se ter em conta que este aumento depende muito do número de testes realizados – e seguiu-se a uma semana de semieuforia, em que nos achámos do lado seguro do problema. Em que fomos citados por todo o lado como um exemplo de sucesso. Houve, até, quem falasse “do pico” já ter passado. E em que, mais uma vez, saíram da toca os milhares de epidemiologistas instantâneos a mandar bitaites – desta vez sobre o futuro.

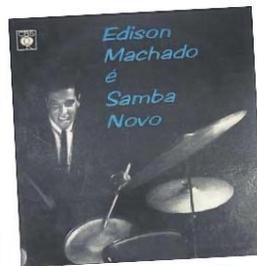
O que é que estes números nos trazem? A certeza do costume: sabemos pouco, ou nada, sobre este vírus. E ele, o vírus estranho e poderoso, porque suave e sub-repti-

cio, aproveita. Parece que estamos a vê-lo a esfregar as mãos e, mais uma vez, a perceber as nossas fraquezas para as tornar nas forças dele. Pensavam que estavam safos? Querem ir para a rua? À terra? Aí estava ele, pronto para atacar numa goticula desconhecida.

Pode parecer infantil esta metáfora. Pois não é menos do que as narrativas de aspeto mais sério mas que se baseiam no mesmo: desconhecimento disfarçado. A ideia de que devíamos fechar tudo para depois abrir. A de que podemos, de alguma forma, dominar esta batalha. Não podemos. Podemos ir jogando este jogo. Dançando esta dança.

Mas só no final poderemos contar a história. É isso que provam os exemplos no mundo, do Japão à Suécia. E qualquer comparação peca por defeito grosseiro, tendo em conta as inúmeras variáveis de que depende a evolução da doença. Mas não podemos ter a certeza – essa estará nos laboratórios

**Não devemos iludir-nos com a ideia de que podemos dominar esta batalha. Não podemos. Podemos ir jogando este jogo. Dançando esta dança. Mas só no final poderemos fazer balanços e tirar lições.**



## Discos para a quarentena

- P. 42

Ruy Castro levava-os para uma ilha deserta, mas, como ele diz, neste momento é a mesma coisa.

## Schengen fechada

- P. 12

A cidade onde foi assinado o acordo da abertura das fronteiras fechou. Reportagem de Ricardo J. Rodrigues.



## Militares... e voluntários

- P. 08

São milhares os que se puseram à disposição das Forças Armadas para ajudar no combate.



## O vírus e a Europa

- P. 48

Será que o coronavírus vai partir a Europa, parece perguntar André Carrilho no seu cartoon.

## Nós e o iPhone numa relação

- P. 44

João Lopes analisa como o iPhone mudou a cultura visual nos últimos tempos.



# Diário de Notícias. Ao minuto durante a semana, aos sábados em sua casa.

MANTENHA-SE INFORMADO SEM SAIR DE CASA.



Suplementos: Revista 1864 + Dinheiro Vivo

Jornal

Digital

Assinatura mensal por ~~12€~~ **APENAS 9,90€**

**Diário de Notícias** Um diário para os nossos dias.

#FiqueEmCasa

Para mais informações: [assinaturas papel.quiosquegm.pt](mailto:assinaturas papel.quiosquegm.pt) | [apoiocliente@noticiasdirect.pt](mailto:apoiocliente@noticiasdirect.pt) | 707200508

Campanha válida para uma assinatura mensal do Diário de Notícias, na versão papel e digital, com entrega porta-a-porta (apenas em áreas com entrega porta-a-porta disponível e sujeito a disponibilidade de rota) ou num ponto de venda. Assinatura mensal, renovável automaticamente por iguais períodos de tempo, pelo valor de 9,90 € por mês e pagamento por débito direto. Campanha válida para Portugal Continental, até 30 de abril de 2020, não acumulável com outras em vigor. Para mais informações [assinaturas papel.quiosquegm.pt](mailto:assinaturas papel.quiosquegm.pt) | [apoiocliente@noticiasdirect.pt](mailto:apoiocliente@noticiasdirect.pt) | 707 200 508. Dias úteis das 7h00 às 18h00. Custo das chamadas da rede fixa 0,10€/min e da rede móvel 0,25€/min, sendo ambas taxadas ao segundo após o 1º minuto. Valores sujeitos a IVA.

# Covid-19. Medidas de contenção estão a funcionar, mas não é altura para baixar a guarda

O número de novos infetados em Portugal diminuiu nesta semana, o que deverá ter um impacto positivo nos casos ativos e nas mortes dentro de pouco tempo. O resultado é fruto do isolamento social, que tem de continuar a ser respeitado, dizem os especialistas.



RITA RATO NUNES

**C**om otimismo. Assim olha a ciência para as curvas e as linhas que traçam a evolução do novo coronavírus em Portugal. Com agrado moderado e apreensão, olham os médicos. As medidas de contenção estão a provar ser eficazes no combate ao covid-19: é notório tanto para o virologista Pedro Simas – quando analisa os números em frente ao seu computador no Instituto de Medicina Molecular, da Universidade de Lisboa, sem pausa para a Páscoa mesmo em casa – como para o presidente do Conselho de Escolas Médicas Portuguesas, Fausto Pinto. No entanto, os médicos são mais cautelosos na interpretação dos valores. Têm receio de que o isolamento social e as medidas de higiene sejam descurados com as boas notícias.

A pandemia provocou até agora 435 mortes e 15 472 casos confirmados no país, segundo os dados da Direção-Geral da Saúde desta sexta-feira. Nas últimas 24 horas, foram registados mais 1516 doentes – o maior aumento absoluto desde que o surto chegou a Portugal. No entanto, o investigador Pedro Simas atribui essa discrepância, numa semana marcada por taxas de crescimento mais reduzidas, ao aumento da capacidade de testagem. “Quanto maior for a capacidade de testar, mais casos vamos ter”, refere.

“Os portugueses vão ver que há alguns parâmetros que vão continuar a aumentar. Só daqui a algum tempo é que vamos poder respirar de alívio”, continua. Quando? Ninguém sabe ao certo. Mesmo assim, “neste momento, há muito boas notícias, porque os indicadores dizem uma coisa inequívoca: o número de novas infeções reportadas todos os dias parece que está a diminuir e isso permite-me projetar que no futuro o número de mortes reportadas por dia vai diminuir e número de casos ativos também. Já o número total de infetados vai continuar a aumentar, principalmente com o aumento da testagem”, explica o virologista do Instituto de Medicina Molecular.

Já o médico do Centro Hospitalar Lisboa Norte e diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Fausto Pinto, sem deixar de reconhecer “que a curva deixou de ser exponencial e está mais linear”, lembra que “este é um longo processo”. “Toda a gente quer que isto passe rapidamente, mas não passa e é importante manter as medidas que estão a ser tomadas”, diz.

Sem uma vacina à vista para controlar a propagação do vírus restam duas opções: testar mais a população (para a presença de covid-19 e para saber a imunidade portuguesa – o que ainda não acontece, mas estará para breve, prometem as autoridades de saúde) e o isolamento social. “Não se pode aligeirar. Não nos podemos esquecer de que

▲ Portugal tem 15 472 casos confirmados de covid-19 e 435 mortes, segundo os dados mais recentes da Direção-Geral da Saúde, desta sexta-feira.

somos o 15.º país do mundo com maior número de casos. Temos mais [infetados] do que a Coreia do Sul [um dos países que tinham com mais doentes no início do surto]”, diz o médico Fausto Pinto.

O primeiro-ministro, António Costa, tenciona seguir este conselho, tendo afirmado nesta semana que a saúde dos portugueses está à frente da economia e que as medidas de contenção continuarão em vigor. Sabe-se agora que as aulas presenciais vão ser suspensas no terceiro período do ano letivo definitivamente até ao 10.º ano e que as provas de aferição e os exames nacionais até ao 9.º ano foram cancelados; os exames dos 11.º e 12.º anos estão adiados. Também é já quase certo que o estado de emergência será prolongado, pela segunda vez, depois de o Presidente da República ter defendido isso mesmo, nesta sexta-feira, no Palácio de Belém, em Lisboa.

“Está formada a minha convicção de prorrogar até 1 de maio às 24 horas [o estado de emergência]. Irei ouvir os especialistas e será a Assembleia da República a autorizar, mas não podemos brincar em serviço. Não podemos afrouxar”, declarou Marcelo Rebelo de Sousa.

Para os dois especialistas é claro: não se pode facilitar e ficar em casa salva vidas. “Como se trata de um vírus respiratório e este precisa de alguma proximidade para ser transmitido de pessoa em pessoa, se blo-



MÁRIO CRUZ/LUSA

quearmos essa proximidade bloqueamos a transmissão”, diz Pedro Simas.

**Menos doentes nos cuidados intensivos**  
Outro indicador que se mostrou mais positivo nesta semana foi o número de interna-

dos em cuidados intensivos, que desde quarta-feira tem estado a diminuir. No total, há agora 226 pessoas em estado considerado grave no país (menos 15 do que no dia anterior), num universo de 1179 hospitalizados.

“Ainda é muito cedo para conseguirmos tirar alguma conclusão sobre a que corresponde esta diminuição. O certo é que temos vários serviços de medicina intensiva a reportar-nos altas de doentes. Ao mesmo tempo, parece ter existido uma estabilização do número de doentes admitidos”, explica o médico João Gouveia, presidente da Comissão de Acompanhamento da Resposta Nacional em Medicina Intensiva para o covid-19.

A medicina intensiva é sempre apontada como uma das maiores preocupações do país, uma vez conhecidas as “carências crónicas” do Serviço Nacional de Saúde nesta especialidade. Portugal é o quarto país da União Europeia com menos camas nos cuidados intensivos: 6,4 por cem mil habitantes. Menos do que Espanha, por exemplo, que tem 9,7 por cada cem mil pessoas, mas mesmo assim, em Madrid, já foi necessário o dobro da capacidade disponível, em março.

Aos portugueses faltam ainda médicos intensivistas, depois dos equipamentos necessários neste serviço terem aumentado para o dobro. Portugal duplicou a sua capacidade de ventilação, com as compras do Ministério da Saúde e com as doações de diversas entidades, desde câmaras municipais a clubes de futebol e empresas, existindo agora mais de 2500 ventiladores no país.

“Falta intensivistas? Sim, porque já são poucos à partida, mas vamos formar mais”, garante o médico de cuidados intensivos João Gouveia. Mediante a necessidade, especialistas de outras áreas já habituados a lidar com doentes críticos serão treinados e orientados para reforçarem os serviços.

“Se conseguirmos aplanar a curva – como parece estar a acontecer –, e com as novas disponibilidades de ventiladores, se calhar não vamos perder a capacidade de resposta”, pensa o intensivista do Hospital Amadora-Sintra João Mendes. É uma esperança. E para ser confirmada, dizem os especialistas, as medidas de contenção não podem ser descuidadas.

## Provedora já recebeu mais de 200 queixas de cidadãos

**Estado de emergência. Desde que entrou em vigor, provedora de Justiça já abriu mais de duas centenas de processos, que resultam de queixas de cidadãos.**

O cancelamento e o reembolso de viagens ou de espetáculos; o preço elevado de produtos, como álcool ou gás; a situação de desproteção social de trabalhadores independentes em várias áreas, como no setor cultural, cabeleireiros, etc.; as rescisões de contrato no domínio da habitação; a requisição civil de alojamentos turísticos e hotéis para realojamento imediato de pessoas sem casa; o pagamento de propinas quando estabelecimentos de ensino não funcionam na sua plenitude; a desinfecção não adequada de meios de transportes. Estas são algumas das situações em que os portugueses se sentiram lesados nos seus direitos e fizeram chegar à provedora de Justiça – e que já levaram à abertura de mais de duas centenas de processos.

Em resposta ao DN, fonte oficial da provedoria confirma que “desde o início do estado de emergência, e diretamente relacionados com a pandemia, já foram abertos mais de duzentos processos de queixas, alguns envolvendo mais do que um reclamante”.

O Provedor de Justiça é dos órgãos de soberania que se mantém a funcionar em pleno, uma situação que decorre da própria lei, para que os cidadãos tenham um organismo independente ao qual possam expor as suas queixas. Das que chegaram, uma parte respeita às medidas extraordinárias de apoio decretadas pelo governo, pelo que a provedora, Maria Lúcia Amaral, já reco-

mendou várias “adaptações às leis no sentido de as tornar mais equitativas e justas”. Por exemplo, que “as medidas de apoio fossem estendidas aos trabalhadores com funções incompatíveis com o teletrabalho e que se viram forçados a ficar em casa para prestar apoio a idosos dependentes, após o fecho de lares e centros de dia”, ou que “advogados e os solicitadores passem a estar abrangidos por medidas de apoio similares às dos trabalhadores independentes”, explica também a provedoria.

Mas há outras áreas a que a Provedora de Justiça tem vindo a dar especial atenção – as questões relacionadas com o pacote de apoios aos trabalhadores independentes, nas suas várias vertentes, e as medidas fiscais decretadas.

Outra das preocupações da provedoria tem que ver com a suspensão das execuções fiscais e a forma como esta está a ser concretizada, nomeadamente, explicaram-nos, “no que diz respeito a penhoras de vencimentos, de pensões ou de contas bancárias que já haviam sido ordenadas previamente à emissão das medidas extraordinárias e que agora também deverão ser suspensas com efeitos tão imediatos quanto possível, a fim de ajudar ao alívio financeiro de famílias, empresários e empresas”.

Mas desde que o estado de emergência entrou em vigor, a provedoria registou também “um aumento considerável da procura de apoio e esclarecimento através das linhas telefónicas dedicadas aos idosos, às crianças e às pessoas com deficiência”. Assim, de 16 março a 5 de abril, a Linha do Idoso recebeu 327 chamadas, um aumento de 127% , comparativamente com igual período do ano passado. E 57% das chamadas estavam diretamente relacionadas com o covid-19, muitas com pedidos de informação sobre o regime de justificação de faltas para cuidar de idosos dependentes, pensões, saúde, acesso a prestações sociais e serviços de apoio, como compras e medicação.

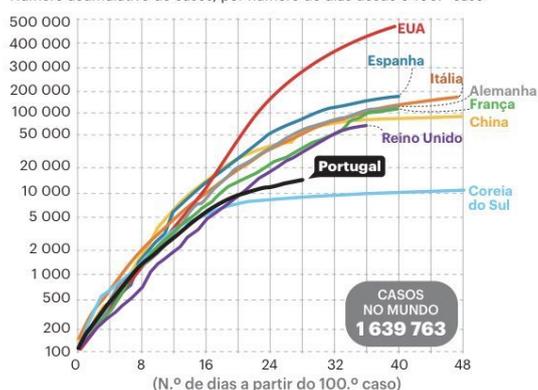
A Linha da Criança recebeu 73 chamadas no mesmo período, o que traduz um aumento de 152% em relação ao período homólogo. Destas, 63% também diziam respeito ao covid-19, questões ligadas aos cuidados de saúde como ao exercício das responsabilidades parentais (grande parte relacionadas com o cumprimento do regime de visitas nestes tempos de exceção).

Por fim, a Linha do Cidadão com Deficiência foi a que registou uma redução de chamadas, 51% em relação ao período homólogo. Mesmo assim, 40% das chamadas estavam relacionadas com o covid-19, sobretudo no que respeitava ao regime de justificação de faltas para cuidar de pessoa com deficiência.

**ANA MAFALDA INÁCIO**

### Evolução dos casos da covid-19

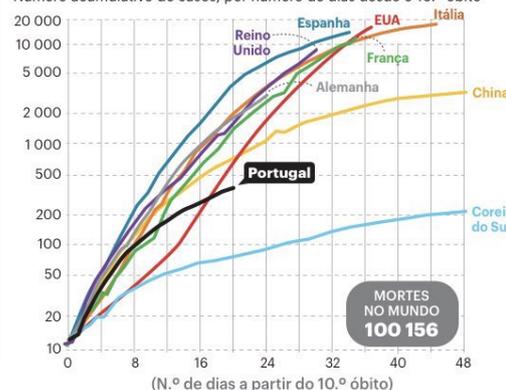
Número acumulativo de casos, por número de dias desde o 100.º caso



Fonte: Worldometers, DGS

### Evolução dos óbitos por covid-19

Número acumulativo de casos, por número de dias desde o 10.º óbito



Infografia DN

PAULO PENA com Thodoris Chondrogiannos e Nikolas Leontopoulos – Investigate Europe

No dia 6 de março, o Facebook anunciou “a proibição temporária de anúncios e listas comerciais, como as do Marketplace, que vendem máscaras de rosto médicas”, com o objetivo de evitar a exploração de receios sobre a pandemia do coronavírus. O Instagram (marca do grupo Facebook) também anunciou no Twitter a mesma decisão.

Contudo, mais de três semanas depois, esses anúncios continuam a circular. E colocam dois problemas: promovem a compra motivada pelo pânico, agravando a escassez de máscaras e outros produtos de que os profissionais de saúde necessitam, e alimentam um mercado de fraude pura e simples. Muitos dos anúncios relacionados com o coronavírus nas redes sociais são esquemas de cibercrime.

“Seguem-nos *online* e exploram as nossas preocupações com o coronavírus. O nosso medo torna-se a sua oportunidade de negócio. O número de medicamentos falsos, *sprays* de desinfecção ou curas milagrosas vendidos *online* é espantoso”, advertiu a presidente da Comissão, Ursula von der Leyen. A Interpol também alertou para a crescente onda de fraudes *online*, sobretudo relacionadas com máscaras e outros produtos: “Em vez de receberem as máscaras as vítimas viram o seu dinheiro desaparecer nas mãos dos criminosos.”

#### A campanha fraudulenta em Portugal

Ao longo das últimas semanas seguimos vários anúncios a máscaras e material médico que estão ativos no Facebook em português. Alguns desses espaços publicitários, comprados à rede social, foram rapidamente identificados e retirados pela empresa.

Mas muitos continuam ativos, como demonstram os vários exemplos que recolhemos. Neles é notório o risco de fraude. Não só os preços são absolutamente exagerados (alguns *sites* vendem máscaras por 500 dólares), como as marcas que anunciam são suspeitas. Não existem, ou foram registadas há semanas, ou reconverteram a atividade anterior que exerciam e nada tinha que ver com material médico.

Vários destes anúncios têm erros de escrita (o que revela poderem ter sido criados por *software* de disseminação de conteúdos), e a esmagadora maioria publicita os seus artigos de uma forma camuflada (para iludir o próprio Facebook) e em inglês, o que demonstra ser uma atividade internacional coordenada.

Mas o problema é ainda maior. Qualquer cidadão que pesquise no Google “máscaras covid” (por exemplo) torna-se uma vítima potencial destes esquemas de cibercrime. Porque a publicidade, no Facebook, não procura seduzir as pessoas a comprar. Os anúncios a máscaras chegam a quem as deseja, porque a rede social funciona assim, dirigindo a cada um de nós os produtos que sabe que procuramos, com a informação que tem sobre as nossas pesquisas e comportamentos *online*.

#### Os anúncios encontram-nos a nós

É complicado, por isso, saber que produtos estão a ser anunciados no Facebook, mas é possível “influenciar” os algoritmos – pesquisar material médico no Google e visitar *sites* de saúde. Os *cookies* são descarregados para o telefone ou o computador dos utilizadores, permitindo que as empresas que anunciam artigos médicos no Facebook encarem esse utilizador como um potencial comprador.



ANGELA WEISS/AFP

# Máscaras: Facebook não controla anúncios fraudulentos

Em Portugal e por toda a Europa continuam a circular anúncios de empresas que vendem máscaras faciais e outros produtos médicos, que o Facebook diz ter banido por explorarem o clima de medo criado pela pandemia do SARS-CoV-2.

Quando os repórteres do Investigate Europe o fizeram em vários países europeus, o Facebook e o Instagram mostravam conteúdos patrocinados que violavam a proibição e indicava tentativas de fraude. Por exemplo, um desses anúncios a máscaras de rosto médicas foi comprado por uma página no Facebook chamada Pautty. Uma visita rápida ao *site* revela que este não é um vendedor de equipamento médico. A imagem da empresa basta para que tiremos essa conclusão: um casal em contraluz, em frente a uma lua gigante. A página diz que é especializada em “joias personalizadas de alta qualidade”. Tem um total de quatro seguidores.

O anúncio e a página estão ambos ligados a um *site* ([magicgifts.info](http://magicgifts.info)) que vende máscaras de rosto médicas que parecem ter sido adicionadas apressadamente a uma loja virtual, fazendo agora companhia a outros artigos como a “lâmpada lunar personalizada” e a “luz noturna fotográfica personalizada – leitor de música Bluetooth”. As máscaras de rosto são anunciadas como proteção contra covid-19 e custam 49,93 dólares. Na página de encomenda por baixo do ítem uma contagem decrescente avisa: “Despacha-te! Restam 1!”

A nossa pesquisa encontrou dezenas de *sites* igualmente questionáveis – em várias línguas.



◀ **A nossa pesquisa encontrou dezenas de sítios suspeitos anunciando a venda de máscaras e outros produtos relacionados com o coronavírus. Nas letras miúdas muitos destes sítios afirmam que só reembolsam o dinheiro de artigos que não foram comprados em saldo – e estão todos em saldo.**

No final de março, a vice-presidente da Comissão Europeia Vera Jourová reuniu-se com representantes das plataformas digitais signatárias do código (entre elas Facebook, Twitter, Google e Microsoft) para discutir a disseminação da desinformação relacionada com o surto de covid-19. Jourová reconheceu que as plataformas adotaram medidas para remover anúncios mas observou que “subsistem lacunas na aplicação integral destas novas políticas” e instou as plataformas a “oferecer mais provas de que as medidas que tomaram estão a funcionar bem”.

Jourová disse ainda que as plataformas *online* devem também garantir que não estão, de facto, a ajudar os criminosos, fornecendo-lhes informações que lhes permitam visar os utilizadores mais receosos e crédulos. “É crucial eliminar os incentivos financeiros à desinformação por *clickbait* e aos esquemas de exploração, nomeadamente para garantir que não se visam alvos baseados em informações sobre vulnerabilidades ou receios sobre a doença, mesmo que indiretamente.”

Claro que isso é contraditório com o modelo de negócio de empresas como o Facebook e o Google, que cresceram através da sua capacidade tecnológica de direcionar anúncios a cidadãos especificamente identificados pelas empresas anunciantes, com um grau de sofisticação sem precedentes.

**Máscaras faciais e notícias falsas**

Apesar da urgência da pandemia, a Comissão Europeia continua relutante em adotar uma abordagem mais prática. Monique Goyens, diretora-geral da Organização Europeia de Consumidores (BEUC), que participou no grupo de alto nível que negociou o Código de Conduta sobre Desinformação, diz que a situação atual justifica a defesa de uma linha mais dura. “A pandemia de covid-19 mostra os perigos da desinformação *online*. Os falsos conselhos podem pôr em risco a vida das pessoas”, afirma Goyens, acrescentando que, embora os gigantes digitais tenham dado passos positivos, “temos de ter presente que o combate à desinformação não pode ser dissociado da abordagem do modelo de negócio das plataformas”. “Sem discutir a forma como os modelos de negócio da publicidade das plataformas estimulam a desinformação *online* não vamos resolver o problema da difusão da desinformação”, conclui Goyens.

Este ponto foi retomado pela eurodeputada verde alemã, e antiga candidata à presidência da Comissão, Ska Keller, que apela à criação de “regras europeias de competição para limitar o poder das plataformas e a desinformação difundida através delas”.

A existência de anúncios proibidos a máscaras médicas no Facebook acaba por lançar uma sombra profunda sobre esta questão mais vasta. Se o Facebook não pode filtrar algo tão claramente identificável como um anúncio de máscaras médicas no auge de uma pandemia, então que esperança podem oferecer os seus algoritmos e moderadores quando se trata do terreno muito mais complicado criado por campanhas de desinformação concertadas e sofisticadas?

*Investigate Europe é um projeto iniciado em setembro de 2016 que junta jornalistas de oito países europeus e tem o apoio das fundações Cariplo, Milão, Stiftung Hübner und Kennedy, Kassel, Fritt Ord, Oslo, Rudolf Augstein-Stiftung, Hamburgo, GLS, Alemanha, e Open Society Initiative for Europe, Barcelona.*

anúncios violam também uma política anunciada anteriormente, no final do mês de fevereiro, de “proibição de anúncios de produtos que se referem ao coronavírus de formas destinadas a criar pânico ou que implicam que os seus produtos garantem a cura ou impedem as pessoas de o contrair”. Por exemplo, a publicidade a máscaras faciais que anuncia ter “produtos que são os únicos ainda disponíveis ou que afirmam que têm a garantia de impedir a propagação do vírus não serão autorizados a circular nas nossas plataformas”.

**A resposta do Facebook**

Pedimos ao Facebook uma reação às nossas descobertas. Um porta-voz da empresa garante que a plataforma está “empenhada em impedir a exploração desta crise por quem quer obter ganhos financeiros” e que já tinha conseguido eliminar “milhões de anúncios”. “Embora este trabalho não tenha resultados perfeitos, continua a melhorar e criamos vários mecanismos de deteção automática para bloquear ou remover este material.”

Em 23 de março, o comissário responsável pela Justiça, Didier Reynders, escreveu às plataformas, meios de comunicação social e motores de busca para solicitar a cooperação na eliminação de burlas. Um funcionário da Comissão Europeia disse ao Investigate Europe que, desde a carta de Reynders, “o número de produtos anunciados tem tido uma redução muito significativa, até um milhão numa semana, no maior operador”.

A pedido do Facebook, o Investigate Europe partilhou alguns dos anúncios problemáticos ativos e a empresa removeu-os, mas muitos outros ainda podem ser vistos, levantando sérias questões quanto à verdadeira eficácia dos “mecanismos de deteção automática” do Facebook. Não conseguimos saber,

**Uma visita rápida a um dos sites revela que não é um vendedor de equipamento médico. A página diz que é especializada em “joias personalizadas de alta qualidade”.**

exatamente, quantos anúncios desse tipo circulam no Facebook, quantos cliques conseguiram – ou quanto dinheiro foi pago ao Facebook para os mostrar. O Facebook não responde a perguntas sobre esses números.

Também não há a quem fazer queixa: a Comissão Europeia e a Interpol recusam-se a fornecer estimativas quanto à dimensão deste mercado ilegal de anúncios. “A Comissão não é uma agência de aplicação do direito do consumo. A aplicação (emissão de multas, etc.) continua a ser da competência das autoridades nacionais também nestes contextos”, disse um funcionário da Comissão ao Investigate Europe.

**Publicidade no Facebook e desinformação**

Parece haver poucas hipóteses de que essas multas ou outras sanções sejam aplicadas ao Facebook. Até à data, a abordagem dos governos europeus e da Comissão Europeia tem sido a de esperar que os gigantes da internet façam o que está certo, tal como acordado ao abrigo do Código de Conduta da UE sobre Desinformação, de carácter voluntário.

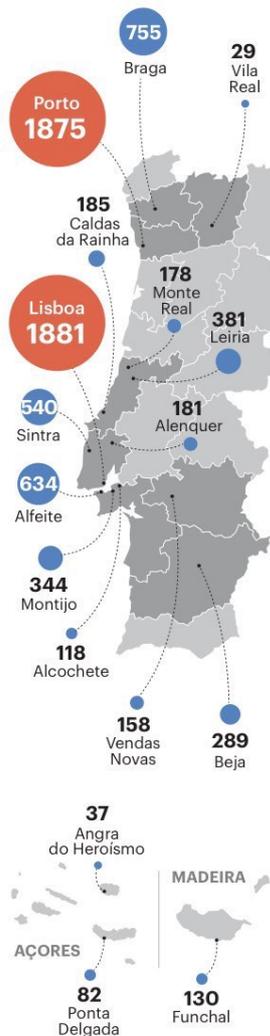
guas: português, inglês, alemão, italiano, polaco, grego – anunciando a venda de máscaras e outros produtos relacionados com o coronavírus. Nas letras miúdas dos acordos de compra (quando existem), muitos destes sites afirmam que só reembolsam o dinheiro de artigos que não foram comprados em saldo – e estas máscaras, apesar de custarem centenas de euros, estão todas em saldo... Outros sites oferecem “testemunhos” que são claramente fraudulentos, cheios de erros gramaticais e com imagens dos supostos autores, que uma pesquisa rápida de imagens no Google revela terem sido retiradas de outros sites.

Outro exemplo: um anúncio a máscaras de rosto surge numa página chamada GaowenWu, com uma imagem de perfil de uma palmeira e uma foto de capa de um desenho animado de anime. Na secção “sobre”, afirma ser a página de um “apresentador de notícias”. O anúncio apresenta uma grande imagem de uma mulher usando uma máscara facial médica com o texto: “Depressa! Máscara de proteção médica cirúrgica descartável em stock. 50 Pcs por caixa. Estamos a ficar com pouco stock!!! Estamos a ficar com pouco stock!!!!”

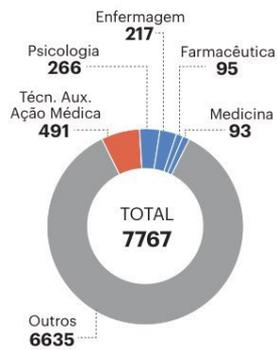
Além da proibição das máscaras médicas no Facebook, decidida a 6 de março, estes

## Distribuição de voluntários

POR ÁREAS GEOGRÁFICAS



POR ÁREAS DE ESPECIALIZAÇÃO



Fonte: EMGFA



# Há 7800 voluntários nas Forças Armadas na guerra ao covid-19

As Forças Armadas não se mostram surpreendidas com a resposta de milhares de pessoas ao convite lançado para voluntários. Já foram chamados 60, a maioria da área da saúde e para apoio hospitalar.

VALENTINA MARCELINO

João Paulo Pinhal diz que “está nas nuvens” a trabalhar oito horas por dia como voluntário na lavandaria do polo do Porto do Hospital das Forças Armadas (HFAR). Carlos Silva, um segurança do Montijo que foi fuzileiro, ainda não foi chamado mas está pronto para vestir de novo a farda e fazer o que lhe destinarem. “Nunca fui homem de ficar nas trincheiras”, exclama. Isabel Santiago, uma especialista em comunicação de crise na área da saúde, é voluntária por natureza e aguarda a chamada do Estado-Maior-General das Forças Armadas. Pedro Rebelo é enfermeiro, especializado em cuidados intensivos e doenças infetocontagiosas e sentiu que “havia uma missão a cumprir”. Todos integram a *shortlist* dos primeiros 60 voluntários que o EMGFA já escolheu e que estão a ser colocados no HFAR de Lisboa e do Porto e em alguns dos centros de acolhimento preparados pelas Forças Armadas em várias unidades por todo o país.

▲ O chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, almirante Silva Ribeiro, recebeu o primeiro grupo de voluntários que vão ser colocados nos próximos dias.

## Estes voluntários foram angariados para colaborar especificamente na resposta à pandemia de covid-19.

Nesta quarta-feira, segundo os dados facultados pelo EMGFA, a bolsa de voluntários para apoiar a guerra contra a pandemia provocada pelo novo coronavírus estava quase a bater os 7800 (7797, precisamente), mas “esse número sobe todos os dias”, indicou ao DN o tenente-coronel Paulo Cruz, coordenador do programa.

Esta bolsa de candidatos, sublinha, por seu lado, o porta-voz do EMGFA, “não são voluntários para as Forças Armadas, mas para uma situação concreta – colaborar especificamente na resposta à pandemia de covid-19”. Não está previsto, para já, o aproveitamento desta bolsa para outras ações futuras das FAA, designadamente no apoio à Proteção Civil.

A quantidade de candidatos não surpreendeu este oficial, “pois os portugueses são conhecidos pela sua solidariedade quando há problemas”. No entanto, sublinha, “esse número já parece enorme, se tivermos em conta o pânico que está instalado na sociedade em geral”. As seis dezenas de voluntários que foram chamados foram recebidos por Paulo Cruz e foram avisados do que os esperava, que possivelmente iam estar em locais onde estavam pessoas infetadas. “Nenhum desistiu”, sublinha o oficial.

Segundo os dados organizados pelo EMGFA, havia 1162 voluntários da área da saúde: 93 médicos, 95 farmacêuticos, 217 enfermeiros, 266 psicólogos e 491 técnicos e auxiliares de ação médica. Estes são os “prioritários” para as FAA, mas não quer dizer que não sejam utilizadas pessoas com outras competências. A maioria, 6635, são de outras profissões.

“Podem igualmente ser contactados voluntários com outras valências, tais como relações públicas ou gestão de recursos humanos, para colaborarem na gestão da atividade de voluntariado, incluindo a angariação e distribuição dos voluntários pelos vários locais, de acordo com as necessidades”, explica o porta-voz do EMGFA. Neste momento, exemplifica, foram chamados para trabalhar no gabinete do chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas (almirante Silva Ribeiro), dois civis voluntários, um especializado em gestão de recursos humanos, outro em gestão de catástrofes.

O plano prevê a utilização dos voluntários em apoio ao HFAR, aos centros de acolhimento militares, aos centros de acolhimento para utentes do Serviço Nacional de Saúde, instalados em unidades militares, e ao hospital de campanha da Cidade Universitária. “A seleção e a convocação”, sublinha o porta-voz, “serão realizadas com base nas listas divulgadas, sendo o seu acolhimento, enquadramento e coordenação assegurados pelos locais de exercício da atividade de voluntariado. De acordo com a sua experiência profissional, poderão prestar apoio nos diferentes hospitais e centros de acolhimento e do apoio hospitalar – serviços de lavanderia, apoio à segurança, alimentação, secretariado, higienização, transportes, entre outras”.

No que foi possível ao EMGFA analisar, a pedido do DN, a relação de voluntários inscritos “compreende um universo de cidadãos oriundos das diversas áreas geográficas do território (continente e ilhas), de todas as faixas etárias e com habilitações profissionais variadas. Há de tudo”, afiança o coordenador do programa: “Motoristas, pintores, eletricitas, bombeiros, cabeleiros, ex-militares, tudo o que se possa imaginar.”

Os primeiros a ser selecionados passaram por uma triagem prévia em que lhes foi perguntado qual a sua disponibilidade durante 30 dias. “É preciso termos uma ideia aproximada do que podemos contar para conseguirmos organizar escalas e turnos. A maior parte das pessoas podem vir dois, três dias por semana, várias estão em teletrabalho e têm mais disponibilidade, e temos também médicos dos centros de saúde que podem vir umas quantas horas”, sublinha Paulo Cruz. “As pessoas sentiram que podem contribuir, não ficaram conformadas em ficar em casa e querem sentir-se úteis”, frisa.

Para o João Paulo, que já está a tratar da roupa do hospital do Porto, “não há outro lugar onde se sentisse melhor”, apesar de a mulher ter ameaçado que o punha a dormir “noutro quarto”. Mas resolveu-se, “com uma condição: além de me desinfetar todo e tomar banho quando saio do hospital, obriga-me a tomar banho e a desinfetar-me quando chego a casa”.

## Testemunhos



**João Pinhal**  
Ramo automóvel

▶ Este voluntário do Porto, 52 anos, que fabricava peças de automóveis já está a trabalhar na lavanderia no polo do Hospital Militar daquela cidade. Diz que sempre teve o “bichinho” do voluntariado. Foi bombeiro e socorrista e, quando fez a tropa, em 1989, integrou o batalhão do serviço de saúde do Exército. “Estou nas nuvens aqui neste trabalho”, afirma. Conta que foi já “vítima” do covid-19, pois a empresa onde trabalhava fechou. Está “muito contente” por poder estar ali oito horas por dia.



**Isabel Santiago**  
Comunicação em saúde

▶ Investigadora da Faculdade de Medicina, é especialista em comunicação de crise em saúde pública. Uma valência que acredita ser de “grande utilidade” nesta pandemia. Isabel Santiago recebeu o e-mail do EMGFA a 24 de março, mas a 28 soube que estava infetada com o covid-19. Mas não desiste e até acha que pode ser uma “vantagem”, porque depois poderá ficar imune e não corre riscos. “Não podemos fugir à nossa natureza”, afirma Isabel, que também faz voluntariado na Caritas e na Refood.



**Carlos Silva**  
Segurança

▶ A mãe quase deixou de falar a Carlos Silva, 41 anos, quando este lhe disse que se tinha voluntariado para ajudar as Forças Armadas no combate à pandemia. “Ficou muito renitente, mas sabe que não sou homem de ficar na trincheira e que dou o corpo às balas”, sublinha este ex-oficial fuzileiro, função que desempenhou durante nove anos. Agora é segurança em carrinhos de transporte de valores. “Assim que vi a evolução das coisas, senti logo que tinha de fazer alguma coisa para ajudar”, sublinha.



**Pedro Rebelo**  
Enfermeiro

▶ Este enfermeiro de 36 anos trabalha diariamente no Hospital de Santa Maria, na unidade de cuidados intensivos. Ofereceu-se para voluntário e será nos seis dias de folga que vai dar o seu contributo. Filho de militar, não fez a tropa, por decisão do próprio pai, mas sente que “havia uma missão por cumprir”. A sua especialidade é de grande importância no Hospital das Forças Armadas e por isso foi um dos primeiros a serem chamados. “Fazia todo o sentido”, diz.



CIÊNCIA e  
INOVAÇÃO

PUB.

COM O APOIO:



### A “CURA” PARA O COVID-19 QUE TODOS PROCURAM

De forma a tentar  
para esta pandemia  
que já tantas vidas  
ceifou a nível  
mundial, a busca  
pela vacina é uma  
das prioridades dos  
investigadores



**EDUARDO DE GOMENSORO**  
Diretor médico  
da área de vacinas  
da GSK Portugal

O desenvolvimento de qualquer vacina passa por diversos processos para que esta possa ser finalmente administrada em humanos. Em primeiro lugar, o desenvolvimento de um adjuvante – que são famílias de substâncias que são adicionadas às vacinas para facilitar e melhorar o impacto das mesmas –, que se vai unir ao componente viral necessário para que estas façam efeito. Por outro lado, quando esta fase estiver completa, são realizados os primeiros testes em animais, sendo que, se bem-sucedidos, serão posteriormente realizados testes clínicos em humanos. A GSK desenvolveu um adjuvante que foi bem-sucedido na combinação com o vírus da gripe, na época das pandemias desta doença em 2009 e 2010. A combinação desse adjuvante com antígenos do coronavírus pode resultar numa vacina que pode contribuir para o controlo desta pandemia.

Mas numa fase em que o vírus se está a transmitir de uma forma bastante alargada, o tempo de observação de resultados dos testes acima referidos pode ser menor. Daí que estes possam ser observáveis em cerca de 12 meses, apesar de haver possibilidade de serem antecipados. No fundo, cada um deve saber qual a sua função nesta pandemia: os profissionais de saúde, que estão na primeira linha de combate a este inimigo invisível, os investigadores farmacêuticos, que continuam na luta para procurar uma forma eficaz de o suprimir e o cidadão comum, que ajudará – e muito – se realizar o isolamento social que foi pedido.

**“A combinação do adjuvante desenvolvido pela GSK com os antígenos do coronavírus pode resultar numa vacina.”**

# “Dizemos sempre aos pais: para o bem e para o mal, estamos cá”

Escolheram ser enfermeiros. Queriam trabalhar com crianças e quis o destino que se encontrassem na unidade de infecciologia do Hospital Dona Estefânia. Hoje, estão na linha da frente no combate ao covid-19. E deles parte o olhar que entre o medo e a ansiedade do diagnóstico tantas vezes acalma as crianças e os pais que ali entram.

**ANA MAFALDA INÁCIO (TEXTO)  
ORLANDO ALMEIDA/GLOBAL IMAGENS  
(FOTOS)**

**7** de março de 2020. Helena Figueiredo – Lena para os colegas, enfermeira há 13 anos, tantos quantos tem daquela que diz ser a sua segunda casa – jamais esquecerá este dia, pois foi aquele em que na memória rebobinou vezes sem conta todos os gestos e procedimentos que realizou no dia anterior, quando soube que a menina que tinha sido levada para a unidade de infecciologia da Estefânia pelo INEM, para ser testada ao covid-19, estava positiva.

Foi a ela que calhou o primeiro caso positivo desta nova epidemia, podia ter sido a qualquer outro colega dos 27 que estão ao serviço na unidade. Até ali, todos os suspeitos tinham dado negativo e “a esperança era sempre essa, mas há um dia em que dá positivo”, afirma. E quando assim é, o chão abre-se, por mais que digam e repitam a eles próprios: “Estamos cá para isto.” A verdade é que são humanos, o medo faz parte, os receios também. “Senti quase pânico. Fiquei com um nó na garganta. Já não consegui comer mais nada. Só revia todos os gestos e tudo o que tinha feito, para ficar com a certeza de que não tinha infetado ninguém”, conta.

O medo que sentia “não era tanto o de ter ficado infetada”, mas mais de ser ela a contaminar os colegas, o filho, o marido, os pais e outros que com ela pudessem cruzar-se. Um mês depois desse dia, Lena recorda a expressão assustada da criança e a revolta do pai quando ali chegou. “A menina estava visivel-

mente assustada. Brinquei com ela. Expliquei-lhe o que ia fazer e disse-lhe que, independentemente de ser positiva ou negativa, sentia-se bem e só tinha de se focar nisso.” Com o pai teve de ter a mesma atitude. “Ele vinha muito alterado, revoltado, e disse-lhe o que dizemos a todos os pais que entram aqui: não tenha medo, para o bem e para o mal, nós estamos cá”, mas sempre com a esperança de que aquele seria só mais um caso suspeito.

Mas não foi. Lena, de 35 anos, sentiu o que antes nunca tinha sentido como enfermeira: um “medo quase irracional”, só ultrapassado por “um grande apoio familiar, pela sorte “de ter alguém em casa que me conforta e me diz continuamente ‘és forte’, ‘vai ficar tudo bem’”. Só ultrapassado também “por trabalhar numa equipa unida, coesa, em que todos se apoiam uns aos outros, quando um está mais fragilizado, o outro avança. Temos um elo muito forte, que nos torna um elo maior. É como se fôssemos uma rede e é isso que nos faz ultrapassar o medo”.

## Uma chefe que é uma boa líder

Se assim é, também se deve à chefe que têm, Ana Oliveira, de 48 anos, enfermeira há 26. Quase todos naquela unidade, “só estive quatro anos afastada”. Ana tem ar de menina, o sorriso sempre nos lábios e uma voz tranquila. “Sou mesmo assim, mas também tenho os meus dias”, confessa, ficando um pouco atrapalhada quando os elogios vêm das colegas. “Ela é líder e uma boa líder”, diz Elsa Neves, 50 anos, enfermeira há 26 e há 25 naquela unidade. “Somos uma equipa coesa. Todos nós somos amigos além de colegas



◀ Mariana Sousa sai de um dos quartos depois de ter estado a limpar secreções a uma criança. Tem 25 anos e representa a geração dos enfermeiros mais novos na unidade.

de trabalho, mas também pela líder que ela é. A Ana consegue ter toda a calma e auto-controlo para nos manter a funcionar, dar-nos força. Quando estamos mais em baixo, consegue manter-nos unidos e motivados." O que faz que todos, mesmo nas alturas mais difíceis, saibam que estão a exercer em rede e "com satisfação, o que é muito importante neste serviço nos dias de hoje", reforça.

A equipa de enfermagem da unidade de infecciologia do Hospital Dona Estefânia tem 30 elementos, "três estão ausentes, por baixa médica, licença de maternidade e uma teve de ficar em casa por não ter com quem deixar os filhos nesta fase. Dos 27, "a maioria é da velha guarda", diz Ana. Só sete são muito jovens e estão em integração. As idades vão dos 22 aos 50 anos e todos dividem-se em três turnos, manhã oito pessoas, tarde e noite, cinco. Sempre equipas mistas, mais velhos e jovens. "A mais nova tem 22 anos. É uma recém-formada. Saiu da escola e veio para cá. E apanhou logo com esta situação" — Ana fala de Catarina, a jovem que naquele dia estava de folga. O mesmo aconteceu com os enfermeiros da equipa. "Temos quatro homens, um entra agora às 16.00, os outros estão fora." Para Ana, a equipa que lidera tem mostrado neste combate ao covid-19 aquilo que ela já sabia que era: "Uma equipa excepcional, sempre disponível, não se queixa. Todos temos medos e famílias, mas apoiamos uns aos outros."

Como líder, Ana diz que não tem uma máxima, um lema, que diariamente utilize para motivar a equipa, se tivesse, teria de ser "um por todos e todos por um", porque é assim que "funcionamos". Helena reforça: "Aqui sabemos que ninguém fica sozinho, quando um falha, falhamos todos, quando um ganha, ganhamos todos." De Ana todos dizem que já por si transmite tranquilidade, mas, mesmo assim, ela confessa: "Procuro controlar-me ao máximo quando estou preocupada, porque nada pode passar para o serviço, para as crianças ou para os pais." Garante que nada faz de extraordinário para ser o que dizem ser — "uma boa líder" —, apenas "tento estar muito atenta a todos, aos que precisam de falar, de descansar, aos que têm dúvidas ou não estão satisfeitos. Falamos muito todos. Até temos um grupo no WhatsApp onde, mesmo depois do trabalho, conversamos, descontraímos, rimos, brincamos".

Ana Oliveira entrou no Hospital de Dona Estefânia quando se formou e ali ficou. Na altura, "podíamos escolher para onde queríamos ir. E o meu sonho foi sempre cuidar dos outros, ajudar os outros, e a enfermagem coube na perfeição". Tem dois filhos de 4 anos, que registam o tempo antes, durante e depois do coronavírus. "Perguntam-me muitas vezes: 'Ó mãe, é amanhã que acaba o coronavírus?'" A epidemia mudou a vida da mãe e deles também. "Mudou não tanto profissionalmente, porque na unidade estamos habituados a este volume de trabalho, o que é mais difícil é a logística e as regras de proteção."

**"Ó mãe, o coronavírus acaba amanhã?"**  
Ana sai todos os dias de casa bem cedo, leva os dois filhos de 4 anos aos pais, "não deveria acontecer, mas não tenho mais ninguém com quem os deixar". O marido está em casa a recuperar de uma operação, que o deixou imobilizado. Por isso diz que cada vez que sai da unidade nunca sente alívio, "nunca desligamos totalmente, há sempre um telefonema ou uma mensagem que nos transporta para aqui", nunca sente alívio porque — tal como os colegas também sente — "e se levo o vírus comigo". De manhã sai de casa, calça uns sapatos, chega ao carro calça outros para

► Depois de tratar uma criança, a enfermeira Carla Carvalho volta ao vidro "para verem quem lá esteve". Na foto em baixo, a equipa de turno. Na fila de cima, Joana, a chefe Ana, Lena, Carla e Elsa. Na fila de baixo, Verónica e Dora.



conduzir e entrar em casa dos pais, deixa os filhos, "não há abraços nem beijinhos, é o mínimo de palavras, é difícil", diz, franzindo o nariz, "mas tem de ser". Volta ao carro, segue até ao hospital, quando estaciona, calça outros sapatos que a levam até à unidade. Às 08.00 já tem de estar a postos para a equipa da noite passar o turno. Há dias que têm oito a nove horas, outros dez a 12. "Nunca se sabe, são as que são precisas nesta fase."

Neste ano pensava que não iria comemorar o dia 19 março, levou os filhos para a casa dos pais ainda a dormir, sabia que iria sair tarde e que provavelmente já os apanharia a dormir. "Foi o que aconteceu", mas foi surpreendida

pelos colegas no meio de tanta pressão e deste vírus tão virulento, Ana teve a sua festa dos 48 anos, com flores e tudo a que tinha direito. "Foi muito bom. Para o ano cá estaremos para festejar a dobrar", diz emocionada.

#### Da gripe A, ao ébola e agora o covid-19

Agora é o covid-19, mas Ana já ali estava quando se prepararam para a gripe A e para o ébola, "houve muita agitação, mas nada que se compare aos riscos que corremos agora. A unidade tem de estar sempre preparada para estas situações, somos referência em pediatria no país", diz, realçando: "É por isto que também é importante os sermos unidos e o estarmos atentos uns aos outros. Alivia muito, ajuda a que consigamos superar os nossos medos e receios." Elsa recorda ainda mais para trás, "a SARS já cá estava, mas nada teve esta dimensão ou este receio."

A unidade de infecciologia da Estefânia é uma referência na pediatria. Ali estão quatro quartos de pressão baixa, hoje todos ocupados por crianças com covid-19 e pelos pais que as acompanham. A enfermagem está só destinada a esta doença e o hospital teve de criar dois circuitos, um para estes doentes, outro para os restantes, mas há algo que não se alterou na rotina. A música que ecoa das

colunas no teto. "Há sempre. É a nossa administrativa que trata disso, anima, alivia, deixamos bem-dispostos", explicam-nos.

Na sala de enfermagem, o quadro preso à parede está recheado de notas, o telefone não para e o intercomunicador é usado vezes sem conta para falar com os pais. "Rita, Rita", chama pelo intercomunicador Joana Santos, de 40 anos, há 18 como enfermeira naquela unidade. Rita é a mãe de uma das crianças que ocupam o quarto mesmo em frente da sala, mas as duas portas que as separam para cercar o vírus não lhes permite falar de viva voz. Só quando diz: "Rita, mãe da..." é que Rita reage, levanta a cabeça para o teto, como que à procura do sítio para onde tem de falar, e Joana pergunta-lhe: "Comeu? Tomou o comprimido, sente-se melhor da dor de cabeça?" Ela acena com a cabeça.

Joana sempre quis trabalhar com crianças, mas nunca tinha pensado em ser enfermeira. "Gostava da Biologia e da Ciência e arrisquei a enfermagem. Foi um caminho e uma paixão que fui construindo", confessa. E ao fim destes anos não se lembra de coisas más na profissão, prefere guardar as boas, sobretudo as que chegam dos pais. "Aqui, temos a função de tratar dos filhos e cuidar dos pais. No fundo, somos a rede deles, temos de lhes dar apoio e tornar o tempo que aqui estão também o mais confortável possível, aliviar-lhes a ansiedade. Às vezes, dizer-lhes 'já espreitei o exame, está tudo bem, o médico já vem falar consigo', é o suficiente para os acalmar." Naquele dia havia sete crianças internadas na unidade, durante a manhã tinham passado por ali umas dez a 12 para fazer testes de despistagem à doença. Ao todo, e desde a epidemia, 154 crianças foram testadas, 49 deram positivo, 24 ficaram internadas e seis atingiram o estado grave, duas eram, curiosamente, a mais velha que por ali passou, 18 anos, e a mais nova, até agora, de 4 meses.

Entre as enfermeiras, Dora é das mais novas, tem 26 anos, mas ainda há Mariana, de 25, Catarina de 22, Verónica de 28 e Renato também de 24. Todos em integração na unidade, alguns há poucos meses. Dora está ali há dez meses. Tinha feito seis meses noutra hospital. Nunca imaginou chegar e apanhar com "uma epidemia. É muito exigente, mas também muito desafiante".

Desde a epidemia, 154 crianças foram testadas, 49 deram positivo, 24 ficaram internadas e seis em estado grave.

# Em Schengen, a aldeia que tornou a Europa livre, o fecho das fronteiras soa a desastre

Há 35 anos, os líderes europeus assinaram na pequena aldeia luxemburguesa de Schengen o acordo que estabeleceu a livre circulação de pessoas, bens e serviços no continente. Agora, há bloqueios nas estradas, controlos policiais, gente desesperada para passar de um lado para o outro. Retrato de uma Schengen sem espaço.

TEXTO DE RICARDO J. RODRIGUES/  
ESPECIAL JORNAL CONTACTO  
FOTOGRAFIAS DE ANTÓNIO PIRES

**N**a marginal ribeirinha de Schengen há uma torre de bronze onde estão marcados todos os países que aderiram ao acordo europeu de livre circulação. Como a estrutura é formada por pequenas barras, viajantes de todo o mundo habituaram-se a prender ali cadeados para declarar a eternidade das suas paixões.

A torre não seria muito diferente dos miradouros e das pontes que existem em todo o mundo onde namorados agrilhoam o afeto. Não fosse este pormenor: aqui, uma boa parte das paixões são internacionais. Vera prendeu no setor português a sua paixão pelo anglófono Mark. Cyril tornou francesa a atração por Nicoleta, que tem nome romeno. Kaarl há de ser finlandês, pois foi lá que escolheu fechar à chave a eternidade com Enzo, que o mais provável é ser italiano. Na aldeia onde a Europa derrubou as barreiras também não as há para o romance.

A chegada do coronavírus, no entanto, criou o impensável. Trinta e cinco anos depois de a povoação tornar-se ícone da liberdade europeia, as fronteiras voltaram a fechar-se. Foi afinal em Schengen que cinco países europeus (Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Alemanha e França) assinaram em 1985 um acordo de livre circulação que cresceria e permitiria a mobilidade de um continente inteiro. Hoje, o Espaço Schengen abrange 26 países e estende-se de Portugal à Islândia e da Grécia à Noruega.

“Há toda uma geração que cresceu nas possibilidades do que Schengen abriu”, diz Michel Gloden, o presidente da autarquia local. Dá exemplos, diz que sem este pacto a Europa não teria visto tamanho crescimento do programa Erasmus ou tão grande adesão ao Interrail. Iniciativas que ajudaram a construir uma identidade europeia.

“Schengen ajudou a tornar a multiculturalidade, o multilinguismo e a mobilidade em pilares europeus”, diz Gloden. “Vê-la em confinamento é algo que me parte o coração.” São medidas temporárias, ele sabe, mas ainda assim. “Não podemos continuar de fronteiras fechadas muito mais tempo, há que encontrar outra solução para o coronavírus que não seja o isolamento total e por tempo indeterminado”, diz o autarca. “Senão corremos o risco de deixar colapsar a economia,

de criar um problema de saúde mental maior do que aquele que agora temos, e de a própria ideia de Europa cair irremediavelmente no chão.”

## Não passarás

Apesar de só contar com 549 habitantes, a escolha de Schengen para a assinatura do pacto europeu de liberdade de circulação está longe de ser uma coincidência. A aldeia fica no extremo sudeste do Luxemburgo, num ponto onde o pequeno grão-ducado faz simultaneamente fronteira com Alemanha e França na região da Lorena, disputada durante séculos pelas duas potências. Se havia

um lugar indicado para a promover a boa vontade europeia, era aqui.

O rio Moselle estabelece a divisão entre os três países e, pela ponte internacional sobre o curso de água, passam anualmente 50 mil turistas, mais umas dezenas de milhares de trabalhadores transfronteiriços que seguem marcha diária para o Luxemburgo. Se querem entrar, precisam de autorização escrita do governo, e é isso que os agentes da polícia alemã estão agora a controlar.

“A maioria das pessoas cumpre as ordens sem problemas, no entanto há muitos protestos”, diz um dos agentes fardados com o uniforme da Polizei, que promete responder





◀ Na marginal ribeirinha de Schengen há uma torre de bronze que assinala a assinatura do primeiro acordo europeu de livre circulação. Foi a 14 de junho de 1985 e cinco países foram os subscritores.

▼ Pela ponte internacional de Schengen passam anualmente mais de 50 mil turistas, além de dezenas de milhares de trabalhadores.



◀ A polícia controla e não deixa passar quem circula pela ponte desta aldeia que fica no extremo sudeste do Luxemburgo e que faz simultaneamente fronteira com a Alemanha e a França, na região da Lorena.

com o discurso oficial se lhe for identificado o nome, mas admite dizer o que pensa se lhe for preservado o anonimato. Escolha-se a segunda opção, que ele imediatamente atira esta pergunta: “Os vírus alguma vez têm fronteiras?”

É isso que muitos automobilistas lhe perguntam quando ele lhes dá ordem de marcha à ré. “Schengen, Perl e Apach fazem parte de uma única comunidade, apesar de uma ser luxemburguesa, a outra alemã a outra francesa.” Estão todas a menos de dois quilómetros umas das outras e vivem todas dependentes umas das outras. “O recolhimento eu entendo, também tenho os meus re-

“Desde que foi declarado o estado de emergência que não há fraldas no supermercado. Então fui à Alemanha e consegui trazer.”

ceios por passar aqui os dias a parar carros e comunicar com pessoas. Mas as fronteiras? Isto não é um problema entre países, é um problema da humanidade.”

A fila aumenta, agora o agente tem de ir perguntar às pessoas quem são, onde vivem, ao que vêm quando atravessam o Moselle. Então compra-se a marcha às arrecuas e o caminho de volta para o Luxemburgo. A meio da ponte aparece um homem a correr. Chama-se Pedro, é português, apelido não dá porque acabou de cometer uma ilegalidade. “Fui à Alemanha, fui. Desci umas escadas antes do fim da ponte e meti-me ali por uns caminhos para a polícia não dar por mim.”

Justifica-se com a filha, bebé de 1 ano, com quem ele e a mulher estão fechados em casa há duas semanas. “Desde que foi declarado o estado de emergência que não há fraldas no supermercado deste lado. Então eu hoje fui à Alemanha e consegui trazer.” Levanta as mãos e mostra dois pacotes dos grandes. “Pronto, está resolvido.” E larga a correr ponte abaixo, antes que a polícia dê por ele.

### Um receio de colapso

Sérgio Amaral, português de Vieira do Minho, vive aqui há dez anos e põe as coisas nestes termos: “Os que vivem no Luxemburgo não fazem compras no Luxemburgo, vão à Alemanha, que tem mais diversidade e é 30% mais barato. Então aqui não temos praticamente supermercados. Agora, que não podemos passar, a nossa vida tornou-se um martírio. Perde-se uma manhã inteira na fila do pão, uma tarde para ir buscar leite. Não sei quanto tempo mais conseguimos aguentar.”

Na zona onde se sonhou com o fim das fronteiras na Europa, elas de facto parecem ter-se esbatido, a ponto de ter nascido aqui uma economia triangular. “De facto, é na Alemanha que todos nós fazemos as compras”, confirma Gloden, o burgomestre de Schengen. “Tal como eles vêm ao nosso lado comprar combustível, bebidas e tabaco, que é mais barato por causa dos impostos. E todos vamos a França comprar roupa, consumir cultura.” O problema é que agora ninguém passa.

As novas barreiras estão a criar um problema económico grave nos três países. “A economia da nossa comuna assenta em três pilares essenciais”, explica o autarca. “A vinha, que não consegue agora despachar a produção, as bombas de gasolina, que vivem dos produtos petrolíferos, do tabaco e do álcool e estão às moscas, e o turismo, que caiu por terra. Em duas semanas, estamos muito perto do colapso.” O seu medo maior é que o fecho de fronteiras se estenda por um período que traga problemas irreversíveis – fecho de negócios, despedimentos, se calhar fome. “Não podemos deixar que a cura se torne pior do que a doença.”

A saída da aldeia há quatro estações de serviço, todas elas cheias de produtos e vazias de clientes. Uma funcionária da Shell fala em quebras de vendas na ordem dos 80%. Nos campos em volta, algumas vinhas são podadas, outras estão ao abandono. É que muitos dos produtores têm terrenos nos dois lados do rio, e agora não se consegue lá chegar.

Depois há o turismo, e esse ruiu por completo. “Só no Museu Europeu contávamos 50 mil visitas anuais. Todos os restaurantes e todas as lojas estão encerrados, já há empresários que não sabem se vão conseguir reabrir. E isto é só em Schengen”, diz Gloden. “Agora imagine a restante Europa começar toda a cair como um castelo de cartas.”

Aí as consequências seriam terríveis. É pelo menos essa a convicção de Valmir Mehmeti, chefe de redação do SchengenVisaInfo.com,

um dos maiores *websites* internacionais especializados em informação sobre política de fronteiras na Europa. “Acredito que os controlos de fronteiras sejam removidos assim que a pandemia de coronavírus termine, porque as perdas económicas são demasiado elevadas. No entanto, vimos que a crise de refugiados fez que alguns países as mantivessem em algumas regiões, e permanecem assim há seis anos.”

A cessação permanente do Pacto de Schengen seria catastrófica. “Há um estudo do Parlamento Europeu que estima que cada país perdesse anualmente entre quatro e 18 mil milhões de euros, dependendo da sua posição geográfica e dos canais alternativos de exportação.”

Para pôr as coisas em perspetiva, Malta tem um produto interno bruto de 13,7 mil milhões de euros. Ou seja, é esse o valor de toda a riqueza produzida por uma nação que é membro da União Europeia (UE) e do Espaço Schengen. Mas que ainda assim é inferior ao que alguns países na mesma situação perderiam se voltassem a impor fronteiras aos seus vizinhos.

### O momento decisivo

A verdade é que a ideia não parecia assim tão promissora quanto a realidade o revelou. A UE chamava-se então CEE – Comunidade Económica Europeia, contava com dez Estados membros, e só metade deles aceitaram o acordo de Schengen. O pacto foi firmado a 14 de junho de 1985 pelos cinco países, que não se fizeram representar por chefes de Estado, nem pelos primeiros-ministros, nem sequer pelos ministros dos Negócios Estrangeiros.

A história encarregou-se de mostrar que a livre circulação foi uma das maiores revoluções do Europa do pós-guerra, mas a verdade é que Schengen foi assinado por secretários de Estado – de Alemanha, Bélgica, França, Holanda e Luxemburgo, como já se viu.

Cinco anos depois, um novo tratado, assinado também na mesma aldeia, acrescentaria a abolição dos vistos e dos controlos fronteiriços, que até aí tinham-se mantido parciais. Itália aderiu em 1990, Portugal e Espanha em 1991, seguiram-se Grécia e Áustria. Em 1995 aboliram-se por completo as fronteiras entre os países signatários. Entraram Dinamarca, Finlândia e Suécia. A Noruega e a Islândia não quiseram aderir à UE, mas aderiram a Schengen em 1996.

A partir de 1999, Bruxelas decidiu que Schengen faria parte dos compromissos dos Estados que aderissem à UE. Foi assim com a República Checa e a Eslováquia, a Polónia e a Hungria, Malta e Eslovénia, Estónia, Letónia e Lituânia. A Suíça entrou em 2004, o Liechtenstein em 2008. Roménia, Bulgária e Croácia ainda não impuseram as medidas que lhes permitam a aderir ao pacto, mas estão obrigados a fazê-lo pelas diretivas europeias.

O lugar onde o acordo foi assinado é um barco de cruzeiro chamado *Princess Marie-Astrid*, que ainda opera viagens turísticas no Moselle. A ideia era que o tratado fosse assinado no exato ponto onde as fronteiras do Luxemburgo, da Alemanha e da França se cruzam: no meio do rio, ao largo de Schengen.

O *Marie-Astrid* ainda existe, está estacionado na doca de Grevenmacher, 30 quilómetros a norte. Não é a mesma embarcação, antes uma versão renovada onde se organizam passeios turísticos, almoços de luxo e festas temáticas. Preserva o nome da infanta luxemburguesa e o sino que soou quando a Europa assinou o acordo que lhe permitiu mover-se. Agora está atracado, à espera, sem saber quando poderá voltar a navegar livre. Como Schengen. Como a Europa inteira.

# Cem mil mortos depois, a resposta global é persistir no confinamento

Há mais de 1,6 milhões de pessoas infetadas em todo o mundo, mas o novo coronavírus, que surgiu na China, continua a atingir em especial a Europa e os EUA. Mais de metade da população mundial está sujeita a medidas de isolamento e não faltam vozes a exigir o regresso à normalidade, mas a OMS avisa que o “levantamento demasiado rápido das restrições poderá conduzir a um ressurgimento mortal”.

CÉSAR AVÓ

**D**onald Trump tinha desejado que parte do país pudesse celebrar a Páscoa sem restrições, mas a realidade impôs-se e a pandemia continua a expandir-se. Só no seu país há meio milhão de casos, quase um terço do total despistado a nível mundial. Apesar da renovação dos períodos do estado de exceção que se verifica um pouco por todo o lado, há países como Israel ou Itália que já planificam o regresso faseado à normalidade possível, como já aconteceu em Wuhan, a cidade chinesa onde o vírus eclodiu.

## África do Sul

Na quinta-feira o presidente Cyril Ramaphosa voltou a dirigir-se aos cidadãos para anunciar a extensão em 14 dias do período inicial de 21 dias de confinamento, ou seja, até ao final do mês. Nas duas semanas anteriores à declaração do estado de desastre nacional, o aumento médio diário de casos foi de 42%. “Desde o início do confinamento, o aumento médio diário foi de cerca de 4%.” No entanto, o presidente do país africano com mais infetados (2000 e 24 mortos) alertou contra o laxismo e disse que não era o momento para “relaxar”. O ministro da Saúde, o médico Zweli Mkhize, alertou para a “calma antes da tempestade devastadora”. Nos hospitais, os médicos mostram-se perplexos. “É um pouco estranho. Inquietante. Ninguém tem a certeza sobre o que esperar”, disse o infecciolista Evan Shoul à BBC. O governo impôs das medidas mais drásticas à escala global, proibindo inclusive a venda de álcool e tabaco e as saídas à rua para exercício ou passeio de cães, enquanto equipas sanitárias têm percorrido os bairros a examinar os habitantes. A Aliança Democrática, partido da oposição, criticou a prorrogação das medidas restritivas, defendendo antes um regresso faseado à normalidade.

## Bélgica

A Bélgica, com 11,5 milhões de habitantes, é um dos países europeus com mais casos (26 687), e em décimo na lista de países à escala global. Nas últimas horas foram



contabilizados os mortos nos lares de idosos na segunda quinzena de março na região da Flandres, tendo o número de óbitos ultrapassado os 3000. É nas cinco províncias do norte da Bélgica que se concentra o maior número de infeções, quase o dobro registado na Valónia e cinco vezes mais do que a região de Bruxelas-Capital. As autoridades de saúde afirmam que o número de hospitalizações bem como o de pessoas recuperadas aponta para um cenário de “estabilização”, num momento em que a ocupação das camas nas unidades de cuidados intensivos está nos 58%.

## Brasil

A América Latina e Caraíbas registam 50 mil casos de covid-19, uma fatia modesta no total de mais de 1,6 milhões no mundo. O Brasil é de longe o país mais atingido, tendo ultrapassado os 18 mil casos e cerca de mil mortos. Na quinta-feira registou-se um número recorde de novos doentes e óbitos. Enquanto o governo tenta por todos os meios

assegurar a aquisição de material de proteção e testes de despistagem à China, o presidente Jair Bolsonaro anunciou que vai recorrer da decisão do Supremo Tribunal que impede a presidência de reverter medidas de isolamento decretadas a nível estadual.

## China

Em Wuhan a vida social começa a restabelecer-se, após o levantamento do estrito bloqueio a que a cidade onde a pandemia eclodiu em novembro ficou sujeita. Enquanto os dados oficiais apontam para um controlo da doença, com o número de novos casos diários nas casas das dezenas e o registo de mortes a contar-se pelos dedos de uma mão, as atenções viram-se para a controvérsia entre Pequim, Taipé e Washington com a Organização Mundial de Saúde pelo meio. A Casa Branca acusou a OMS de

ter ignorado o alerta de Taiwan, em dezembro, sobre uma possível transmissão do coronavírus entre seres humanos, o que foi refutado. O diretor-geral da OMS, Tedros Ghebreyesus, pediu para “não se politizar o vírus”.

## Espanha

Ao pedir aos deputados a renovação do estado de emergência até 25 de abril, o primeiro-ministro Pedro Sánchez anunciou logo que não seria a última vez. O executivo espanhol está debaixo de fogo da oposição porque o país é o segundo com maior número de pessoas contagiadas (157 022, dados de quinta-feira) e o terceiro em número de vítimas mortais (15 843). E também da opinião pública: segundo uma sondagem do ABC, só 28% dos espanhóis estão satisfeitos com a atuação do governo, o qual na sexta-feira recomendou a utilização de máscaras reutili-

záveis nos transportes públicos. A notícia positiva é que entre quarta e quinta-feira morreram 605 pessoas, o número mais baixo em 17 dias.

## Estados Unidos

O estado de Nova Iorque, que tem mais infetados (acima de 170 mil) do que qualquer país e mais de um terço do total dos Estados Unidos, viu-se na contingência de recorrer a uma vala comum onde foram depositados os caixões de cadáveres que não foram reclamados por familiares ou cujas famílias não podiam pagar o funeral. As autoridades de

## O governo italiano renovou o período de isolamento até 3 de maio, mas permite a reabertura de livrarias, papelarias e lojas de roupa para crianças.

## Israel

O recolher obrigatório aplicado durante a Páscoa (Pessach) foi levantado na sexta-feira, mas as restantes restrições mantêm-se numa "estranha" quadra, como reconheceu o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu. A partir de domingo será obrigatório o uso de máscara em espaços públicos por qualquer pessoa com mais de seis anos e sem deficiência. O Conselho Nacional de Segurança apresentou um plano para depois da Páscoa e inclui o aumento da percentagem de trabalhadores autorizados a regressar às suas funções, além de testar diferentes mo-

mais de 60 anos. Na vizinha Palestina há registro de 266 pessoas infetadas e dois mortos.

## Itália

O primeiro-ministro Giuseppe Conte chamou a si toda a responsabilidade pela renovação das medidas de emergência, ao anunciar nesta sexta-feira a renovação do período de isolamento até 3 de maio. No entanto, há novidades. A sua proposta prevê a reabertura de alguns setores de atividade, como as papelarias, as livrarias, o comércio de papel e de cartão, bem como lojas de roupa para bebés e crianças, assim assegurem condições de segurança, e deixou no ar a hipótese da reabertura de outras atividades antes do dia 3 de maio. "A esperança é que depois de 3 de maio possamos recomençar com cautela e de forma gradual, mas começamos de novo: isso dependerá dos nossos esforços", disse Conte



◀ Vendedores informais juntaram-se à porta da autarquia de Joazeiro para tentar obter licenças de atividade durante o período de confinamento.

LUCA SOLA/ANP

## Grécia

Com uma população comparável à portuguesa, a Grécia apresenta pouco mais de 2 mil casos e 91 mortos. A explicação, ou parte dela, reside na rapidez da atuação do governo de Kyriakos Mitsotakis. Dois dias depois do primeiro caso de infeção o governo proibiu os desfiles de Carnaval, bem como as viagens de estudantes ao estrangeiro. Todo o ensino foi fechado no dia 10 de março quando o número total de casos não chegava a cem. No dia seguinte, o primeiro-ministro fez o primeiro de cinco discursos naquele mês para explicar as medidas adicionais de restrições que foi tomando e pedindo para todos seguirem as instruções dos médicos. Quando se deu a primeira morte já as escolas estavam fechadas e os ajuntamentos proibidos, enquanto em Espanha passou quase um mês e em Itália quase duas semanas.

saúde olham para os dados com esperança e cautela: após o número de mortes diárias ter quase atingido as 2 mil na terça-feira, esse valor tem caído ligeiramente. O diretor do Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas, Anthony Fauci, disse que os EUA podem regressar à atividade até ao verão se estiverem prontos para lidar com o inevitável pico de contágios que um alívio das restrições trará. A Casa Branca divulgou uma previsão em baixa de mortes (de 93 mil para 60 mil) e Donald Trump já vê "uma luz ao fundo do túnel".

delos de trabalho por turnos ou em dias alternados. O ensino especial será o primeiro a retomar, seguido do pré-escolar, e por fim, o restante sistema escolar. O plano, que mantém os centros comerciais e estabelecimentos recreativos fechados, estabelece um regresso à atividade em que os mais jovens serão os primeiros e as cidades verão as restrições serem levantadas por nível de infeção. As autoridades de saúde contam mais de dez mil casos de covid-19 e 92 mortes. A percentagem de vítimas mortais é mais baixa do que noutros países, o que se atribui ao facto de apenas 38% dos pacientes ter

aos compatriotas, alertando para o risco de deitar tudo a perder caso as regras deixem de ser cumpridas, em especial neste período da Páscoa. Até ao final do mês o governo deverá decidir se delega nas regiões a decisão sobre a liberdade de movimento dos cidadãos. O país com mais mortes (18 849) mantém números preocupantes de novos casos, mas o número diário de desaparecimentos devido ao novo coronavírus está a baixar e número de pessoas doentes está a registar um crescimento menor: em quase 150 mil infetados, havia na sexta-feira 98 273 doentes.

## Reino Unido

Que o primeiro-ministro de um país que testou até certo ponto a imunidade de grupo esteja infetado com a doença é bem representativo do perigo para todos do novo coronavírus. Além de Boris Johnson, que já saiu dos cuidados intensivos, havia na sexta-feira mais 73 757 pessoas diagnosticadas com covid-19 e o número diário de novos contágios continua a subir, assim como o de óbitos, que atingiu um novo pico, 980, totalizando quase 9 mil. O Ministério da Saúde informou que o Reino Unido está a realizar 19 mil testes diários (tendo como meta cem mil) e que há agora sete hospitais temporários.



## “Em consistência podemos comparar Portugal à Áustria e à Alemanha”

**Adalberto Campos Fernandes.** O ex-ministro da Saúde acompanha com preocupação o número de mortes por covid-19 em Portugal, aconselha o uso de máscara e diz que o combate tem sido exemplar – mas o jogo ainda não acabou.

**CATARINA CARVALHO**

**Nos últimos dias tem havido muitos elogios na imprensa internacional à nossa reação. É justo este aplauso geral?**

É justo porque essa avaliação é feita em termos comparativos. Este processo é um filme, não um conjunto de fotografias. Se comentarmos todos a fotografia, corremos o risco de nos enganar no epílogo. É preciso esperar para ver como o filme acaba. Mas se comparamos Portugal com os países da EU, estamos efetivamente talvez no primeiro terço dos países que tomaram as medidas no tempo mais adequado, organizaram o sistema e o dispositivo de resposta da forma mais adequada. Tendo eu trabalhado com o primeiro-ministro, isto pode ser mal-entendido... estou a ser simpático em causa própria. Mas não estou.

**No início fez bastantes críticas, por exemplo, à falta do confinamento naqueles dois ou três dias em que levou à decisão.**

Mas não foi ao governo. Prestei nessa altura, com outros, modestamente um serviço ao país. Ficámos estarecidos com a posição do Conselho Nacional de Saúde Pública. E foi o primeiro-ministro que, enquanto líder, tomou a decisão. Quando olhamos para a Europa, para as lideranças políticas... em Espanha as dificuldades são tremendas. O Sánchez está com enormes dificuldades em unir o país. Em Itália o primeiro-ministro tem feito um esforço, mas está ensanduichado entre a pressão dos dois extremos que procuram cavalgar o desastre para tirar dividendos políticos. Em França o presidente Macron não está propriamente no pico da sua popularidade. O Reino Unido é um caso extremo. A própria Suécia entrou com uma abordagem e mudou. Se tivéssemos de fazer uma avaliação de 10 / 15 países da Europa, o nosso governo esteve não só muito bem como em termos de consistência pode ser comparado, por exemplo, à Áustria ou à Alemanha. Nesse aspeto creio que os comentários que são feitos são justos.

**O que é que falhou?**

Quando se está sob uma tempestade brutal, a ser fustigado, é impossível ser perfeito. Acho que fizemos praticamente tudo aquilo que era necessário fazer no tempo que era necessário. Felizmente fechámos as escolas naquela altura. Af iríamos cometer um erro gravíssimo e já o referi. O que podia ser melhor. Talvez a política dos testes mais agressiva, mais rápida e mais eficaz. Eu não arrastaria esta polémica sobre as máscaras desnecessariamente. Porque é óbvio que as máscaras têm utilidade, têm interesse e provaram-no em muitos países. Finalmente, a coisa que compreendo pior é a resistência, a dificuldade em que os dados sejam usados pela comunidade científica. Isso não consigo compreender.

**Não estamos a lidar com a questão das máscaras como devíamos?**

A DGS optou por seguir – é uma opção – a atitude um pouco ambígua da Organização Mundial da Saúde, que fala para o mundo inteiro, não fala para Portugal. E quando faz uma recomendação tem de pensar nos países do Terceiro Mundo, onde a apropriação de máscaras pela comunidade fazia que os hospitais não tivessem equipamentos. Mas todos os textos da OMS deixam liberdade aos países para as adotarem em função das suas próprias disponibilidades. Portanto, a Áustria, outros países... o Extremo Oriente foi bem-sucedido porque usou máscara... As máscaras são uma barreira física. Tem, naturalmente, de se definir grupos-alvo,

começar pelos primeiros, os profissionais de saúde, e ir por aí abaixo. Não faz sentido nenhum para mim, não só enquanto médico de saúde pública mas enquanto cidadão, que a senhora que está no supermercado a atender não esteja protegida e não esteja a proteger também as pessoas.

Há esta ideia de que a própria recuperação da atividade económica beneficiará muito de uma mudança de cultura em que a máscara faz parte do nosso *kit* de proteção individual.

#### Que outras mudanças prevê quando voltarmos à vida normal?

Quando voltarmos ao trabalho temos de ser menos físicos na relação social. Manter o distanciamento social. Ter hábitos de lavagem de mãos, provavelmente ainda maiores do que tínhamos. Perceber que não é bom locais de trabalho onde se aglomeram em dez metros quadrados seis ou sete pessoas. E que a máscara faz parte do que será, durante um tempo, o *kit* de proteção – nosso e dos outros. E isso ajuda a reabilitar a economia. Oiça: é mais efetivo pôr toda a gente com testes feitos e máscara colocada na rua, com cuidado, do que manter um país todo fechado em casa...

#### Alguma vez pensou que passássemos por uma coisa destas?

Este tipo de eventos são cenarizados, quer do ponto de vista de quem estuda a saúde pública ou as grandes crises e os grande eventos sanitários, quer do ponto de vista da segurança nacional dos países. Até porque nas últimas décadas o fator biológico e químico como ameaça à segurança da humanidade fez parte da agenda. E países como os Estados Unidos desde há muito tempo que integram as dimensões da saúde pública na segurança nacional.

#### O que nos trouxe até aqui?

A humanidade resulta de um procedimento crescente de convivialidade, de proximidade. A globalização veio acrescentar risco aos riscos sistémicos. E depois também há aspetos que ninguém discutia há 10 ou 15 anos, questões culturais ou hábitos de vida. Por exemplo, hoje ninguém duvida de que a China tem tradições e práticas que representam um risco para a quebra da barreira de espécie, pela proximidade entre a espécie humana e outros tipos de animais com os quais não existem, normalmente, interações. Portanto, tudo isto é, para concluir, não diria previsível, mas era uma probabilidade que um cenário de quem estuda as tendências futuras poderia pôr em cima da mesa. O problema está sempre na fórmula como isto se traduz e se concretiza.

#### Fazemos previsões de sismos, de incêndios florestais... Porque é que não estava ninguém – é mesmo ninguém – preparado para uma coisa destas?

Eu não seria tão pessimista em relação a esse grau de preparação. Olhando para os países do mundo, esta crise sanitária que tem afetado sobretudo o hemisfério norte e os países mais ou menos...

#### Ricos.

E ainda assim os dispositivos globais de saúde pública, nas primeiras semanas, revelaram desarticulação, os países revelaram egoísmo na tentativa assustada de proteger as suas populações. De uma forma ou outra, foram construindo mecanismos de defesa. O que está em cima da mesa aqui é talvez diferente e é uma lição para o futuro.

#### Qual?

É que hoje, a partir de agora, nenhum país pode deixar conscientemente de considerar os dispositivos de saúde pública e os sistemas de saúde como elementos estratégi-

“Estamos entre os que tomaram medidas no tempo mais adequado, organizaram o sistema e a resposta.”

“Eu não arrastaria esta polémica das máscaras. Têm utilidade, interesse, e já o provaram em vários países.”

“É óbvio hoje que a China tem tradições que representam um risco para a quebra da barreira de espécie.”

cos da sua própria existência. Os Estados Unidos são a maior economia do mundo. Têm uma das melhores medicinas do mundo, a maior dinâmica de investigação científica. E no entanto não têm um sistema de saúde articulado. Faz que um vendaval epidémico destes destrua grandes faixas da população, sobretudo os mais vulneráveis e os mais pobres.

#### Ou seja, acha que isto vai mudar a perspetiva de olhar para os sistemas de saúde? Antes de isto tudo começar estávamos a debater PPP, cooperação público-privado, a importância real do SNS no país, etc. Isso tudo vai desaparecer?

Sim. Isso vai desaparecer com a espuma dos dias. Os países têm de ter sistemas de resposta. A opção pelos modelos de resposta que cada país tem é uma opção política. Eu penso que essa resposta deve ser ancorada num pilar público de grande robustez. Porque em situações de crise, por natureza própria do mercado e do setor privado, ele não está preparado nem orientado para esse tipo de resposta. Mas pode ser muito útil, como aliás está a ser em Portugal, mobilizado através do eixo estruturante, que é o Sistema Nacional de Saúde. O sistema público de base, forte, organizado, com profissionais estabilizados, com carreiras reconhecidas, com uma boa medicina, uma boa enfermagem, boas profissões de saúde, faz toda a diferença. E repare, se olhar para os países da Europa que hoje estão a fazer melhor, que duas variáveis estão sempre presentes? O bem-estar público, a riqueza e o rendimento, e sistemas de saúde bem estruturados e organizados.

#### Está a falar da Alemanha ou da Áustria?

Claramente. Da Finlândia. Por oposição aos países do sul que, apesar de terem sistemas de saúde de base pública – e até inspirados no modelo inglês – têm tido muitas dificuldades. O Reino Unido deixou, nos últimos anos, degradar muito o serviço nacional de saúde. Itália a mesma coisa. Espanha também. Portugal também teve problemas de investimento durante muitos anos. Apesar de tudo, Portugal tem sido, talvez pela dimensão do país e por ter uma boa saúde pública, um bom dispositivo de vacinação e, passe as dificuldades, com um sistema público forte, e um sistema privado que está a ajudar... Portugal nesse aspeto está coberto. Não está coberta a variável da riqueza e do bem-estar.

#### Que parte é que desse bom trabalho que temos feito até agora se deve ao SNS? E que parte é simplesmente circunstância?

Começamos pelo o dispositivo de saúde pública. Uma epidemia é algo que se controla e se confina fora do hospital. Na comunidade. Temos de ter, como Portugal tem, sistemas de vigilância, monitorização, controlo, reconhecimento no terreno e de capacidade de localmente, no domicílio, se tomarem medidas de prevenção do desastre epidémico. Nós temos um tecido profissional nessa área bastante reconhecido. Eu, que sou dessa área, tenho muito orgulho em tudo aquilo que essas pessoas estão a fazer no terreno – não apenas os médicos de saúde pública, mas as equipas. A sinalização dos casos, da sua vigilância, da ação

continua na página seguinte »



## CIÊNCIA e INOVAÇÃO

PUB.



COM O APOIO:

### A TERAPÊUTICA DA ASMA GRAVE DURANTE UM SURTO PANDÉMICO É DA MAIOR IMPORTÂNCIA



ANTÓNIO MORAIS

Presidente da Sociedade Portuguesa de Pneumologia

A

ocorrência de uma infeção respiratória em doentes respiratórios crónicos, nomeadamente em caso de infeção pelo vírus, pode acarretar consequências e sequelas graves, dada a maior predisposição para uma maior severidade e complicações, como é o caso de uma infeção bacteriana sobreposta. Frequentemente, mesmo em caso de recuperação, estes doentes apresentam um agravamento da sua doença crónica, não conseguindo recuperar o estado funcional respiratório basal que tinham previamente. Por isso é fundamental que os doentes respiratórios crónicos continuem a fazer os tratamentos regulares e, no caso de asma grave, ter a doença controlada é prevenir crises, diminuir o risco de infeção, evitando igualmente deslocações aos Serviços de Saúde. Nos doentes respiratórios crónicos há todo um quadro clínico ao qual tem de ser dada a devida importância, para além do surto pandémico, e o problema acresce quando há a

necessidade de fazer tratamentos em meio hospitalar, como são exemplo as terapêuticas biológicas, os novos fármacos para combater a asma grave. Se possível, é sempre preferível administrar um fármaco no domicílio, não só porque é mais fácil para o doente, diminui o risco de contactos e liberta espaço e vagas no hospital de dia para outros doentes que possam necessitar de terapêuticas que requerem administração em meio hospitalar. No entanto, a indicação de determinado fármaco em determinado contexto de Asma Grave é decidida pelo médico em consulta especializada e diferenciada para este tipo de tratamento.

É importante que os doentes respiratórios crónicos continuem a fazer os tratamentos regulares e, no caso de asma grave, ter a doença controlada é prevenir crises

» continuação da página anterior

junto do domicílio, dos confinamentos, das cercas sanitárias, esta ação sobre os lares – numa epidemia vale 70% do sucesso. Depois, quando as pessoas adoecem precisam de cuidados, que é outra fase do sistema. Isso faz-se nos cuidados primários e nos hospitais. Insisto: pese embora o sofrimento que o nosso sistema de saúde teve... Em Portugal o sistema de saúde não tinha ainda recuperado totalmente do embate da primeira crise, há dez anos. Daí que seja de valorizar mais ainda o que estamos a fazer, porque... vou dar-lhe uma nota curiosa: o que está a ser gasto – e bem – com o reforço do SNS agora vai ser quase tanto como o que no meu tempo o governo teve para investimento no SNS.

**Mas por não estar na nossa natureza ou por, de facto, os hospitais não conseguiram ter os stocks de máscaras e etc.?**

Eu respondo-lhe a essa pergunta assim: reserva estratégica nacional. Alguém discutiu profundamente o que é, onde está e como funciona?

**Não.**

É um nome que eu diria pomposo. Não há ninguém que não fique impressionado. Mas onde está e como funciona.

**Equem é responsável?**

É uma responsabilidade partilhada, tem componentes que dependem da Administração Interna, da Defesa Nacional – equipamentos de proteção individual, de tendas – há muito aspeto logístico, não é medicamento e não é produto farmacêutico.

**Há pouco disse que os privados na saúde estão a ajudar. Exatamente em quê?**

O que nós temos agora na rede privada e social é uma retaguarda preventiva. Camas disponíveis, em *stand by* que, esperemos, não tenham de ser utilizadas. Depois há toda a componente da realização dos testes. Nós ainda não chegámos a um ponto de rutura do sistema público e o transbordo – se me permite a expressão – ainda não se deu. Agora, não vamos ter ilusões. Há aqui também... há uma devastação da economia que vai atingir a nossa vida e que não deixará de atingir o setor privado da saúde.

**Qual é a sua maior preocupação? Os lares?**

Muito simplesmente é isto: se daqui até ao final de abril tivermos uma surpresa, eu admito que possa vir daí. Até aqui temos tido uma aparente estabilidade e um controlo que nos tem deixado, enfim, mais otimistas. Mas esse risco não está afastado. É uma população que se estima ser à volta de cem mil pessoas. Muitas delas em lares que nem esse nome lhe devia ser permitido usar.

Porque isto também será uma oportunidade para nós pormos a mão na consciência – todos nós sociedade –, porque estamos a ver a forma como os nossos idosos vão vivendo. E vão terminando, digamos, a sua vida. Há residências e lares que têm condições deploráveis. Tardou muito considerar os lares uma área de altíssimo risco.

De imediato deveriam ter tido equipamentos de proteção individual, máscaras, higienização – foi bem feita a proibição de visitas. A pergunta é: isto é um incêndio a extinguir ou a começar?

**Apesar de haver muitos casos, não há ainda tanta afluência aos hospitais, certo?**

Há aqui duas questões. Uma, que tem suscitado algum debate, que é se devíamos ou não ter considerado que alguns hospitais



RUI PINTO/FERNANDES/GLOBAL IMAGES

“O número de óbitos é alto. Estamos com uma mortalidade que ainda me preocupa.”

“As pessoas estão a interiorizar que isto já está ganho. E nós nem aos oitavos-de-final chegámos.”

iam ficar isolados do contexto covid para nós termos uma reserva estratégica nacional para resposta aos outros casos. Outro aspeto é a sobrecarga. Quando olho para as curvas diárias – e tenho aliás alguma reserva sobre os comentários à análise das curvas diariamente –, há dois indicadores que têm um maior valor preditivo. Os internados, particularmente em UCI, e o número de óbitos. E este até aqui suscita boas reflexões, bons pensamentos. O número de óbitos não me suscita, pessoalmente, boas reflexões nem bons pensamentos.

**Então? Especifique lá isso.**

Estamos com uma mortalidade que é preocupante. Repare, a nossa mortalidade geral já está perto dos 2%. E a mortalidade nos mais idosos estava ontem, ou anteontem, nos 11%. Por outro lado, o número de mortos, a variação diária, não é, do meu ponto de vista, tranquilizadora.

**De que forma é que o SNS está preparado? Vamos conseguir manter esta pressão assim, média?**

Duas partes. Primeiro os não covid. Nós temos todos, na sociedade, de estar muito atentos a sinais que são de elevada preocupação.

**A queda da procura.**

Embora soubéssemos que grande parte da aquela procura era reconhecida como casos não urgentes, os azuis e verdes, foi uma queda brutal. A doença aguda não desapareceu com o covid, o enfarte, o AVC...

**Então o que é que está a acontecer? Em linguagem comum?**

Não tenho dúvida nenhuma de que há muita gente assustada. Sobretudo idosos, que têm medo de ir aos hospitais. E que podem estar ou a desvalorizar os seus sintomas presentes ou a desvalorizar ou a controlar os seus sintomas passados. Porque têm medo, com a debilidade que têm, com

a idade avançada, de ir ao hospital e ainda ser pior. Isto é um tema sobre o qual nós temos de estar muito, muito atentos. Não só pelo volume de procura que vamos ter a seguir. Teremos o agravamento das listas de espera. Brutal. Num país ideal, a linha Saúde 24 devia também monitorizar o doente. Se tivéssemos essa capacidade, eu sugeriria que a linha de Saúde 24 não se focasse exclusivamente nas suspeitas de casos covid.

**Não lhe vou perguntar se está otimista ou não porque acho que neste momento não devemos ir por aí...**

Mas tenho uma mensagem que gostava de deixar. Não é boa ideia que as autoridades, ainda que pela vontade de passarem uma mensagem positiva – na política ninguém gosta de dar más notícias – em cima de informação que vem das tais curvas, ainda com a fragilidade que tem, é muito importante não levantar a guarda. Nós temos visto, nos últimos dias, no trânsito... As pessoas estão a interiorizar que isto já está ganho. E o que eu digo é que nós nem aos oitavos-de-final chegámos. Eu há uns anos vi o Benfica perder um campeonato nos últimos cinco minutos do jogo. E acho que seria dramático se nós perdéssemos este campeonato da luta pelas nossas vidas porque começámos a deitar os foguetes antes da festa. E isso é muito mau.

**Está a falar do Presidente da República?**

Não de todo. O Presidente da República tem sempre uma preocupação enorme, que é puxar por nós. Mas é preciso passar para baixo a ideia de que o jogo, de facto, não está ganho. Nós estamos, neste momento, sob uma pressão enorme do adversário e estamos a ser driblados constantemente. E estamos a levar faltas à margem da lei, como se diz na linguagem futebolística. E portanto é melhor esperar pelo apito final do árbitro.

# Tem havido 'bloco central'? Sim, mas só para chumbar leis

Os apelos do Presidente da República para que os principais diplomas de resposta à pandemia reúnam "consenso alargado" – ou seja, entendimentos entre PS e PSD – caíram completamente em saco roto no Parlamento.



▲ António Costa e Rui Rio falharam acordo para consensualizar nos perdões de pena.

JOÃO PEDRO HENRIQUES

A imprensa internacional e os políticos estrangeiros elogiam a "cooperação" em Portugal entre o governo e o maior partido da oposição – mas nesta semana, apesar das proclamações, o "bloco central" só existiu para chumbar leis. Para aprovar, a eficácia esteve pertíssimo do zero.

Das centenas de votações que nesta semana decorreram no Parlamento – estavam em causa mais de cem iniciativas legislativas –, só numa única ocasião o PS e o PSD se entenderam para aprovar. No caso, uma proposta do governo para permitir às autarquias libertarem-se de limites ao endividamento em tudo o que seja despesa relacionada com o covid-19. Mas, nessa proposta, nem só socialistas e sociais-democratas votaram a favor.

Na verdade, foi aprovada por unanimidade (e já promulgada pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa).

De resto, PS e PSD só se entenderam para rejeitar projetos dos outros partidos, nomeadamente dos que estão à esquerda do PS (a maior parte deles). O PSD, aliás, por discordar da "salganhada legislativa" representada na apresentação de dezenas de projetos pelos partidos, decidiu de antemão votar contra todos eles, conferindo assim ao PS uma responsabilidade central na sua viabilidade (ou não).

No que o "bloco central" falhou completamente foi num acordo para viabilizar em conjunto uma outra proposta do governo que conduzirá à libertação de cerca de dois mil reclusos, com recurso a perdões de pena e indultos presidenciais.

O PSD opôs-se, apresentou várias propostas alternativas – e o PS,

O Presidente da República anunciou ontem que vai prorrogar o estado de emergência até 1 de maio. António Costa admite que vá mais além, até 15 do mesmo mês.

conjugado com a esquerda, chumbou-as todas, uma por uma. Foi a conjugação dos socialistas com os antigos parceiros da geringonça que permitiu a aprovação final do diploma – logo a seguir também promulgado pelo Presidente, embora este tenha referido "dúvidas" (mas sem as pormenorizar).

No dia seguinte, Rui Rio, entrevistado na SIC, assinalou este comportamento do PS mas fez questão de sublinhar que o via "sem estados de alma". Em nome do "interesse nacional", o PSD continuará a ser "colaboração" em vez de "oposição". E agora até admite ter uma "latitude muito maior" para viabilizar os próximos Orçamentos do Estado, começando já pelo orçamento suplementar deste ano.

O Presidente não gostou. Na aprovação de uma lei que lhe dá poderes extraordinários de indulto, não teve o apoio dos dois partidos que são o centro da sua base

eleitoral de apoio (o PSD, mas também o CDS). E, além disso, viu-se confrontado com uma espécie de antecipação da campanha presidencial caso decida recandidatar-se. Isto aconteceu quando o líder do Chega, que já disse que avançará para Belém, argumentou na Assembleia da República que a lei iria libertar violadores e pedófilos, ideia depois ampliada em manchete pelo *Correio da Manhã*.

Ontem, Marcelo foi obrigado a esclarecer que nem homicidas, nem violadores, nem pedófilos serão beneficiados pela lei. Aliás, elencou toda a lista de crimes que não serão abrangidos pela lei: "Não se aplica a condenados por crime de homicídio, crime contra a liberdade pessoal ou liberdade sexual e autodeterminação sexual, incluindo violação e abuso sexual de crianças e adolescentes, violência doméstica e de maus-tratos, ofensa à integridade física grave ou qualificada, roubo com violência, crime contra a identidade cultural e integridade pessoal, crime de incêndio, nomeadamente incêndio florestal, tráfico de droga, associação criminosa, branqueamento de capitais, corrupção passiva ou ativa, crime enquanto titular de cargo político ou de alto cargo público, magistrado judicial ou do Ministério Público, ou enquanto membro das forças policiais e de segurança, das Forças Armadas ou funcionários e guardas dos serviços prisionais. Além disso, impõe tratar-se de pessoas idosas, em grave situação de saúde."

Depois, para retomar a iniciativa, aproveitou para anunciar, com quase duas semanas de antecedência, que no dia 17 voltará a prorrogar, pela segunda vez, o estado de emergência, por mais 15 dias, agora até 1 de maio. "Naturalmente que irei ouvir os especialistas, irei ouvir e atender ao contributo fundamental do governo e será a Assembleia da República a autorizar. Mas não podemos brincar em serviço, não podemos afrouxar, não podemos neste momento decisivo baixar a guarda."

Através do jornal *Público*, António Costa já fez saber que admite que o estado de emergência vá até meio de maio.

por Pedro Lains



# Desta vez será diferente

Uma relevante renovação nos economistas com intervenção pública está a suceder, que quebra o quase monopólio que a escola de Cavaco Silva representa, a dos educados nos anos 60-80, fascinados com teorias fáceis de entender mas com efeitos negativos.



Já se discute a condução da política económica na Europa a seguir à atual grave crise de saúde pública. E temos de estar atentos quanto às nossas fontes de informação e quanto à criação de ideias de intervenção. Em geral, as forças com maior poder financeiro e de intervenção pública antecipam-se, o que cria um rumo do debate que lhes é favorável. Não é teoria, é algo bem visível para quem segue de perto as notícias. Essa antecipação leva a que as alternativas vindas de outros sectores da sociedade acabem por ter de responder na defensiva, numa posição à partida desfavorável.

E o que dizem já essas opiniões ligadas a quem tem mais poder financeiro e público? Em Portugal, já se chegou ao ponto de defender os bancos, que terão de ser apoiados e não ser chamados a uma intervenção que afecte os respectivos lucros e dividendos. E isto é apenas o princípio. Com esperança, poucos seguirão essa linha.

Na verdade, está a haver uma importante renovação nos economistas com intervenção pública, quebrando o quase monopólio da escola nacional que Cavaco Silva melhor representa, a dos educados nos anos 1960 a 1980 e fascinados com teorias então populares em alguns nichos universitários de países mais avançados. E que diziam coisas fáceis de entender, por muitos reproduzidas sem julgamento. A inteligência e as intenções podiam ser boas, mas as consequências foram negativas.

Mas tais ideias conservadoras surgem ainda em determinados governos e o caso da recente posição do ministro das Finan-

ças holandês é o melhor exemplo. Conso o pensar num anterior ministro das Finanças português, assim como em muitos outros conselheiros do anterior governo que concordariam com afinco com essa posição extrema. Isso já não sucede, mas temos de estar atentos para que assim continue e para tal é fundamental apresentar cedo as alternativas.

E de que estamos a falar aqui? Estamos a falar do possível regresso da austeridade, que é a forma como essas teorias do mundo antigo acham que as crises económicas, vindas de onde vierem, devem ser resolvi-

**Estamos a falar do possível regresso da austeridade, que é a forma como essas teorias do mundo antigo acham que as crises económicas, vindas de onde vierem, devem ser resolvidas.**

das. Dito de outro modo, numa breve referência histórica, estamos a falar da escolha entre o Tratado de Versaillles e a austeridade que impôs à Alemanha e o Plano Marshall e a ajuda que deu à reconstrução do comércio internacional.

Neste momento, o debate europeu centra-se na intervenção do Banco Central Europeu (o banco dos bancos centrais, de que o Banco de Portugal faz parte), da Comissão Europeia (ou CEE) e do Eurogrupo. A discussão, como todos sabemos, gira em torno da capacidade de intervenção destas instituições e de uma suposta luta entre países do norte e do sul. Desta vez, os Países Baixos surgem como aqueles que menos querem fazer pela "Europa", que não querem "solidariedade" entre nações.

Ora, se queremos mesmo que desta vez seja diferente, temos de começar por rebater esta apresentação da questão. Em primeiro lugar, desde a fundação que o debate na União Europeia (ou CEE) não é dominado por diferenças "nacionais", mas por diferenças entre princípios políticos. É isso que acontece numa união entre países democráticos. Quem falou não foi um "holandês", mas o ministro de um governo holandês de centro-direita, que segue o nicho de ideias antigas. E é o pensamento do ministro que importa aqui, pois tudo o que é razoável e provavelmente efectivo pode ser transmitido ao eleitorado. O Plano Marshall também teve oposição nos EUA, mas os governantes da altura souberam montar uma gigantesca campanha de venda do programa. Um assunto bem estudado.

E qual seria então a forma alternativa de apresentar as soluções que não passe pelo recurso à austeridade? Para responder a esta pergunta, temos governantes e funcionários do Estado capazes de o fazer. O mais importante é que o público exija isso ao governo. A formulação geral da resposta alternativa é, todavia, mais fácil. Caso o BCE e a Comissão não estejam à altura, será preciso reverter a importância que lhes poderia ser dada na solução da crise e afirmar em contraponto as prerrogativas do governo e dos bancos centrais nacionais. As instituições nacionais ainda têm e terão um largo espectro de acção no quadro da União Europeia e do euro. A melhor prova disso é a capacidade de actuação a nível orçamental, a saber, quanto aos impostos e à distribuição do rendimento, quanto à tributação de capitais em fuga ou dividendos excessivos, quanto à legislação bancária ou regulação de mercados. Neste quadro, claramente, o Banco de Portugal, ainda dominado pelas políticas antigas, tem de mudar e essa mudança está ao alcance do governo.

Não é tempo de esperar pelo que o exterior quer fazer. É tempo de lutar pelas melhores soluções ao nível europeu, mas simultaneamente ter um plano alternativo, coerente, eficaz e abrangente, caso as instituições europeias não consigam chegar a um entendimento. A crise de saúde é gravíssima, e a crise de rendimentos e de produção que está a ganhar força será também muito grave. Mas os governos nacionais, em Portugal e no resto da União, têm ainda muita força para actuar sem sair do quadro europeu. A UE sempre foi assim.

Investigador da Universidade de Lisboa.

**À procura**  
por Pedro Marques Lopes



# A menos democrática das crises

Esta crise nada tem de democrática, será tudo menos isso. Quando muito exhibe de uma forma brutal um problema central da nossa democracia: a desigualdade.

**H**á duas semanas, um estudo do Instituto de Ciências Sociais, publicado no *Expresso*, contava que 5% dos portugueses conheciam pessoas infetadas com o covid-19. Eu fazia parte dessa pequena percentagem da população, aliás, eu não só conhecia vários como tinha amigos entre os infetados. Muitos deles tinham regressado de férias na neve infetados e outros apanharam o vírus em aeroportos. Já estão todos bem.

Quando o surto chegou, eu conhecia muita gente que o apanhou, hoje conheço poucos, e o número de gente contaminada cresceu como cresceu.

A maioria das pessoas com quem me relaciono estão relativamente bem protegidas contra a possibilidade de contágio, não estão a passar por dificuldades económicas nem, grande parte deles, é previsível que venham a tê-las. Longe, muito longe, da realidade de grande parte da população portuguesa.

Este vírus não chegou nem chegará a todos da mesma maneira, de facto.

Neste momento, quem corre riscos diários, não inerentes à sua profissão, como os médicos, os enfermeiros e restante pessoal ligado à saúde, são os empregados de supermercados, das farmácias, homens e mulheres da recolha do lixo, motoristas de transportes públicos e todos os outros cuja atividade profissional depende da sua presença física nos locais de trabalho. Um traço é comum a todos: são os mais mal pagos da nossa comunidade. Muitos dos operadores de caixa dos supermercados onde nos vamos abastecer, e que falam com centenas de pessoas durante o dia de trabalho, ganham pouco mais de 600 euros, por exemplo, e, ligeiramente acima ou abaixo, é esse o valor que quase todos os outros nossos concidadãos das profissões referidas levam para casa.

As pessoas de quem dependemos, que arriscam a sua saúde todos os dias por nós, são miseravelmente pagas.

Já era assim? Claro que sim. Ninguém ignorava que assim era, como também não havia quem não soubesse que a desigualdade em Portugal é uma das mais altas da Europa. Mas esta crise deixa essa realidade ainda mais evidente.

Os lares são outro caso exemplar. É em locais sobrelotados e com menos condições que vivem os nossos velhos mais pobres. É sobretudo aí que têm acontecido as tragédias. E, claro, temos os cuidadores, outra classe muito mal paga a quem tanto devemos por estarem a proteger quem mais precisa de ajuda.

A velhice e a pobreza são as vítimas principais deste vírus.

Se a crise sanitária deixa evidente a profunda desigualdade da nossa comunidade, o mesmo acontece com a económica. O aumento do índice de desigualdade é sempre uma das consequências das depressões económicas, mas quando se parte de uma situação de grande desigualdade é bem pior. Com a nossa principal indústria de serviços, o turismo, reduzida a escombros, com a multidão de desempregados a crescer todos os dias, mais pressão para a redução salarial vai existir, e vai ser sobretudo nas profissões já mal pagas. Se a nossa classe média estava depauperada com a última crise, pior vai ficar.

A propósito, só uma coisa vai vencer o medo de sair de casa: o da fome. O momento de termos de sair à rua para ir traba-

**A velhice e a pobreza são as vítimas principais deste vírus.**

lhar está a chegar rapidamente, não há quem não o saiba, mas quer as autoridades queiram quer não, muita gente sairá por ter de encontrar meios de subsistência. Quem vai ser obrigado a sair de casa – e o estado de emergência vai servir a partir de agora essencialmente para isso – são os que ainda têm meios para lá permanecer.

Esta crise nada tem de democrática, será tudo menos isso. Quando muito exhibe de uma forma brutal um problema central da nossa democracia: a desigualdade. E é preciso referir que a pobreza do país é apenas uma das explicações para a existência de salários baixos. Há uma questão clara de redistribuição de riqueza numa terra em que, nas empresas, os mais bem pagos têm salários mais altos do que os seus congéneres em países bem mais ricos e desenvolvidos e os mais mal pagos recebem um salário mais reduzido do que nesses mesmos países. Daí até à questão da produtividade das nossas empresas vai um passo de ano, mas deixemos isso para outra altura.

Não há uma única boa consequência desta pandemia. Talvez uma: ainda não se ouviu a cretinice de que nas crises surgem sempre oportunidades. Um dito que parece patrocinado por quem lucra com as desgraças dos outros e está a borrfar-se para a comunidade.

Fosse eu um furioso otimista e diria que esta crise sanitária e económica teria ao menos servido para nos deixar mais cientes do problema da desigualdade. Para, de uma vez por todas, percebermos o quanto dependemos uns dos outros e do tamanho da injustiça que é termos os mais pobres e vulneráveis a carregar-nos às costas, sendo isso tão claro nestes dias que vamos vivendo.

Não sou, nem nisto nem que no que prevejo venha a seguir. Não tardarão os protestos e não serão os mais pobres a protagonizá-los, nunca são. Virão contra os aumentos de impostos que vão acontecer; o Serviço Nacional de Saúde, que agora idolatramos, será, não tarda, um sorvedouro de recursos e será preciso modificá-lo em função disso; e como diria o ministro das Finanças holandês – que tem mais seguidores portugueses do que se julga –, precisamos de ajustes orçamentais e reformas. Era capaz de apostar que não é para nos tornarmos um país mais igual e mais justo. Gostava muito de estar enganado.

## A nossa sorte com os políticos

► A procissão ainda vai no adro, mas há que dizer que os nossos principais políticos têm-se portado de uma maneira exemplar nesta crise. Os líderes, do CDS ao PCP, merecem aplausos e mostraram, até agora, que aquilo que os divide é bem menos importante do que aquilo que os une – há um miserável que até inventou uma patranha para que falem dele, mas não é político, não passa de um oportunista. E, claro, António Costa, que até agora só merece elogios. Não são só estes momentos que revelam os grandes políticos. O trabalho de continuidade, de pequenos avanços e de lançamento de bases é silencioso mas fundamental para a comunidade. Mas estas alturas são decisivas e definem o carácter de um líder. Um político pode ser mau no tal trabalho de formiga e bom nestas alturas.

Costa é quem carrega o fardo, mas Rui Rio merece uma lembrança. É ele o líder da oposição e podia ter tentado tirar dividendos políticos das falhas do governo – veja-se o exemplo espanhol. Depois porque há quem tente colar nele o labéu de ser uma espécie de ajudante de António Costa desde que foi eleito com o propósito claro de o descredibilizar. Aliás, se houve campanha que não acalmou com esta crise é a que é feita por alguns *media* contra Rio. O homem tem muitos defeitos, mas tem mostrado que é um estadista e que está à altura das suas responsabilidades. Portugal tem sorte, nesta situação, de ter este líder da oposição e terá nele, no futuro, e se acontecer, um bom primeiro-ministro.

Não tenho ilusões, as pessoas que estão sempre a criticar os nossos políticos continuarão a sua sanha – a maioria não percebendo que é somente um discurso antidemocracia, outros porque de facto querem acabar com ela. Temos, tivemos e teremos, como em todo o lado, políticos corruptos e incompetentes, oportunistas, gente que não dignifica a política, a mais nobre das atividades. Mas a verdade é que nos momentos cruciais da nossa democracia temos tido sorte com quem nos representa.

## Medidas de apoio às empresas

**Margarida Balseiro Lopes**



Sobre a pandemia que vivemos há, ainda, ao dia de hoje mais dúvidas do que certezas. Ainda não sabemos quando terminará, em que termos, com que efeitos, nem as consequências que terá para o nosso país, para a Europa e para o mundo. Sabemos, no entanto, que deixará um lastro pesado com o qual teremos de lidar nos próximos meses e anos. Na saúde, na sociedade e na economia é fundamental que o consenso generalizado a que chegámos para fazer face ao covid-19 em Portugal não se traduza num unanimismo bacoco e atávico que contrarie aquela que é a principal vocação da política: a capacidade de encontrar respostas para os problemas que as pessoas e a sociedade enfrentam.

Foi essa a razão que levou, muito recentemente, aquele que é o maior partido da oposição, o PSD, a apresentar um conjunto de propostas para procurar mitigar e minimizar os impactos deixados pela pandemia e pelas medidas que esta impôs.

Ainda que não saibamos os efeitos da pandemia na sua plenitude, é certo que será necessária a criação de mecanismos de capitalização das empresas, de recuperação económica e de melhoria da competitividade da nossa economia. Uma das medidas mais relevantes tomadas neste domínio foi a readaptação das regras de acesso ao *lay-off*. Com várias versões, é certo, mas é seguramente uma das medidas mais necessárias para as empresas. Há, no entanto, algumas correções urgentes que deveriam ser tomadas no sentido de desburocratizar e alargar o acesso ao *lay-off*. Uma dessas medidas deveria passar pela simplificação das regras de acesso, de forma que fosse o Estado a pagar diretamente aos trabalhadores aliviando a tesouraria das empresas. As boas intenções na flexibilização do regime esbarram com a realidade financeira das empresas portuguesas, muitas delas sem capacidade, leia-se tesouraria, para suportar os gastos e aguardar o reembolso do Estado.

Para além destas propostas, há uma outra que não é de agora, mas que tem no momento atual especial relevância. A ideia de o Estado ser uma pessoa de bem e pagar a tempo e horas aos seus fornecedores nunca foi tão urgente como o é atualmente. Em primeiro lugar, é imperioso pagar, no prazo de 15 dias, todas as dívidas a fornecedores de todas as entidades públicas. Bem como alargar o pagamento das participações dos fundos da União Europeia às empresas. Esta seria, de resto, uma forma de procurar mecanismos que incentivem o setor privado a seguir a mesma opção, reduzindo os prazos médios de pagamento entre empresas, nomeadamente as que beneficiarem do pagamento de dívidas do Estado, aumentando a circulação monetária.

Apoiar as empresas neste momento é também responder a uma matéria de saúde pública, mas cujos efeitos vão muito para além disso.

Presidente da JSD

## Stuart no DN



## Solidariedade

Há cerca de uma semana saiu a público a luta de Catarina Salgueiro Maia no Luxemburgo. A crise pandémica veio agravar as condições precárias de trabalho das empregadas de limpeza e Catarina decidiu levantar a voz, fazer-se ouvir e reivindicar condições de trabalho justas para ela e para todas as suas colegas. Também no Luxemburgo, Adrianni mobilizou várias pessoas numa campanha solidária para que não falte comida aos imigrantes brasileiros que aí estão e não têm papéis. O simples facto de irem ao supermercado pode valer-lhes a deportação. São trabalhadores da construção civil ou da restauração que nunca tiveram contrato assinado e que agora se veem sem poder sequer trazer comida ou medicamentos para casa. São já 15 famílias que pediram ajuda. Adrianni recolhe os alimentos de que lhe chegam e distribui-os pelas famílias. Também em Bruxelas várias famílias ficaram sem qualquer rendimento de um dia para o outro. Algumas delas são famílias de imigrantes portugueses a quem faltou o trabalho, sobretudo nas obras, e, de imediato, o rendimento. Alguns dos patrões regressaram aos seus países e nem sequer avisaram. A Luso Produções e a Casa do Benfica local também se juntaram para recolher alimentos e fazê-los chegar a estas famílias.

Cada dia que passa são muitas as pessoas que enfrentam dificuldades, que ficam sem emprego, que ficam sem rendimentos. As medidas de exceção que foram adotadas não chegam a muita gente e o fosso

**Marisa Matias**





ARQUIVO DINA

vai-se agravando. Os vínculos precários, a fragilidade de muitos migrantes nas sociedades de acolhimento, o incumprimento dos mínimos direitos laborais, fazem que muitas destas pessoas sejam arrastadas para uma ainda maior invisibilidade social. Não têm rendimentos e não podem reclamar porque não cumprem os critérios para reclamar. Não cabe à Catarina, à Adrianni, ao Albano ou ao Tony suprirem as necessidades básicas destas pessoas ou destas famílias. Essa devia ser, obviamente, uma responsabilidade coletiva e uma responsabilidade do Estado. Mas não está a ser. A construção de novos coletivos, a mobilização de esforços conjuntos e o reconhecimento de direitos reivindicados e não reconhecidos em tempos de crise fazem destas ações sinónimos de solidariedade e não de caridade. Passam-se todos os dias aqui em Bruxelas, no Luxemburgo ou em Portugal. São sinais de que persistem alguns laços sociais sólidos e que a sociedade providência ainda responde numa parte dos casos onde falha o Estado providência.

Os territórios das desigualdades são profundos entre quem trabalha. Entre as várias lições a tirar da crise está seguramente a de não deixar nenhum trabalhador na mão, sem direitos dignos desse estatuto. Esta é a única forma de estarmos todos mais ou menos na mesma casa de partida para enfrentar seja qual for a dificuldade que temos pela frente. Essa é a maior igualdade social. Quem não o quis ver antes, não finja agora que não vê.

Eurodeputada do BE

## Os imprevistos cem anos

**Adriano  
Moreira**



O famoso livro da talentosa, mas claramente jovem, Catherine Nixey com o título *A Chegada das Trevas – Como os Cristãos Destruíram o Mundo Clássico* é classificado pela *Kirkus Reviews* como “uma bela história que é sem dúvida controversa na sua visão de como as vítimas se tornaram vitimadoras e de como profissões de amor se voltaram para o terror”. A situação em que se encontra o globo, na relação dos seres vivos com o brutal ataque do chamado covid-19, implica a necessidade evidente de conseguir agora encontrar o capítulo que falta ao referido estudo para identificar qual é o poder novo da destruição dramática em curso.

Não faltam estudos e propostas no sentido de reformar não “a verdadeira fé”, cada uma delas com os seus valores imperativos, mas os procedimentos normativos que seguem, com diferenças, os povos repartidos por Estados, enfrentando um globalismo de emergentes, e não ignorando que a ordem mundial definida e publicada, e legitimada, foi entregue a órgãos que vão perdendo a capacidade de agir.

A comovedora intervenção do Papa Francisco com a sua Bênção Apostólica no adro da Basílica de São Pedro, e a Oração pela Humanidade e final Bênção *Urbi et Orbi* exige valoração diferente, sem ignorar dificuldades dos séculos, mas sem perder a validade da prece pelo futuro. Muitos dos homens ainda vivos que enfrentaram as duas guerras mundiais, e não participaram em nenhum dos erros novos e materiais, tentam cooperar com os que assumem reorganizar a nova ordem exigível pela nova interdependência mundial, mas a situação do mundo em que nos encontramos, o plano que procuram, e demonstrando que, com modéstia assumindo uma experiência nova, estão a agir os que consideram o dever da reorganização e os que pretendem reformar por anteciparem a nova insuficiência; universidades, professores, investigadores, médicos, enfermeiros, pessoal de segurança, jornalistas, escritores, artistas, apenas gente rica de coragem e civismo, a enfrentar o risco, sem ceder a um ataque violador dos princípios e capacidades dos vivos, visando a intervenção e o triunfo pela destruição do mundo insuficientemente prevenido enfrentar tal projeto de completa destruição. Com erros que se tor-

naram evidentes, mas por dificuldades do trajeto e insuficiência do saber e da ação.

O recordado livro que fixou a causa e o trajeto na destruição do mundo clássico poderia avaliar, como e por exemplo, a obra de George Friedman, fundador do Stratfor que considera devotadamente ouvida a advertência de *Os Próximos 100 Anos*, fixando, segundo o editor, acreditado pelos leitores, naquilo que melhor conhece, o futuro. Segundo a sua conclusão, em 2020 a China iria fragmentar-se, em 2100 o México desafiaria os EUA, em 2050 haveria guerra global entre os EUA, a Turquia, a Polónia e o Japão, novas grandes potências. O *New York Times Magazine* afirmava que “quando estamos perante George Friedman, temos a tentação de o tratar como se ele fosse uma bola de cristal que previa o futuro”. Ele próprio, no capítulo 7.º – sobre “o poder americano e a crise de 2030” –, visa concluir como entretanto “este período irá preparar para a crise de 2080. Mas aconteceram muitos factos históricos entretanto”.

A modéstia do epílogo não o afasta da fidelidade aos seus EUA. Escreve o seguinte: “Este livro não pretende, de forma alguma, sublinhar-se, uma apologia dos Estados Unidos. Sou um partidário do regime americano, mas não foram a Constituição ou o federalismo que comandaram aos americanos o seu poder.”

Depois de longamente avaliar a geopolítica conclui que, com “a Europa reduzida a um conjunto de potências secundárias, depois da II Guerra Mundial, e com a mudança nos padrões de comércio, o Atlântico Norte deixou de ser a única chave para tudo. Agora, o país que controlava o Atlântico Norte e o Pacífico podia controlar, se quisesse, o sistema mundial de comércio e, assim, a economia global. No século XXI, qualquer nação localizada entre ambos os oceanos tem uma vantagem tremenda. O poder inerente aos Estados Unidos, associado à sua posição geográfica, fez dele o autor principal... quem dominar a América do Norte fica com a certeza de ser a potência mundial dominante. Pelo menos, durante o século XXI, essa potência serão os Estados Unidos, nem a Rússia nem a China, em geral nenhum dos emergentes poderá vencer os EUA”.

É assim que fica definido o pressuposto Trump da América First, porque a conclusão significa “o inerente aos Estados Unidos, associado à sua posição geográfica, faz deles o autor principal no século XXI. É certo que isto não faz que seja um país adorado. Pelo contrário, o seu poder fez dele um país temido. Se tudo corresponder à meditação”, a história do século XXI sobretudo o da primeira metade, irá girar à volta de duas lutas opostas. Uma será a formação de coligações entre potências secundárias, para conseguirem conter e controlar os Estados Unidos. A outra será as ações preventivas tomadas pelos Estados Unidos, no sentido de prevenir a formação de coligações efetivas. E o princípio América First terá vindo para ficar, apoiada na previsão de que a paz exige ser um guia no globo em crise. Não previu a crise, mas não evitou os erros.

**Muitos dos homens que enfrentaram as duas guerras mundiais tentam cooperar com os que assumem reorganizar a nova ordem.**

**D. José Ornelas.** Foi o primeiro bispo da Igreja Católica portuguesa a entrar voluntariamente em quarentena. Neste tempo de Páscoa diz ao DN que tem sido “mais telefonista do que bispo”, mas que há uma lição a tirar dos tempos em que vivemos a covid-19. São precisas mudanças e “ninguém pode ficar à beira da estrada.”

## “Não são as dificuldades que põem em causa a Igreja, mas sim o comodismo”



ANA MAFALDA INÁCIO

**Foi o primeiro bispo na Igreja portuguesa a entrar de quarentena voluntariamente. Assustou-se? Percebeu o que aí vinha?**

Não me assustei. Foi mais uma questão de bom senso. Estava num encontro de padres no Turcifal, perto de Mafra, e tive de ir a Lisboa a uma reunião, a um organismo ligado ao Estado, na qual estavam quatro pessoas. Passados dois dias, a pessoa que presidira à reunião telefonou-me a dizer: “Olhe, na semana passada estive com uma pessoa que deu positivo ao vírus.” Avisei as pessoas com quem estava e voltei para casa. Aqui, vivo com uma pessoa de 86 anos e outra de 91. Não podia brincar com a situação. Fechei-me no meu quarto. Punham-me a comida à porta e esperei que passassem os 15 dias. Felizmente passaram e sem sintomas.

**Como foi esse tempo? Trabalhou nas questões da diocese ou usou-o mais para refletir?**

Pensava que iria fazer algo que tenho muita dificuldade em fazer: dedicar-me um bocadinho à leitura, arrumar as coisas que estão sempre atrasadas – porque tenho de andar sempre a correr atrás das coisas atrasadas [ri-se] –, mas tem sido o contrário. Tenho sido mais telefonista do que bispo, passo a vida com o telefone à beira dos ouvidos, porque agora tudo passa por aí.

**É mais intenso?**

Não quer dizer que seja menos intenso, bem pelo contrário. Reestruturar e mudar todos os hábitos da diocese, a forma de funcionar e de resolver as coisas, ter de passar tudo para o ramo digital, tem sido uma aventura, que ainda não está completa, nem estará. Exige muito acompanhamento, que antes era feito por automóvel ou em

encontros, as pessoas reuniam-se setorialmente. Agora, para que ninguém fique isolado, sozinho, faz-se tudo por telefone, videoconferência, etc. A única coisa em que se tem poupado é no combustível e no tempo de viagem. Mas esta nova forma de comunicar também veio dar-nos uma outra perspectiva de organização que vai ser útil no futuro.

**Esta nova comunicação, telefone, redes sociais, YouTube, onde são transmitidas missas, vai obrigar a uma mudança na Igreja?**

Vai. A primeira coisa a assumir é a oportunidade e a descoberta – já estava descoberto, mas o assumir na prática do dia-a-dia – de novas formas de trabalhar. E, isto, antes de mais, tem uma vantagem: perceber que para o mundo é mais ecológico e sustentável. Faz-nos perceber que não é preciso estarmos sempre presentes, andarmos a correr de um lado para o outro, não só a gastar combustível e a entupir as estradas, mas que podemos resolver as coisas de outra forma. Também se descobriu que não é preciso que seja toda a gente a fazer tudo, porque as pessoas localmente têm criatividade, responsabilidade e capacidade para o fazer.

**Fala em descentralizar mais na Igreja?**

Já somos relativamente descentralizados. Mas, na vida, e sobretudo nas dioceses, ainda existe muito uma organização piramidal, a partir do bispo, espera-se pelo bispo para tudo, e isto, claro, centra tudo nele. Esta situação veio mostrar que temos capacidade para sermos mais descentralizados, mais criativos e sem perdermos a comunhão, o que é importante. Veio mostrar que temos capacidade para nos organizarmos melhor e, ao mesmo tempo, criarmos uma outra forma de pensar e de agir.

### Há cinco anos como bispo de Setúbal

► **Nomeação.** Em agosto de 2015, o Papa Francisco nomeou D. José Ornelas, que era superior-geral da Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus, bispo da Diocese de Setúbal. Ao DN disse que na altura tinha outros planos, mas ao fim deste tempo, e aos 66 anos de idade, confessa que se sente bem na função, agradecendo a Deus o facto de ter dado àquela diocese um primeiro bispo como o foi D. Manuel Martins.

**E qual é?**

Que os intervenientes e os grandes canais de organização e ação não têm de ser simplesmente as pessoas principais. Enquanto antes era o padre ou o bispo que tinha sempre a palavra, hoje encontramos cada vez mais, através das redes sociais, grupos de leigos que se organizam, partilham, dão catequese. Já o faziam antes na paróquia, mas agora utilizam outra forma de comunicar. E o interessante é isto: a família passou a ter outra dimensão, até agora não tínhamos tempo, o trabalho e tudo o resto eram feitos fora. A família era o que sobrava. Agora, passámos a ter obrigatoriamente tempo para a família e para o estar juntos. Os pais não tinham tempo para brincar com as crianças, agora andam todos à procura de formas para se ocupar. De repente, temos tempo. Esta pandemia fez-nos encontrar outras dimensões que são importantes para o tecido humano e para a nossa sociedade.

**Omundo não será mais o mesmo?**

É uma frase comum para todos os níveis, te-



nho-a-repetido nalgumas reflexões. Mas começamos a entender que todos somos importantes. O vírus é democrático, tanto atinge primeiros-ministros como os mais pobres e sem teto. Embora seja diferente a forma como os atinge, pois depende do organismo de cada um e dos recursos que se tem para gerir a crise. Mas a verdade é que nos faz perceber que se este mundo não for mais equilibrado, quer em justiça quer em oportunidades, pagamos todos a fatura. Um infetado infeta outros, pode ser um ministro, um banqueiro, um sem-abrigo. É para todos. Ao nível dos países, estamos a ver alguns que não têm um serviço nacional de saúde e que, de repente, têm de se organizar e equipar dessa forma, senão não há resposta.

**Neste momento, o que o preocupa mais? Ainda a doença ou a crise económica que aí vem?** Antes de mais, a doença, porque para organizar a economia tem de haver pessoas com saúde. Aqui também digo que é preciso ter cautela – cautela parece pessimista e eu sou muito otimista, mas acho que ainda não se

pode abrandar a vigilância, porque senão vamos pagar caro. O facto de termos um número relativamente mais baixo do que o esperado não é garantia de nada. Acho que isto ainda vai demorar a entrar na rotina e a readquirir normalidade na vida diária.

**Mas a fatura económica não vai ser pesada?**

A fatura vai ser pesada, sobretudo se não se continuar a desenvolver o sentido da solidariedade social, dentro de cada comunidade nacional mas também a nível internacional. **É bispo numa região socialmente carenciada.**

**O que teme no pós-pandemia?**

Não temo para depois, venho temendo há muito tempo. Mas há alguns vislumbres de sensatez. Há muito tempo que a diocese diz que um dos problemas na região é a habitação. Nos últimos anos, melhorou alguma coisa do ponto de vista do emprego e, portanto, no básico para as famílias, mas a nível habitacional piorou. Antes do covid-19 já se estava numa situação muito, muito preocupante.

**Porquê? Pela bolha do alojamento local?**

Sim, recuperaram-se muitas casas, que não

foram postas ao serviço de quem precisava de habitação. As rendas subiram tremendamente, duplicaram ou mais. Portanto, o acesso à habitação ficou muito pior. Neste momento, estas casas estão fechadas. O turismo regressou, não se sabe quando retoma. E talvez seja esta a possibilidade de haver casas mais baratas. Isto é algo que pode ajudar a reequilibrar a sociedade e a dignidade das pessoas.

**Acha que região será fortemente afetada?**

O distrito de Setúbal tem muita gente em trabalho sazonal e provisório. Muitos imigrantes recentes, que são os mais atingidos neste momento. Há paróquias onde a distribuição do cabaz de compras aumentou entre 50% e 70%. Isto aconteceu nestas três últimas semanas. Precisamente porque muitos são imigrantes recentes – felizmente houve uma legislação que já lhes deu direitos em relação à saúde, à regularização da sua situação –, mas esta gente tem de comer. Se forem deitados fora, esquecendo-nos de que não estão de baixa nem no de-

semprego, o que fazem, o que comem? Isto é uma urgência fundamental. Felizmente, as autarquias e as juntas de freguesia estão a tentar dar uma resposta.

**Quem deve ajudar estas pessoas? O Estado, as autarquias, a Igreja?**

O fator vírus fez-nos perceber que não se pode deixar ninguém à beira da estrada, porque, de contrário, o mínimo que pode acontecer é essas pessoas contraírem o vírus e aumentarem a sua difusão. Se estas pessoas não tiverem uma cobertura sanitária mínima para a sobrevivência, não vai correr bem para toda a sociedade. Não podemos voltar ao terceiro mundo, às barracas. Temos de dar dignidade às pessoas. Somos um país – e é bom orgulharmo-nos disso – que tem acolhido os imigrantes, mas temos de lhes dar condições. E neste aspeto ainda falhamos muito.

**Porquê?**

Eles não precisam de um sentido paternalista, precisam de oportunidades, é isso que temos de criar. Agora, pode ser mais difícil, mas é preciso perceber que esta gente pode ser uma força para a retoma económica. A construção civil vai precisar de se desenvolver, gradualmente vamos recuperar todos os outros serviços e é preciso contar com todos, e que todos tenham dignidade, justiça e capacidade de vida, para eles e para as suas famílias. Este é o desafio para todos. Se fizermos simplesmente uma retoma de predadores – uns à custa dos outros – não resolvemos o grande vírus, que é o vírus das desigualdades e da falta de dignidade das pessoas.

**Esse é outro vírus...**

É um vírus muito mais perigoso, o da covid-19 vai passar. O outro, se não inserirmos outra dinâmica na sociedade, vai ser bem mais perigoso, porque dará ocasião a sucessivas crises e pandemias que vão minando a sobrevivência da nossa sociedade. Não pode ser assim. Há muito a mudar em muitos campos. Quando se diz que esta pandemia não vai deixar o mundo igual, espero que não deixe mesmo. Vamos ter de mudar na justiça, nas questões ecológicas e em muitas outras. Este vírus veio mostrar que se pode viver decentemente e muito mais feliz com menos.

**Receia que a crise nessa zona possa atingir os níveis dos anos 1980?**

A década de 1980 também nos ensinou algumas coisas, que a economia não pode ser simplesmente a dos números e das finanças. Tem de ser uma economia sustentável que tenha no centro a pessoa humana – isto é o que diz o Papa Francisco na sua Encíclica Laudato si'. Se pusermos a pessoa no centro, haverá mais criatividade. Veja o que está a ser feito agora. Os pequenos grupos que procuraram outras formas de trabalhar, as fábricas que se reconvertiram para produzir o que é preciso e não o que é mais rentável. A investigação científica e a indústria a responder também às necessidades e não simplesmente às estratégias da competição entre os grandes grupos. Se, por um lado, estamos a viver um tempo de reclusão das comunidades

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

para evitar o contágio, por outro, as necessidades vieram mostrar que aqueles que eram concorrente são absolutamente necessários para debelar a pandemia.

#### **E onde é que isso nos leva?**

Leva-nos a perceber que se não pusermos as pessoas no centro, não vai dar certo. Os custos sociais serão muito grandes. As pessoas vão ficar mais debilitadas, sem possibilidade de colaborar na retoma da economia e sem vontade, sequer, de seguir este modelo. E espero que, para superar o que aí vem, não se volte às receitas do passado, que já provaram que não deram resultado, só agravaram a crise. É por isso que dizia, ao falar da solidariedade necessária a nível nacional e internacional e do contexto geopolítico e económico que agora vivemos, que se não chegarmos a um equilíbrio, perde-se o interesse pela sociedade.

#### **Olhando para tudo isto, estamos a viver um tempo sem Deus ou com Deus?**

Volto sempre aos campos de concentração nazis. Um judeu chega junto do seu rabino, no campo de Auschwitz, quando as chaminés cheiravam a carne queimada e se sabia que lá dentro estavam pessoas a morrer, e pergunta: "Rabino, e o nosso Deus onde está?" O rabino apontou para os crematórios e disse: "Lá, nas câmaras de gás." O Deus não é só o Deus das vitórias, é o Deus que está presente onde está o seu povo. A grande história de Israel começa no Egito. Deus diz: "Eu vi a miséria, a injustiça e os gritos de dor do meu povo. Vou descer e vou salvá-los." Isto é a primeira coisa, Deus não está longe e quando o povo grita Deus escuta. Deus chama Moisés e diz-lhe: "Moisés, vai salvar o meu povo." Esta é a força de Deus. Deus não é simplesmente um milagroso que intervém, do alto do Céu, para que tudo fique direitinho. Não. Ele vem e transforma gente para transformar este mundo. Mas ele está lá.

#### **É a mensagem neste tempo de Páscoa?**

A verdade fundamental é a de que Cristo está. É o que celebramos nestes dias de Páscoa. Ele carregou o peso das nossas culpas, das nossas insuficiências, da nossa injustiça. Ele foi vítima dessa injustiça. Deus está mais do lado das vítimas do que dos seus algozes. Não é um discurso teórico. Eu vejo isso.

#### **Como, onde?**

Há uma coisa a correr nas redes sociais que diz: "Quem disse que Jesus não está a passar pelas ruas?" Ele está, com máscara, fatos de proteção, nos hospitais, por exemplo. Impressionou-me o número de médicos, mesmo os reformados, que acorreram para reforçar os serviços de saúde. Estas pessoas ariscaram. Deus está aí, nessas pessoas, nos que são capazes de fazer o que ele faz. Está naqueles que sentem os gritos de aflição, da dor, da dúvida, dos que não julgam, mas que chegam e ajudam. Isto é a base do que eu entendo de Deus. Estas coisas não são castigos de Deus, nem Ele volta a cara para o outro lado. Ele está e mete-se dentro disto. E o que celebramos no ministério pascal é precisamente isto: Ele assumiu as nossas dores até à morte mais aviltante. Portanto, do fundo desta crise, é possível gerar um mundo novo.

#### **O que o mundo está a viver agora é um sinal?**

Este vírus mostra a evidência de sociedade, que este mundo precisa de ser reformado. O mundo já conheceu outras pandemias, até mais graves do que esta. O que é interes-



**"O vírus da desigualdade e da falta de dignidade das pessoas é pior do que o vírus do covid-19, porque este passa, o outro não."**

sante e positivo neste momento é que pelo menos encontramos todos juntos e dissemos: "É um problema de todos." Já não é mau. Era importante que, não só a nível de cada país mas da Europa e do resto do mundo, se encontrasse um meio de dizer: "Não podemos permitir que coisas destas voltem a acontecer e que estejamos todos impreparados." Temos de dizer que os recursos do mundo não podem continuar a ser devastados como até agora. Temos de construir algo de diferente. E como cristão, como crente, vejo, e com uma emoção positiva, que há tanta gente a pensar assim. E esses fazem a diferença. O Papa dizia no Domingo de Ramos que os heróis não são as grandes estrelas, são as pessoas do dia-a-dia. Nós vivíamos num mundo completamente irreal. **Os heróis do dia-a-dia... Acha que tem sido esse o testemunho da Igreja portuguesa?**

Eu gostaria que fosse. Este momento vem dizer-nos que temos de contar mais e olhar para a frente. Há quem diga que a Igreja está a perder pessoas e espaço, então estamos a voltar para trás. Para trás? Como dizia o fado, o tempo não volta para trás. A mensagem cristã é sempre uma mensagem de olhar para a frente, porque há caminho para andar, mas temos de estar juntos para isso. Temos de transformar a Igreja naquilo que o Papa tem vindo a fazer, mais sinodal. É uma perspetiva importante. Na nossa região, há tradição nas instituições, nos caminhos que

bom senso, alguns estavam distraídos. Faz parte da nossa vida, pode acontecer, mas não é comum. O Evangelho soube sempre adaptar-se a todas as crises. Não são as dificuldades que põem em causa a Igreja, é o comodismo. O projeto de Deus para nós é percebermos o que é mais importante, é encontrarmos maneira de dar esperança, força, energia e capacidade de comunhão às pessoas, de elas se ajudarem umas às outras e construírem um mundo melhor.

**No dia 27 de março, a imagem do Papa sozinho na Praça de São Pedro fez pensar que era o deserto que aí vinha, mas pelo que diz não é.** Não. Há dias celebrou a eucaristia e estávamos quatro pessoas na Igreja. Ao fim do dia, vi no Facebook que já cinco mil pessoas a tinham visto. Nunca Sé de Setúbal teria tantas pessoas, só dá para 400. Não quero dizer que os sacramentos e a presença das pessoas deixaram de ser necessários. Nada disso. Mas estar-se sozinho não quer dizer que estou assim porque os outros me abandonaram. Significa que há caminhos que tenho de fazer sozinho, que, em certos momentos, não posso ser simplesmente a exterioridade da máscara que ponho para a rua. Tenho de ser eu próprio a redescobrir a minha verdade, o que sou e quais os meus caminhos. Este é o princípio para criar novas ligações, para dar nova densidade ao que já se fazia rotineiramente todos os dias. É chamar à atenção e dizer: "Se não vencemos esta crise vamos morrendo uns para os outros e o mundo pode ficar assim." Mas tem outro sentido essa imagem do Papa...

#### **Então?**

Era também a imagem das nossas cidades. É assim que estamos a viver. É a imagem de que o que se está a fazer é muito importante para que todos tenham vida, para que cada um de nós se sinta responsável e perceba que o mundo também depende de mim, esta pandemia depende de mim.

**É bispo de uma diocese que ficou marcada pelos anos 1980 e por um bispo, que foi designado como "bispo vermelho"; pela sua luta pelos pobres. Considera-se um bispo vermelho?**

Quando cheguei aqui, uma das coisas que trazia era a figura incontornável de D. Manuel Martins. Tenho uma grande gratidão para com ele e para com Deus, porque nos deu a ele como primeiro bispo da diocese. Porque se há algo que esperamos é por um mundo mais justo, fraterno, solidário e universal. E isto, na mensagem de D. Manuel Martins, é inultrapassável. Portanto, sinto-me bem aqui.

**Para terminar, como olha para o discurso que está a marcar a União Europeia?**

O discurso que se está a fazer na Europa não é o correto. Para vencermos juntos esta crise e conseguirmos recuperar a economia a um ritmo de vida aceitável para os cidadãos tem de ser com um discurso e uma ação solidários. Não há alternativa. Se não for com a solidariedade, a lógica dos predadores vai tornar-se muito mais agressiva e vai conquistar terreno, e sempre em detrimento dos outros. Esta é a lógica da competição, aquela que tem conseguido prevalecer na Europa. Daí o ceticismo de algumas pessoas. Tem sido uma Europa que não se abalança para um projeto novo, válido de valores e de solidariedade que façam dela um elemento de grande estatura a nível mundial. E, realmente, nesta crise toda, a Europa, como projeto, tem estado muito mal.

fazem, na atenção aos mais frágeis. São pessoas que dão do seu tempo, recolhem alimentos e roupas e levam-nos aos que mais precisam. A minha mensagem é de esperança, mas também de empenhamento. Não se cria esperança só com palavras, cria-se abrindo caminho e dizendo às pessoas que "não estão sozinhas". Se há crise vamos partilhá-la, mas vamos também partilhar os recursos para resolver os problemas e abrir um futuro para todos. É o que eu entendo que deve ser a nossa Igreja. É para isso que queremos trabalhar.

**Como olha para a forma como alguns padres crentes reagiram ao viver a fé pelas redessociais. Era a atitude que Deus esperaria deles?** Não. Não é tudo perfeito. Digo sempre que quando Nosso Senhor estava a distribuir o

# Na Páscoa do “deus mortal”



**Viriato Soromenho-Marques**

**D**entro da tempestade é difícil perceber os limites do que pode ser dito e escrito, sem cair na fúria ou no disparate. Há, contudo, um tema absolutamente incontornável, que esteve sempre latente e agora ganha uma evidência ensurdecedora: o que vai acontecer a essa instituição a que todos agora suplicam? Qual vai ser o futuro do Estado, ao seio do qual todos agora se acolhem, das influentes multinacionais do setor automóvel ou da aviação civil aos humildes trabalhadores eventuais do turismo e da restauração? Importa recordar de onde viemos. Foi o Estado, esse “deus mortal”, na rigorosa expressão do genial Thomas Hobbes (1588-1679), que salvou a democracia representativa em que, apesar dos desvios demagógicos e plutocráticos, grande parte do Ocidente ainda vive. O grande estadista do século XX foi o presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt (FDR). Entre 1933 e a sua morte em 1945, FDR reconstruiu o federalismo norte-americano, através de leis e instituições que defendiam a sociedade contra o capital financeiro sem destruir a capacidade de iniciativa do mercado; no plano internacional não só liderou o combate vitorioso contra as potências do Eixo, do Atlântico ao Pacífico, como lançou as bases de um sistema internacional orientado pela procura da paz com ordem, que ainda sobrevive no que sobra das Nações Unidas. Se os EUA tivessem sido liderados pela America First de Charles Lindbergh, a Europa e a Ásia teriam caído no inferno do jugo totalitário, racista e militarista do Eixo.

Hoje o Estado ou é impotente (o que se passa hoje na zona euro é o preço que se paga por um federalismo mal-amanhado e *low-cost*), ou está a desmoronar-se (em matéria de saúde pública, os EUA são um Estado falhado). Há 45 anos que os poderes e as leis do “Estado social” têm sido enfraquecidos. O mercado, dominado e manipulado pela porosidade do capital financeiro, é que controla hoje as políticas públicas. Todo o edifício que FDR deixou aos EUA e ao mundo, tem vindo a ser destruído. O que norteia as políticas hoje não é a segurança das pessoas, nem a procura da justiça, ou a garantia da paz, mas a idolatria cega do lucro pelo lucro, a mais vulgar expressão da vontade de poder. Por isso, a crise ambiental e climática tem aumentado sem cessar, tendo – no plano nacional – as leis ambientais e a proteção dos direitos sociais sido enfraquecidas, e completamente suprimidas no plano internacional para fazer rolar o comércio internacional. Porque o *show must go on*, os avisos sobre o risco de pandemia foram ignorados ao longo dos anos, e as medidas de combate foram atrasadas para além do razoável. Estamos a entrar, à escala global, no planalto de um U invertido. Esta pandemia marca o início declarado de uma longa queda. Bem precisaríamos de um Estado que nos defendesse, sem nos oprimir. Políticas comuns capazes de coordenar a luta contra a crise ambiental e climática, que seguirá o seu curso destruidor. Contudo, as nossas preces correm o risco de se dirigir a um deus que já morreu. Teremos nós engenho para o ressuscitar a tempo?

Professor universitário

# África não é um laboratório

**João Melo**



**N**o dia 1 de abril, num programa transmitido pelo canal de televisão gratuito LCI (La Chaîne Info), especializado em notícias, em França, o chefe dos serviços de medicina intensiva e reanimação do Hospital Cochin, em Paris, Jean-Paul Mira, perguntou a Camille Loch, diretor de pesquisa do Instituto Nacional de Saúde e Pesquisa Médica (INSERM, em francês) em Lille, o que pensava da hipótese de realizar testes com a vacina BCG no continente africano, a fim de saber se a mesma poderia ser usada para tratar o covid-19.

Vale a pena reproduzir integralmente a pergunta: “Se posso ser provocador, será que não poderemos realizar tais estudos em África, onde não há máscaras, não há tratamento, não há reanimação, um pouco como foi feito com certos estudos acerca da sida entre prostitutas: fizemos esses ensaios pois sabíamos que elas eram altamente expostas. O que acha?”

Camille Loch respondeu: “Tem razão. Estamos a refletir sobre a realização de um estudo com esse tipo de abordagem em África, o que não impede que façamos em paralelo um estudo na Europa e na Austrália.”

A pergunta e a resposta foram claríssimas.

Talvez inesperadamente para os dois cientistas franceses, a

reação da sociedade foi imediata e contundente. A prestigiada organização SOS Racisme denunciou o “desprezo” das referidas declarações em relação aos “corpos negros”, acrescentando que a comparação entre a sida e as prostitutas era “problemática” e “indesejável”. O Partido Socialista Francês exigiu à estação televisiva onde as mesmas foram proferidas que as condenasse clara e explicitamente.

“Os nossos vizinhos não são cobaias”, sublinha o comunicado do PS francês sobre o assunto.

Nas redes sociais, a cólera espalhou-se como fogo na savana. A estrela mundial de futebol Didier Drogba, nascido na Costa do Marfim, reagiu vivamente: “África não é um laboratório”, disse ele. Drogba denunciou de modo enfático as “graves, racistas e depreciativas” afirmações de Jean-Paul Mira e Camille Loch, o que foi seguido por numerosos internautas, em especial africanos.

O próprio diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, comentou as afirmações dos dois cientistas franceses, não poupando nas palavras. Para ele, as “sugestões” de Mira e Loch são inadmissíveis, sobretudo tratando-se de dois cientistas. Depois de acrescentar que as mesmas são contrárias ao espírito de solidariedade exigido pela pandemia do covid-19, não hesitou em classifi-

ca-las de “racistas” e “neocolonialistas”.

Ghebreyesus afirmou que as pesquisas para a descoberta de uma vacina contra a doença serão feitas em todo o mundo, de acordo com o mesmo protocolo. “África não é nem será um campo de testes”, sublinhou o diretor-geral da OMS, para depois garantir que “todos serão tratados como seres humanos, pois todos somos seres humanos.”

O canal televisivo onde as polémicas afirmações dos dois cientistas franceses foram veiculadas não se pronunciou sobre as mesmas, provavelmente em nome da “liberdade de expressão” (as aspas são intencionais). Limitou-se a divulgar as explicações dos seus autores. Ambos se desculparam pelas afirmações proferidas, admitindo que estas últimas, “com razão ou sem ela, podem ser interpretadas como pejorativas em relação aos países africanos”.

Pergunto eu, ingenuamente (?): “Com razão ou sem ela?”

Os cientistas franceses informaram igualmente que, após este episódio, começaram a receber ameaças telefónicas e outras, inclusive de morte. A ser verdade, e como é óbvio, tais ameaças devem ser condenadas sem qualquer ambiguidade e deverão ser investigadas pelas autoridades francesas.

Entretanto, não posso deixar de evocar Brecht:

*Do rio que tudo arrasta  
Se diz que é violento  
Mas ninguém diz violentas  
As margens que o comprimem*

A pandemia do novo coronavírus é, como o nome indica, um problema que afeta toda a humanidade. Como tantos dizem, em todas as partes do mundo e em todas as línguas, não poupa países, classes, idade, sexo, raças, ideologias, religiões e tantos outros fatores de divisão. Espero que, quando ela passar, sejamos todos um pouco mais humanos.

Escritor e jornalista angolano, diretor da revista África 21.



Global Media Group

11.4.2020

**Diretor** Ferreira Fernandes **Diretora executiva** Catarina Carvalho **Subdiretor** Leonídio Paulo Ferreira **Diretor-geral de conteúdos** Afonso Camões **Diretor de arte** Pedro Fernandes **Diretor adjunto de arte** Vitor Higgs **Editores executivos** Helena Teceideiro, Pedro Sequeira e Artur Cassiano (adjunto) **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Céu Neves, Graça Henriques, Fernanda Cância e Paulo Pena **Editores online** Carlos Ferro, Lina Santos, Ricardo Simões Ferreira e Rui Frias **Editor de redes sociais** Nuno Mota Gomes **Editores coordenadores** João Céu e Silva, João Pedro Henriques e Nuno Sousa Fernandes **Redatores** Carlos Nogueira, Catarina Reis, César Avó, David Mandim, David Pereira, Filomena Neves, Isaura Almeida, Joana Capucho, Maria João Caetano, Paula Freitas Ferreira, Paula Sá, Rita Rato Nunes, Rui Frias, Susete Francisco, Susete Henriques, Susana Salvador, Valentina Marcelino **Fecho de edição** Elsa Rocha (editora), Ângela Pereira e Nuno Carvalho **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, Gonçalo Sena, Maria Helena Mendes, Marta Ruela Rocha, Teresa Silva; Ana Kaiseler e Tânia Sousa (infografia) **Digitalização** Nuno Espada (coordenador), Inês Nazaré, Paulo Dias e Pedro Nunes **Dinheiro Vivo** Rosália Amorim (diretora editorial) **Revistas** Rui Leitão (diretor gráfico) **Conselho de Redação** Céu Neves e Maria João Caetano **Secretária de direção** Elsa Silva **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora), Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 5.º - 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º - 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.º A, 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de março de 2020: 16 625 exemplares.

VISAPRESS®  
Direitos de Autor Protegidos

apct

# Ihor Homeniuko e o murro no estômago do ministro

**Fernanda Cândia**



**P**artilho da vossa angústia e indignação." Eduardo Cabrita não se poupou nas certificações de surpresa e dor face ao caso de Ihor Homeniuko, o ucraniano que morreu a 12 de março no Centro de Instalação Temporária do aeroporto de Lisboa, e de cujo homicídio qualificado estão indiciados três inspetores do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Não se poupou também nas contradições, imprecisões e anúncios vagos.

Se afirmou "haverá autores, haverá que apurá-lo. Haverá no plano administrativo da responsabilidade disciplinar, haverá coisas que estarão entre a negligência grosseira e o encobrimento gravíssimo", também achou sem relevância que o cadáver tivesse ficado mais de três horas na posse do SEF, justificando-o com as comunicações com o MP (um telefonema e um *mail*, este enviado três horas e 19 minutos após a declaração do óbito); justificou que aquela polícia tivesse dito ao MP e à Embaixada da Ucrânia que o homem morrera de "doença súbita" e "problemas epiléticos" com a existência da declaração de óbito assinada por um médico do INEM, que diz "paragem cardiorrespiratória na sequência de crise convulsiva"; e certificou: "Não há ações orquestradas pelo SEF nem isto é o padrão de atuação do SEF ou de qualquer outra entidade pública."

Pois lamento: encobrimento, que é algo que o ministro põe a hipótese de ter ocorrido e que qualquer pessoa que esteja a seguir o caso conclui que aconteceu, é "ação orquestrada". É a existência de um conluio, de um pacto, entre várias pessoas, neste caso funcionários de uma polícia, para esconder a verdade. Não se arranja ação mais orquestrada do que essa – e está longe de ser incomum nas polícias que tutela, como inúmeros casos ao longo de mais de quatro décadas provam. Portanto ou o ministro acha que pode ter havido encobrimento e portanto ação orquestrada, ou está a dar uma no cravo e outra na ferradura: quer parecer severo e indignado mas ao mesmo tempo defender a corporação, algo a que infelizmente todos os governos nos habituaram, habituando assim as polícias a que não haja consequências.

Isso é tanto mais indesculpável quando se Eduardo Cabrita só soube, como garantiu, da possibilidade de a morte de Ihor se dever a crime no dia da detenção dos três inspetores, tem todos os motivos para se sentir enganado pela polícia que tutela. Aliás, quando diz "jamais estive numa situa-

ção que mais contrariasse aquilo que são os valores fundamentais do Estado democrático" e ter recebido a notícia da detenção dos três inspetores "como um murro no estômago" de que poderá estar a falar senão da existência da tal ação orquestrada?

O ministro sabe que num local como o aeroporto de Lisboa, onde trabalham a todo o tempo pelo menos duas dezenas de inspetores sob a direção de um inspetor coordenador de turno, numa estrutura fortemente hierarquizada, não era possível morrer uma pessoa em custódia sem que o referido coordenador soubesse – e se deslocasse ao local da morte. E que não é de todo crível que esse coordenador não tratasse de perceber as circunstâncias da morte, quem tinha estado com o morto e porquê – era ver o registo das entradas e as imagens de videovigilância –, como tinha sido tratado, se fora alimentado, etc. Não é sequer admissível que não tentasse ouvir os inspetores que tinham estado com Ihor naquela manhã (agora detidos) e não avisasse os superiores: a direção de fronteiras de Lisboa (que foi demitida a 30 de março) e/ou a direção nacional. Terá sido também ao coordenador, Francisco Anjos – senão a alguém acima dele – que terá cabido a decisão de informar o MP e em que termos, assim como de não chamar a PJ nem preservar o local para possível investigação.

O que terá apurado o coordenador e o que terá sido dito à hierarquia não sabemos. Mas sabemos que o relatório que recebeu, 49 minutos após a morte, assinado por um dos dois inspetores que estavam com Ihor quando ele morreu (e que chamaram o INEM), não faz qualquer menção aos sinais de agressão que seriam depois verificados na autópsia e ao facto de o detido ter estado sem alimentos (de acordo com os testemunhos) desde as nove da manhã. E que a comunicação para o MP, enviada com seu conhecimento, fala de "morte súbita".

Sabemos também algo muito revelador: que alguém fez, a 14 de março, uma denúncia anónima à PJ na qual se contraria a ver-

são da morte de Ihor que o SEF propalou pelo menos até 18 de março – quando comunicou a ocorrência à Inspeção-Geral da Administração Interna como, mais uma vez, decorrente de doença ou causas naturais. Porque existiria uma denúncia anónima para outra polícia num caso ocorrido sob custódia policial, a não ser porque o seu autor achava (ou tinha a certeza) que não adiantava fazê-la ao SEF?

De resto, porque é que a inspeção interna ao caso que Cabrita nos garantiu ter sido ordenada logo no dia 13 pela direção nacional do SEF parece não ter encontrado nenhuma suspeita de crime? Tal inspeção só poderia ouvir as mesmas testemunhas – por exemplo os seguranças da empresa 2045 que trabalham no CIT – que à PJ contaram ter visto e ouvido as agressões e os sinais delas em Ihor, assim como chocantes comentários dos agressores – "Hoje já nem preciso de ir ao ginásio"; "Ele agora fica sossegado". Ouviu-as? Que perguntou? Que descobriu? Que andou afinal a inspeção do SEF, que é uma polícia criminal, a fazer?

"Negligência grosseira ou encobrimento gravíssimo" – o diagnóstico do ministro parece acertado. Agora falta ter consequências; que mais uma vez, como costuma suceder neste tipo de casos, não se concentre tudo nos elementos indiciados do crime e não se feche os olhos ao resto. O resto que é o que permite que algo assim – quer a morte de Ihor se tenha devido a agressões quer à ausência de assistência e cuidados médicos (foi deixado algemado, numa sala fechada, durante mais de dez horas) – suceda.

Não há como negar que se for verdade que três inspetores foram ao CIT agredir Ihor só o fizeram porque sabiam que podiam. E se sabiam que podiam temos de concluir que não foi a primeira vez – que o fizeram ou viram fazer. Como temos de concluir que se é verdade que um deles trazia consigo um bastão extensível – cujo uso por inspetores do SEF o ministro, acaloradamente, garantiu ser ilegal por não fazer parte do equipamen-

to – é porque sabia que podia (dois inspetores garantiram ao DN que o seu porte é comum e vários colegas os têm "à cintura", sem que alguma vez isso tenha sido questão).

Como não há como negar que quem no SEF lida com os detidos no CIT sabe que está perante pessoas desprotegidas. Que dificilmente acedem ou sequer sabem que podem aceder à assistência jurídica que a lei lhes garante – algo mais que denunciado pela Provedoria de Justiça, pela Ordem dos Advogados e por inúmeras organizações de defesa dos direitos humanos. Que por serem espoliadas dos seus telefones (com que direito? Sob que pretexto?) têm grande dificuldade em contactar com a família ou alguém a quem possam pedir socorro ou fazer alguma denúncia.

Pessoas que são tratadas como estando em prisão preventiva sem que tenham sequer o direito essencial de serem presentes a juiz quando a sua detenção exceda 48 horas – os juizes "despacham" a extensão da detenção por *mail*, fazendo absoluta fé no que lhes diz aquela polícia; foi o que sucedeu com Ihor, que morreu já no período dessa extensão, validado por uma juíza por *mail*.

Perante este caldo para todos os abusos, tantas vezes denunciado, até pela Provedoria de Justiça, que em 2018 chamou aos CIT a "verdadeira terra de ninguém contemporânea, quem pode realmente admirar-se com "uma situação que contraria os valores fundamentais do Estado democrático"? Não decerto o ministro: a situação dos CIT contraria e há muito todos esses valores. Pelo que a única forma de garantir que não haja outros Ihor é reformar o sistema. A começar pela lei e pela definição do estatuto daquelas pessoas: se as tratam como presos, têm de ter pelo menos os mesmos direitos que os presos. Ter um advogado, ver um juiz, receber visitas, fazer telefonemas. O mínimo que gostaríamos que fosse garantido a qualquer português no estrangeiro – a qualquer pessoa neste mundo.

Jornalista



VITOR HIGGS/DN

# Ed Miliband volta à ribalta no Labour. Será uma ameaça ao novo líder?

O "cromo" que esteve à frente dos destinos do Partido Trabalhista entre 2010 e 2015 foi escolhido por Keir Starmer para ser ministro-sombra das Empresas, Energia e Estratégia Industrial, um setor-chave no pós-pandemia.

SUSANA SALVADOR

N a véspera das eleições de maio de 2015 no Reino Unido, as sondagens apontavam para um empate técnico entre os trabalhistas e os conservadores, com possibilidades de vitória do Labour após cinco anos de coligação dos Tories com os liberais-democratas. A maioria conquistada nas urnas por David Cameron caiu assim como uma surpresa. Ed Miliband, que liderava a oposição desde 2010, passou então a pasta a Jeremy Corbyn e recuou até ao chamado *backbench* (banco de trás) do Parlamento britânico, onde se sentam aqueles que não têm cargos no governo-sombra. Mas, tendo sido o mais jovem líder do Partido Trabalhista (tinha apenas 40 anos quando foi eleito), muitos não duvidavam de que regressasse ao *frontbench* (banco da frente).

Cinco anos depois de deixar a ribalta, Miliband está de volta, tendo sido nomeado ministro-sombra para as Empresas, Energia e Estratégia Industrial. Uma jogada arriscada do novo líder do Labour, Keir Starmer, eleito há uma semana, especialmente tendo em conta que continua a haver muitos fãs de Miliband. Numa sondagem de finais de janeiro, surgia logo atrás de Corbyn como o ex-líder mais popular entre os militantes trabalhistas, com 70% dos inquiridos a vê-lo de forma favorável (menos um ponto percentual do que Corbyn). Nas casas de apostas, as *odds* para que seja o futuro líder do partido são de 50/1.

Mais: o cargo que agora ocupa será um dos mais visíveis no pós-pandemia do coro-

navírus, com Ed Miliband a liderar a resposta do Labour às políticas do governo britânico para ajudar as empresas a recuperar da devastação económica esperada. Não só por causa do covid-19, mas também do Brexit – cujo período de transição termina no final do ano, caso não haja um adiamento e cujas consequências são ainda desconhecidas.

"Temos todos de nos focar em desempenhar o nosso papel na resposta do país ao coronavírus, trabalhando com o governo para ajudar os muitos negócios e trabalhadores que foram atingidos e que precisam de que as suas vozes sejam ouvidas", escreveu Ed Miliband no Twitter. "Não podemos voltar a fazer negócios como sempre depois desta crise. Precisamos de reformular a nossa economia, respondendo à insegurança que muitos milhões de trabalhadores enfrentam. Temos também de voltar às alterações climáticas como a inevitável questão de longo prazo da nossa época", acrescentou, dizendo-se desajeitado de trabalhar com Keir Starmer.

Deputado pela circunscrição de Doncaster North desde 2005, Miliband foi ministro da Energia e das Alterações Climáticas entre 2008 e 2010, com Gordon Brown. Quando este perdeu as eleições de 2010 e se demitiu da liderança do Labour, apresentou-se como candidato à sucessão, acabando por derrotar por apenas 1,3% o seu irmão mais velho, David Miliband – que tinha sido chefe da diplomacia. Parte da razão da vitória foi o apoio dos sindicatos, o que lhe valeu a alcunha de Red Ed (Ed Vermelho, pela proximidade ao setor mais à esquerda do partido). Enquanto líder, esteve várias vezes envolvido em momentos constrangedores: o

▲ A 8 de maio de 2015, um dia depois de perder as eleições legislativas britânicas para David Cameron, Ed Miliband apresentou a demissão da liderança do Partido Trabalhista. Jeremy Corbyn seria o sucessor.

mais famoso foi aquele em que comeu uma sanduíche de *bacon* de forma desajeitada, sendo apontado depreciativamente como um "cromo".

Quando deixou a liderança do Labour, Ed Miliband manteve-se como deputado, participando em vários debates sobre alterações climáticas e energia. Ganhou ainda popularidade a apresentar o *podcast Reasons to be Cheerful*, com o radialista Geoff Lloyd, em que todas as semanas revela as suas razões para estar bem-disposto e discute com convidados ideias para melhorar o mundo. No último episódio, posto no ar na passada segunda-feira, dia em que foi nomeado para o novo cargo, aparece a cantar uma canção do filme *Música no Coração* e diz estar bem disposto por causa das imagens de cabras a invadir uma aldeia nos tempos do confinamento, falando depois da necessidade de cooperação global para responder a uma crise global. Além disso, livre das amarras da liderança de um partido, tornou-se uma estrela no Twitter.

## Outros regressos

O regresso de um antigo líder aos cargos de maior poder dentro de um partido não é novidade no Reino Unido, mas é algo raro, com a maioria a ficar ainda uns anos como deputados, optando depois por apostar no setor

privado. Neil Kinnock, que liderou o Labour entre 1983 e 1995, acabaria por ser comissário europeu (foi vice-presidente de Romano Prodi), mas não voltou à política interna.

No Partido Conservador há contudo dois casos de regressos bem-sucedidos: William Hague, que foi líder entre 1997 e 2001, e o seu sucessor, Iain Duncan Smith, que esteve no cargo até 2003. Hague, que se demitiu após a derrota nas eleições de 2001, viria a ser chamado para o governo-sombra por David Cameron, de quem era na prática número dois, incluindo depois de este chegar ao poder, em 2010. Foi chefe da diplomacia e primeiro secretário de Estado, tendo também sido líder da Câmara dos Comuns. Está atualmente na Câmara dos Lordes.

Já Iain Duncan Smith, que foi afastado da liderança partidária num voto de não confiança antes de disputar qualquer eleição, foi ministro do Trabalho e das Pensões entre 2010 e 2016, no governo de Cameron. No ano passado, esteve à frente da campanha de Boris Johnson para a liderança dos Tories, não desempenhando contudo nenhum papel oficial no seu governo.

Nos liberais-democratas, Nick Clegg também voltou por momentos ao *frontbench*, depois de deixar a liderança do partido, que ocupou entre 2007 e 2015. Vice-primeiro-ministro no governo de coligação com os conservadores de David Cameron entre 2010 e 2015, voltou a assumir um papel de destaque após o referendo para a saída do Reino Unido da União Europeia, quando se tornou porta-voz do partido para o Brexit. Acabaria contudo por perder as eleições de 2017, não voltando ao Parlamento.



ARQUIVO AFP/JUS IN TALLIS

**JOÃO ALMEIDA MOREIRA**  
São Paulo

Duas vezes segundo classificado na corrida à presidência do Brasil – perdeu em 2002 para Lula da Silva e em 2010 para Dilma Rousseff em disputadas segundas voltas –, o hoje senador José Serra, do PSDB, partido de centro-direita, é um dos políticos mais experientes do país.

E dos mais habilitados a comentar a crise do coronavírus: foi ministro da Saúde, no segundo governo de Fernando Henrique Cardoso, prefeito da cidade, São Paulo, e governador do estado, novamente São Paulo, mais atingidos pela pandemia, e ainda ministro dos Negócios Estrangeiros, entre outros cargos.

Para José Serra Chirico, nascido a 19 de março de 1942 em São Paulo, filho de emigrantes italianos, o presidente da República Jair Bolsonaro conduz a crise “criando novas crises” por culpa de um “comportamento errático”, que se traduz, também, “em danos na imagem internacional do Brasil”. No entanto, acha que seria “um equívoco” torcer pela renúncia ou pelo *impeachment* do presidente nesta fase.

**Em conversa recente com o DN, o advogado Miguel Reale Júnior, um dos subscritores do *impeachment* de Dilma Rousseff, defendeu a necessidade de renúncia ou de *impeachment* do atual presidente. Como vê a questão neste momento?**

Embora a vontade de termos no lugar de Bolsonaro alguém mais centrado, mais equilibrado para coordenar e gerir a crise, que entenda que é presidente de todos os brasileiros e não apenas do grupo que o apoia, considero que seria bastante traumático torcermos pela renúncia ou o *impeachment* do presidente. Definitivamente, acho que é um grande equívoco considerarmos essas opções neste momento. **Como avalia a condução desta crise pelo presidente Jair Bolsonaro?**

Na verdade o presidente Bolsonaro tem conduzido a crise do coronavírus criando novas crises. Tem insistentemente mantido um comportamento errático, confundindo a população, contradizendo as orientações técnicas das autoridades sanitárias nacionais e internacionais e minimizando os efeitos e o potencial da contaminação do vírus. Como se não bastasse, vocês devem estar acompanhando o braço-de-ferro com o ministro da Saúde. Na segunda-feira, o Brasil passou o dia inteiro em suspensão, com a possibilidade de demissão do ministro [Luiz Henrique] Mandetta, que é quem tem, de facto, conduzido o enfrentamento da pandemia e dado um norte para que os governadores se posicionem e tomem medidas de isolamento em seus estados. Eu sintetizaria a postura do presidente Bolsonaro como irresponsável e inadequada diante da crise.

**O que é prioritário no momento, dos pontos de vista político, económico, logístico?**

Do ponto de vista político deve haver união. Autoridades do executivo, do legislativo e do judiciário, nas diversas esferas de governo, devem unir-se para dar uma resposta satisfatória à população. As disputas ideológicas e de poder devem ser deixadas de lado, por enquanto. Do ponto de vista económico, a opção é uma política orçamental agressiva, que vai levar, inexo-

**José Serra.** O ex-ministro da Saúde e duas vezes candidato à presidência do Brasil fala ao DN da crise do novo coronavírus e considera a atuação do presidente Jair Bolsonaro “errática” e prejudicial para a imagem do país no estrangeiro. Mas rejeita um cenário de *impeachment* nesta fase.

## “Bolsonaro gere a crise criando novas crises”

ravelmente, ao aumento da dívida pública. Qual o tamanho da dívida, quando e como pagar é uma resposta que só pode ser dada depois que tudo isso passar. Nesse sentido, foi fundamental a aprovação do decreto legislativo autorizando o governo federal a gastar o que for necessário para suportar o sistema de saúde e garantir algum alento financeiro para a população mais vulnerável financeiramente, principalmente trabalhadores informais e autônomos, bem como microempreendedores que viram as suas receitas reduzirem-se bruscamente da noite para o dia, em muitos casos a zero. A aprovação do decreto permite flexibilizar o orçamento da União de forma a que se adote a única política económica necessária no momento: gastar, gastar e gastar.

**E a questão logística?**

Do lado logístico, a hora é de fortalecer o Sistema Único de Saúde [SUS], que foi implementado durante a minha gestão no Ministério da Saúde. Para tanto, apresentei, e o Senado já aprovou, projeto de reforço orçamental de dois mil milhões de reais [cerca de 400 milhões de euros], sem condicionantes, às Santas Casas, que constituem uma rede de hospitais em todo o Brasil e respondem por 50% do número de atendimentos do SUS. Além disso, temos de buscar todas as alternativas para que não falem profissionais de saúde, equipamentos de proteção e leitos para todos. Isso só será possível se o país adotar práticas rigorosas de isolamento, de forma a evitar a saturação do sistema de saúde.

**Já esteve no lugar do ministro Luiz Henrique Mandetta. Criou um elogiado programa**

**de combate à sida e enfrentou a dengue. Esses episódios têm alguma comparação com o novo coronavírus?**

O combate à sida e o enfrentamento à dengue foram episódios que exigiram uma reviravolta em todo o sistema de saúde do Brasil. No caso da sida, enfrentámos o *lobby* e o interesse comercial da indústria farmacêutica internacional. Não nos limitámos apenas à prevenção da transmissão da doença, fomos além, fomos em busca de um tratamento. Nessa busca surgiram os medicamentos genéricos, que foram fundamentais para o tratamento da sida, na queda do número de mortes, na cura de muitos, o que provocou mudança radical no mercado de medicamentos no Brasil. No caso da dengue, travámos outra batalha com a ajuda do exército. Foram realizadas *task forces* em todos os locais onde o número de casos era mais expressivo, houve forte campanha educacional, para que a população fizesse a sua parte no controlo da disseminação do mosquito. Diria que foram duas duras guerras que tive de enfrentar, mas nada se compara com o que estamos presenciando no caso do novo coronavírus. Com proporções mundiais, implicou a mudança de comportamento de todos nós. De repente, nações ricas e pobres viram-se dominadas por um inimigo desconhecido e invisível, com consequências nefastas e sem controlo, tanto do ponto de vista da saúde quanto económico.

**Esteve no lugar de João Dória [também do PSDB]. Acha que o governador de São Paulo – e a generalidade dos restantes gover-**

“Sida e dengue foram duas duras guerras que tive de enfrentar, mas nada se compara ao que estamos presenciando no caso do novo coronavírus.”





**g**  
**adores dos estados do Brasil – está a lidar com a crise da forma mais responsável?**

Sim. Considero que o governador João Dória e a maioria dos governadores do Brasil estão tratando a crise de forma bastante rigorosa e responsável. Dória acaba de entender a quarentena horizontal até ao dia 22. As medidas que têm sido tomadas pelos governadores têm sido fundamentais para que os números de contaminados e de mortes sejam menores do que o previsto no início da pandemia no Brasil.

**Internacionalmente, a imagem do Brasil no combate à pandemia vem sendo destacada, pela negativa, por causa das posições do presidente Bolsonaro. Tendo sido ministro dos Negócios Estrangeiros no governo anterior, acredita que isso possa causar danos ao país?**

Infelizmente tenho de concordar com o olhar que o mundo tem do Brasil no caso da pandemia. Como já disse anteriormente, o presidente Bolsonaro não se tem comportado de maneira adequada e que

tranquilize os brasileiros neste momento e tem minimizado os efeitos da doença além do recomendável. Com o seu comportamento errático, é natural que o mundo forme uma imagem negativa do Brasil. Espero que o mundo entenda que o comportamento do presidente não reflete o que é o Brasil ou o brasileiro, nem mesmo reflete o seu governo, que conta com ministros bastante dedicados ao enfrentamento da crise. Mas é muito difícil que a nossa imagem não saia arranhada internacionalmente e que parceiros importantes não mudem a relação connosco.

**Sendo parte do legislativo, como avalia os ataques de Bolsonaro ao Congresso (e ao poder judicial)?**

Completamente inadequados. Agora seria a hora da união e não de divisão ou disputas políticas e de poder. É hora de baixarmos a guarda e ouvirmos mais os cientistas e voltarmos todos os nossos esforços para encontrar soluções para a sociedade brasileira.

■  
 “Bolsonaro diz que o coronavírus é uma ‘gripezinha’. O PT denominou de ‘marolinha’ [onda pequena] a crise de 2008, que todos chamavam de tsunami.”

**Presumo que se tenha sentido sem alternativas na segunda volta das eleições de 2018. A esta distância, acha que teria sido mais ou menos danoso para o país uma eventual vitória de Fernando Haddad, do PT, tradicional antagonista do PSDB?**

Difícil dizer. Não sei qual seria o comportamento de Fernando Haddad diante dessa crise inimaginável que atingiu o mundo. Lembremos que assim como hoje Bolsonaro classifica o coronavírus como uma simples “gripezinha” ou “resfriadinho”, o PT denominou de “marolinha” [onda pequena] a crise económica de 2008, que todos chamavam de tsunami.

**Tem fortes raízes italianas, como tantos outros paulistas. Como se sente ao ver que Itália é o país mais atingido pela doença até agora?**

Vejo com muito pesar, sem deixar de pensar nos meus pais, que se estivessem vivos estariam muito tristes com todo o sofrimento pelo qual estão passando os seus compatriotas.

**Jogos sem Fronteiras**  
por **Bernardo Pires de Lima**



# Brutalidades em tempo de paz

Que avaliações podemos fazer sobre o choque brutal provocado pelo covid-19 na globalização e na política internacional? Será a maior disrupção desde a Segunda Guerra Mundial ou o acelerador intempestivo de várias tendências globais em curso? Ou ambas?

Os efeitos da pandemia em curso ainda vão no adro, mas é possível discutir ângulos de análise por defeito e outros por excesso. Começemos por estes. Muitos têm perentoriamente enfatizado o carácter apocalíptico do covid-19 nas várias dimensões da globalização, recorrendo ao tremendismo de algibeira para prever o que aí vem. Não disputo a extensão irreparável dos danos a curto prazo, sentidos já por milhões de pessoas por todo o mundo. Uma pandemia que provoca um apagão autotomposto nas economias mais industrializadas não causa certamente males menores. Contudo, o covid-19 tem sido mais um acelerador intempestivo de várias tendências globais que a última década revelara do que o criador de uma novidade absoluta.

Falamos hoje do declínio da globalização como efeito colateral da pandemia, mas os números dizem-nos que, em parte, ela já estava a ocorrer, quer nos fluxos globais de investimento direto estrangeiro quer do comércio internacional. O assalto à globalização tinha tido uma primeira ronda na grande crise financeira de 2008, a que se seguiram os efeitos alarmantes provocados pela crise climática e mais recentemente o frontal choque comercial entre EUA e China. O covid-19 é a etapa seguinte: brutal, intensiva, implacável, mas não a origem da tendência. Ao declínio da globalização tal como a conhecíamos, podemos ajustar o reforço do regionalismo, como plataforma produtiva e de fluxos mais domáveis (comerciais, energéticos, logísticos, tecnológicos) e, por via disso, mais próximos da esfera reanimada das decisões soberanistas dos Estados. O reforço do seu papel assistencialista é outra das inevitáveis consequências das crises que enfrentamos, provando o mérito da social-democracia em tempos de cólera (até para liberais de cultura livresca) e desafiando-a a reinterpretar-se para os tempos de normalização.

Falamos também hoje da total ausência de liderança internacional, ao invés da que os EUA assumiram contra o ébola, mas a retração estratégica de Washington para conduzir uma “comunidade internacional” mobilizada é, nalguns aspetos, até anterior à eleição de Donald Trump. Ninguém honesta-

mente esperaria que a atual administração tivesse a arte, o engenho e a vontade de liderar uma frente multilateral eficaz contra o covid-19. O que podemos dizer é que há um preço a pagar quando o sistema internacional apenas gera falsos equilíbrios de poder, dos quais não resulta nenhuma proposta à altura dos desafios que enfrentamos, nem sequer uma articulação mínima que esbata os riscos de uma ordem apolar. O que esta pandemia tem provado é que nenhuma grande potência internacional ou regional está a sair vencedora, ou pelo menos com vantagem competitiva nítida. Os EUA mergulharam subitamente no maior cataclismo do pós-guerra; o *softpower* da China já está a ser colocado no seu devido nível de credibilidade; o mesmo se passa com a Rússia; enquanto os principais países europeus e a UE tentam gerir a depressão com as conhecidas disfuncionalidades autoatribuídas.

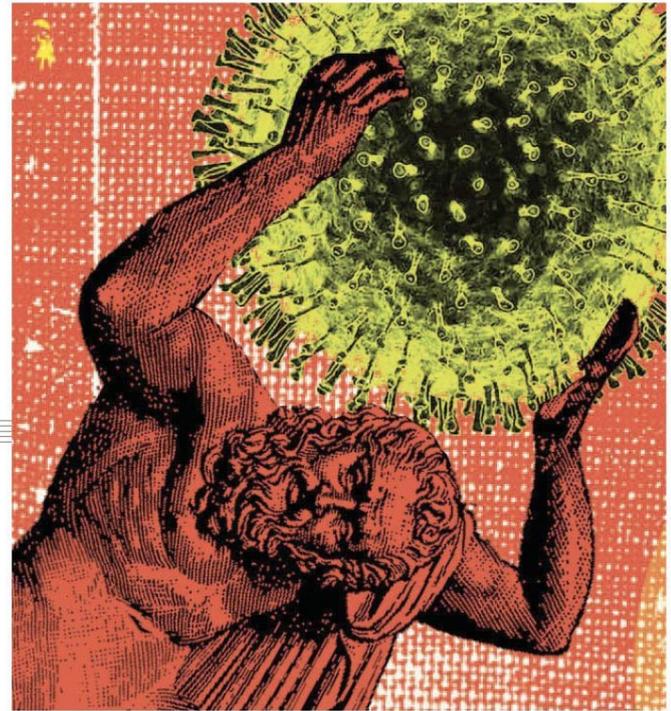
Falamos ainda da desadequação progressiva de algumas organizações multilaterais, fundamentais em qualquer crise global (financeira, migratória, energética, de paz), seja por cristalização da sua representatividade política seja pelo anacronismo das regras de funcionamento ou da benignidade das suas atuações. Basta ver o desgaste monumental da OMS ou a total inexistência da ONU como instrumento natural para coordenar uma resposta eficaz à dimensão da crise que vivemos? A tendência para a desvalorização multilateral não nasceu agora, foi cíclicamente exposta, imposta e assumida. Teve presidentes americanos que ensaiaram o seu cirúrgico apagamento, outros que a recompuseram, mas nenhum lhe causou tanto prejuízo material e moral como Trump. O covid-19 veio tão-somente revelar o custo monumental desse progressivo ocaso.

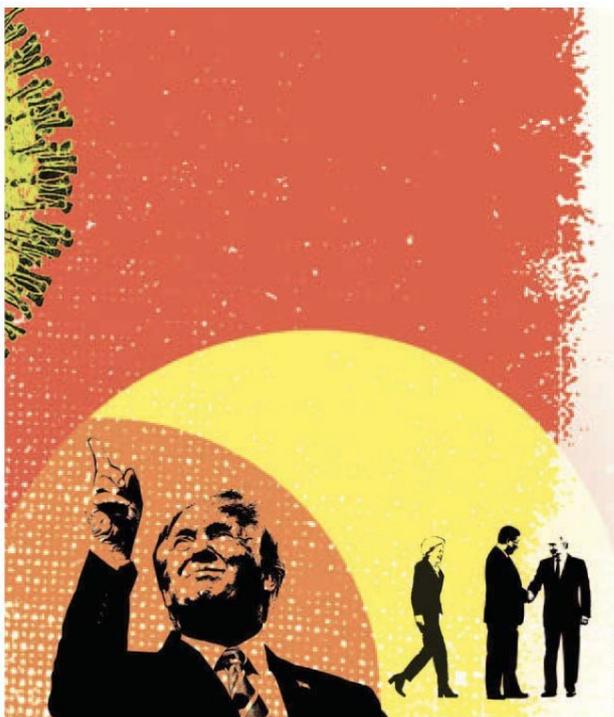
Mas se estes são ângulos de análise por excesso aos efeitos da pandemia, há também alguns por defeito que importa discutir. Desde logo porque tudo indica não estarmos sequer no início do fim do controlo do vírus, que pode chegar em vagas, atropelando narrativas políticas e facilitismos sociais. Também parece não estarmos próximos de uma vacina, quanto mais da sua aplicação maciça. Dizem os especialistas que este cenário pode levar até dois anos. Já as previsões da OCDE revelam colossais contra-

ções do PIB nas grandes economias do G20 (90% da riqueza mundial, 80% do comércio), entre os 15% e os 35% a curto prazo. E um estudo recente feito por três economistas da Universidade da Califórnia (Jorda, Singh e Taylor), depois de analisadas as 12 maiores pandemias desde o século XIV (todas com mais de cem mil mortos), aponta para efeitos macroeconómicos sentidos num horizonte de 40 anos. Tudo isto é suficientemente alarmante para qualquer país, por menos afetado pelo vírus que esteja a ser.

A depressão económica global está já a acelerar sem apelo nem agravamento a transformação tecnológica no mercado de trabalho, muito dele precário e sob uma instabilidade crónica. A desproteção na saúde e o arcaísmo dos modelos educativos serão prioridades políticas imediatas, reforçadas nos orçamentos e provavelmente menos sujeitas a disputas ideológicas mesquinhas. Já a tentação por mecanismos de vigilância digital, típicos das sociedades autoritárias,

**O que esta pandemia tem provado é que nenhuma grande potência regional ou internacional está a sair vencedora, ou pelo menos com vantagem competitiva nítida. E não estamos sequer no início do fim do controlo do vírus.**





VITOR HIGGS/DN

está hoje em equação por qualquer democracia. Estávamos a caminhar para aqui há alguns anos, fomos aceitando o facto consumado em troca de uma falsa sensação de modernidade e aproximação social que comodamente a tecnologia cristalizou. O contexto alargado de maior isolamento comportamental pode aumentar a necessidade de os Estados, apetrechados de poderes extraordinários, percorrerem o roteiro do autoritarismo digital, da deteção e da repressão. Que o comodismo que nos levou até aqui não nos tolha a reação na fase seguinte.

Uma outra avaliação a que deveríamos estar atentos é à eficácia dos modelos de Estado para lidar com as crises de saúde pública e da economia. Serão as democracias disciplinadas da Ásia que melhor sairão desta gestão binária? Que vantagens estratégicas tirarão para se autonomizarem na relação com a China? E os problemas evidentes entre o governo federal americano e os estados são apenas fruto de incompatibilidades com Trump ou levantam problemas orgânicos mais profundos no domínio das competências previstas pela Constituição? Que clivagem está aqui em marcha, acelerada por uma eventual reeleição do atual presidente? E o modelo centralizado e prepotente da China não tem rachas suficientes para o enfraquecer internamente e na avaliação condescendente que se faz no exterior? E será sustentável tamanha amplitude de ligações variáveis no interior da União Europeia, desarticulada em tempos de crescimento, deslaxada em tempos de pandemia? Pode uma hecatombe financeira em Itália acelerar a indispensável rede de segurança sistémica na zona euro? E que oportunidades abre para Portugal uma reindustrialização à escala europeia, capaz de lhe conferir outra autonomia e resistência ao choque geopolítico?

São tudo questões com respostas por dissecar. O que parece seguro afirmar é que serão elas a definir o tipo de sociedade em que viveremos, a política que faremos, as organizações onde trabalharemos e as relações internacionais que teremos. Além de um brutal acelerador das tendências em curso, o covid-19 é o maior teste de *stress* a todos os regimes políticos em tempo de paz.

Investigador universitário

## Análise

por Leonídio Paulo Ferreira



# Coreia faz eleições para mostrar que a democracia é mais forte do que o vírus

**H**á candidatos nas eleições coreanas que não resistem a tirar a máscara cirúrgica para melhor se fazerem ouvir nos comícios, mas no essencial a campanha para as legislativas têm obedecido às regras estritas de comportamento que minimizaram o impacto do coronavírus no país. E o favoritismo no dia 15 vai todo para o Partido Democrático, a que pertence o presidente Moon Jae-in, em boa parte pela excelente resposta à pandemia, pois a Coreia do Sul chegou a ser o país mais atingido depois da China, mas agora regista bem menos casos e vítimas do que a maioria dos países europeus (ontem mais 27 infetados e quatro mortes num país de 50 milhões de habitantes).

Não gerou grande polémica esta insistência em manter a data das eleições, ao contrário do que acontece na Polónia com as presidenciais de maio, porque a Coreia do Sul nunca aplicou regras estritas de confinamento e, de facto, as medidas de distanciamento social são respeitadas pela generalidade da população sem necessidade de suspender a economia. O uso da mais moderna tecnologia, com recurso ao GPS dos telemóveis, permitiu evitar a contaminação generalizada e dá confiança às autoridades para arriscar. Mesmo assim, haverá controlo da temperatura corporal nas secções de voto e rigorosas regras de desinfeção dos locais.

De tradição confucionista, como os vizinhos chineses, os coreanos não só acatam bem as diretivas das autoridades como têm forte consciência de responsabilidade social. E mostraram que mesmo uma democracia pode ser capaz de lidar com uma pandemia tão ameaçadora como esta covid-19. Aliás, a própria realização das eleições na data prevista, que outros países como o Reino Unido e a Sérvia não arriscaram com receio de impacto negativo na saúde pública, faz parte desse esforço de conciliar combate à pandemia com defesa de uma democracia que foi conquistada no final dos anos 1980 após muita pressão popular sobre o regime militar.

O coronavírus veio reforçar a popularidade do presidente Moon, e por acréscimo do seu campo político, a esquerda progressista. Mas ainda há poucos meses se pensava que estas eleições seriam sobretudo uma avaliação ao processo de normalização com a Coreia do Norte, com Moon a dialogar com

Kim Jong-un e depois a promover mesmo conversações diretas entre o líder norte-coreano e os Estados Unidos de Donald Trump. Embora paradas as negociações, e sem haver sinais de que a Coreia do Norte está disposta a abdicar do seu arsenal nuclear, Moon conseguiu acalmar a tensão na península dividida desde 1945, algo que a sua antecessora, Park Geun-hye, não foi capaz. A destituição desta última por corrupção, em finais de 2016, afetou muito o campo da direita, que tarda em recuperar.

Quase uma ilha, dada a fronteira com campos minados que a separa da Coreia do Norte (imune ao vírus?), a Coreia do Sul não dá mesmo assim por garantida a vitória sobre a pandemia e, por exemplo, anulou a isenção de visto para os portugueses e outros estrangeiros, procurando evitar importação de novos casos à custa de perda de receitas no turismo, aposta crescente deste país cheio de história e de tradição. Mas há uma possibilidade de a sua economia ser das primeiras entre as grandes (no início de 2019 era a 12.ª maior) a recuperar da crise e a ganhar pontos, ainda que com uma indústria virada para a exportação precise do resto do mundo para poder prosperar também. O maior desafio talvez seja para os grandes construtores automóveis, como a Hyundai e a Kia, mais do que para a Samsung, o maior conglomerado do país, que constrói desde telemóveis a petroleiros.

Em 2019, o PIB cresceu 2%, muito pouco para aquilo a que está habituado um país que além de milagre democrático é um caso também de milagre económico (7,3% de crescimento médio anual nas últimas seis décadas, com o pico em 1969 ao atingir os 19%, segundo o Banco Mundial). De facto, apesar da melhoria das relações com o Norte comunista, até pondo fim teórico à guerra de 1950-1953, a economia sofreu recentemente danos colaterais provocados pela guerra comercial entre a China e os Estados Unidos e também por um diferendo com o Japão.

Mas o sucesso da resposta ao covid-19, baseado nos ensinamentos das epidemias SARS e MERS e com testagem em grande número, permite otimismo aos sul-coreanos – com o Estado a injetar milhares de milhões de euros na economia para ajudar a recuperação – e faz do país um exemplo uma vez mais à escala global.

► A Liga espanhola já fez contas e estima que os prejuízos cheguem aos mil milhões de euros caso os campeonatos não seja retomados. Real Madrid e Barcelona já reduziram salários.



# Crise chega aos mais ricos. Pandemia pode ajudar a diminuir diferenças

Modelo de negócio com salários milionários está a deixar os clubes mais poderosos da Europa com a corda na garganta. Daniel Sá, especialista em *marketing* desportivo, explica porque é que esta crise está a afetar as equipas de futebol mais ricas.

CARLOS NOGUEIRA

O futebol está à beira de uma crise financeira sem precedentes. A pandemia do covid-19 instalou a incerteza em todos os clubes, desde os mais poderosos aos mais pequenos, mas também nas diversas competições a nível nacional ou continental.

As declarações desta semana de Greg Clarke, presidente da Federação Inglesa de Futebol, foram suficientemente perturbadoras. "O futebol tem pela frente desafios financeiros que vão além da compreensão de quem comanda. Vamos enfrentar perdas de clubes e de ligas por questões financeiras. Muitas comunidades podem perder as suas equipas devido a esta adversidade sem precedentes. Todos os acionistas precisam de enfrentar o problema e dividir os prejuízos para manter o jogo vivo", disse.

Um alerta que não diverge da visão de Daniel Sá, diretor executivo do Instituto Português de Administração de Marketing (IPAM) e especialista em *marketing* desportivo. "É possível que alguns clubes desapareçam, afinal o futebol está bastante exposto, pois mantém-se todos os custos que já existiam

antes da pandemia e as receitas desceram praticamente a zero. É natural que alguns clubes não consigam resistir a este momento de crise", admitiu ao DN.

Sem jogos, a consequência imediata é a ausência de receitas de bilheteira, dos patrocinadores e de televisão, porque afinal "os operadores não pagam os jogos que não transmitem". Além disso, "como as pessoas estão em casa e as lojas estão fechadas, não se vendem produtos de *merchandising*". Daniel Sá avisa que, provavelmente, o primeiro "grande impacto" desta retração económica no futebol será visível "nas transferências de jogadores". É que sem receitas não há dinheiro e, como tal, "vão deixar de se fazer negócios por somas astronómicas". Um bom exemplo disso foram as notícias que circularam em Espanha segundo as quais o Real Madrid estaria a ponderar adiar por um ano a contratação do avançado francês Kylian Mbappé, atualmente no PSG, precisamente por causa das consequências financeiras do novo coronavírus.

## Obrigatório baixar salários

No fundo, a crise que já se avista será "um problema que atingirá todos os clubes, desde os pequenos aos colossos", sublinha o di-

retor executivo do IPAM. E os primeiros sinais foram dados por alguns dos emblemas mais poderosos, casos do Barcelona, da Juventus e do Atlético de Madrid, que foram dos primeiros a lançar para a mesa o corte de salários dos jogadores. No caso do clube catalão, os cortes foram de 70% e a Juventus de Cristiano Ronaldo anunciou que as reduções nos salários dos jogadores entre março e julho permitem ao clube poupar 90 milhões de euros. De acordo com Daniel Sá, há duas formas de explicar este fenómeno, e a primeira tem que ver com o facto de “talvez serem os clubes mais profissionais ao nível de gestão e, como tal, conseguiram antecipar mais depressa aquilo que estava em causa”.

Contudo, há outra explicação que merece a devida atenção. “Trata-se dos clubes mais ricos, mas sentiram mais depressa a necessidade de baixar os salários, precisamente por causa do modelo de negócio que praticam”, explica, lembrando que da estratégia destes clubes poderosos faz parte “o pagamento de salários altos para atrair os melhores jogadores, que são suportados por patrocinadores de valor mais alto” do que o normal. “Como a receita baixou, tiveram de avançar para a diminuição do salário das suas estrelas”, justifica.

Daniel Sá avisa que “ainda não há respostas concretas para aquilo que será o futebol depois da pandemia”, pois primeiro “é preciso saber se os campeonatos vão acabar”. Se for esse o panorama, o especialista em *marketing* desportivo defende que há três cenários possíveis. “O mais grave seria os campeonatos não chegarem ao fim, pois a situação tornava-se dramática para os clubes que deixariam de ter qualquer retorno financeiro”, começa por dizer. “O cenário ótimo e, ao mesmo tempo, o mais improvável de acontecer seria o regresso das competições com jogos à porta aberta, o que tornaria a crise mais suave e permitiria recuperar parcialmente as receitas”, acrescenta. Finalmente, aquele a que chama “o cenário intermédio, com os campeonatos a acabar com jogos à porta fechada, o que permitiria a recuperação das receitas de televisão, embora não as de bilheteira”.

### Alemanha mais cedo, Inglaterra alerta

Para evitar o cenário mais dramático, os clubes da Bundesliga entraram em contraciclo em relação às restantes ligas europeias. Os jogadores do Bayern Munique, do Borussia Dortmund e companhia já regressaram aos treinos, apesar de as autoridades sanitárias da Alemanha manterem as medidas de restrição à circulação de pessoas, com o objetivo de controlar da disseminação do vírus.

No entanto, é preciso que regressem as transmissões televisivas dos jogos para que os clubes voltem a ter dinheiro a entrar nos cofres e, assim, evitar o descalabro que foi prognosticado por um estudo recente de uma entidade alemã, segundo o qual 13 dos 36 emblemas das duas primeiras divisões da Bundesliga correm o risco de entrar em insolvência. E isto apesar de haver um grande movimento solidário no sentido de os grandes ajudarem os mais pequenos, como prova o facto de Bayern, Dortmund, RB Leipzig e Bayer Leverkusen terem disponibilizado 20 milhões de euros para ajudar aqueles que estão em maiores dificuldades financeiras.

Em Espanha, a crise também está a ser acompanhada de perto, com a Liga a aconselhar aos clubes a recorrer a processos de re-

“Os clubes mais ricos sentiram mais depressa a necessidade de baixar salários por causa do modelo de negócio que praticam.”

# 90

**MILHÕES.** É o valor que a Juventus vai poupar nos próximos tempos, depois de ter chegado a acordo com os jogadores e com o treinador Maurizio Sarri para a redução dos respetivos salários, enquanto o futebol estiver parado devido ao covid-19.



▼ Cristiano Ronaldo recebe cerca de 34 milhões de euros por ano na Juventus. No caso do jogador português, os cortes devem rondar os quatro milhões de euros.

dução do tempo de trabalho, com consequente diminuição dos salários dos jogadores. Em Inglaterra, alguns clubes, casos do Tottenham, de Mourinho, e do Liverpool, já diminuíram os ordenados a funcionários (não aos jogadores), enquanto Newcastle, Norwich e Bournemouth reclamam apoios do Estado. O Southampton é para já o primeiro emblema da Premier League cujos jogadores aceitaram reduzir os salários “para ajudar a proteger o futuro do clube, das pessoas que trabalham nele e da comunidade” que a equipa serve.

A Premier League tinha proposto aos clubes uma redução de 30% nos ordenados dos jogadores, mas não conseguiu chegar a acordo com o sindicato dos futebolistas. A entidade que rege o futebol em Inglaterra anunciou perdas previstas de 1100 milhões de euros no caso de a época não terminar.

Em Espanha, Javier Tebas, presidente da Liga, também estima em cerca de mil milhões de euros o prejuízo dos clubes caso o campeonato não seja retomado. Num cenário de regresso da prova com jogos à porta fechada, o dirigente espanhol prevê que “as perdas serão de 300 milhões”.

### Assimetrias podem diminuir

Daniel Sá admite que no imediato “a Premier League poderá deixar de ser o produto fantástico que tem sido nos últimos anos”. No entanto, acredita que “vai recuperar”, pois “é um exemplo de como os clubes devem entender-se para um bem comum”. “Considero que seja a liga mais preparada para lidar com esta situação de crise”, assu-

miu o especialista em *marketing* desportivo. Mas será que esta crise poderá ter alguns efeitos positivos? Daniel Sá acredita que podem “diminuir as assimetrias” entre os clubes mais poderosos e os restantes. “Na Europa, a correlação entre o dinheiro e o sucesso desportivo é cada vez mais forte, algo que foi combatido pelos americanos com ligas fechadas e com tetos salariais”, lembra, mostrando-se por isso otimista e que, no cenário atual, “é bem provável que a FIFA aproveite a crise para suavizar essas diferenças”. Assim, na prática, “quem conseguir sobreviver à crise poderá ficar mais equiparado aos clubes que estão no topo da Europa a nível financeiro”, argumenta o diretor executivo do IPAM.

E aqui os emblemas portugueses, nomeadamente, Benfica, FC Porto e Sporting, podem ter uma palavra a dizer num eventual novo ordenamento futebolístico europeu. “Os nossos clubes podem beneficiar se as assimetrias forem corrigidas, mas para isso é preciso trabalharem em conjunto, porque caso contrário até podem perder o comboio e cair numa terceira divisão europeia.”

Nesse sentido, Daniel Sá defende que “é preciso acabar com o ruído e com a guerra no futebol em Portugal”, considerando que um dos bons sinais da pandemia foi “o fim de todo o ruído” que estava instalado no futebol nacional. É por isso que espera que seja o ponto de partida para uma nova era. “Acredito que, numa situação de crise como esta, as pessoas se unam e trabalhem juntas, afinal os clubes dependem de nos outros para terem uma liga mais forte.”

**Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada.** A parceria entre as duas autoras de livros infantis mais famosas de Portugal está suspensa fisicamente, mas por telefone as aventuras continuam a ser imaginadas. Nessa situação não se diferenciam dos seus leitores, desde há semanas fechadas em casa, e também suspiram pelo regresso à vida normal.

# “Somos um povo caloroso e custa-nos viver à distância, mas uma pandemia não é propriamente *Uma Aventura*”

JOÃO CÉU E SILVA

A quarentena não está a atrasar os projetos literários de Ana Maria Magalhães (AMM) e de Isabel Alçada (IA), até porque a próxima *Uma Aventura* já ficou escrita antes da pandemia e milhares de livros estão impressos, à espera da normalidade pós-covid-19. AMM revela o nome da próxima história, *Uma Aventura Voadora*, mas também confirma que “como trabalhamos sempre juntas, à distância torna-se mais complicado”. IA acrescenta que já escreveram outro livro, que está em fase de revisão e ainda não tem título: “Posso revelar que as personagens principais são agentes secretos.” Entretanto, nestes dias em que não se podem encontrar pessoalmente, trabalham usando os recursos da comunicação à distância. “Mas é mais complicado e atrasa o trabalho”, explica Isabel Alçada, enquanto a parceira lamenta que a única forma seja conversarmos pelo telefone “porque, teimosamente, nunca aderir às novas tecnologias e agora estou arrependida”. Alçada acrescenta uma das maiores dificuldades: “À distância não podemos trocar mensagens implícitas nas expressões faciais, por isso falamos todos os dias pelo telefone o tempo que for preciso.” Desde que ficaram confinadas em casa já se “reuniram” várias vezes para trabalhar, conseguiram escolher e definir personagens e combinar a estrutura de uma história que está na calha.

**Este confinamento obrigatório vai inspirar alguma das aventuras no futuro ou vão preferir esquecer a temática?**

A.M.M. – Uma pandemia não é propriamente *Uma Aventura*. Por mim vou tentar esquecer estes dias de reclusão. No entanto, con-

“Os pais vão ver a comunicação virtual de outra maneira e aperceber-se das vantagens, e os filhos de quanta falta lhes faz a comunicação ao vivo.”

**ANA MARIA MAGALHÃES**  
Escritora

“As crianças também assistem ao que se está a passar através dos noticiários. Forçosamente irão fixar imagens e guardar sentimentos.”

**ISABEL ALÇADA**  
Escritora

fesso que tive de aprender a viver de outra maneira e toda a aprendizagem enriquece. IA. – Esta terrível pandemia, que tanto afeta o mundo, não me inspira, mas sei que me marca e não vou conseguir esquecer. Nos nossos livros, mesmo sem nos apercebermos, deixamos sinais do que nos afetou e transparecem as nossas experiências.

**Conhecem bem o vosso público leitor.**

**Acham que a juventude vai ficar marcada por esta pandemia?**

A.M.M. – Vai, certamente. Para gente nova é muito difícil ficar preso em casa, sem poder conviver com amigos, primos, colegas, sem poder ir à escola, ao ginásio, e sem poder fazer as atividades habituais.

IA. – Foi uma calamidade que se abateu de surpresa. Ninguém estava preparado. Os jovens, embora se adaptem melhor do que os mais velhos aos imprevistos, também estão a sofrer e o sofrimento deixa sempre marcas.

**Já sentem falta do contacto com os leitores em sessões nas escolas e nas livrarias como era hábito?**

A.M.M. – Sinto a maior falta de encontros com os meus leitores, sempre tão vivos, que me transmitem alegria e energia.

IA. – Desejo muito poder retomar os nossos encontros com leitores, mas provavelmente só será possível no próximo ano letivo.

**Esta será apenas uma história para os jovens contarem aos filhos ou ficará mais profunda nas vossas memórias?**

A.M.M. – É uma história que passará à História com agá grande. Quando, daqui a muitos anos, os netos fizerem perguntas sobre este período, vão poder dizer “eu vivi essa experiência” e cada um contará à sua maneira o que lhe aconteceu e como reagiu.

IA. – As crianças também assistem ao que se está a passar através dos noticiários. For-



LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

çosamente irão fixar imagens e guardar sentimentos. Mas em tudo, mesmo naquilo que é terrível, há sempre episódios positivos. Certamente cada uma terá vivido momentos de descontração e descoberta, por exemplo nas aulas *online*, nos contactos através dos ecrãs dos *tablets* e ter-se-á rido dos trocadilhos e das anedotas que circulam com abundância nas redes sociais.

**Terão agora em atenção determinados por menores na escrita dos livros tendo em conta que de um momento para o outro toda a humanidade pode ficar sem uma vida normal?**

A.M.M. – Dependerá do tipo de livro.

IA. – Por acaso escrevemos uma história que foi ilustrada pelo nosso querido amigo e grande artista Nuno Feijão. Demos-lhe o título – “O Nuno escapa ao vírus” – e está disponível gratuitamente (<https://auladigital.leya.com>). A intenção foi explicar aos mais pequenos o que está a acontecer e ajudá-los e aos pais a tomar as necessárias precauções.

**Até que ponto os leitores jovens estavam preparados para se confrontarem com o confinamento e sem escola?**

A.M.M. – Ninguém estava preparado. Nem os leitores, nem os professores, nem os pais. O confinamento não é a nossa maneira de estar, é preciso um esforço para nos adaptar-



◀ As escritoras Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada no tempo em que podiam estar juntas. Agora é o telefone que as reúne durante este confinamento obrigatório.

mos porque sabemos como é essencial. I.A. – Ser forçado a não ir à escola, ficando confinado em casa, é uma experiência que colheu todos de surpresa. Ninguém estava preparado. Mas nós, os seres humanos, somos muito adaptativos. Mal fecharam as escolas começou tudo a tentar encontrar as melhores alternativas para que a aprendizagem pudesse continuar. Recorreu-se imediatamente ao digital para manter a comunicação entre os professores e os alunos. Contudo, a solução não é igual para todos, porque há muitos alunos que não dispõem de *tablets* ou de computadores e, infelizmente, ainda há zonas no nosso país onde as operadoras não disponibilizam acesso à internet com a velocidade adequada à utilização das plataformas que permitem interação. Há ainda um outro problema que é preciso considerar. Muitas casas não têm espaço suficiente para permitir a concentração adequada ao trabalho escolar. Imagino que será preciso muito autodomínio para seguir uma aula *online* numa sala onde estão outras pessoas.

**Os pais criticavam a imensa "dedicação" dos mais novos à comunicação virtual. Esta crise vai fazer que os pais mudem de opinião sobre o isolamento social em que as novas gerações já viviam?**



#### ▶ UMA AVENTURA VOADORA

A nova aventura de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada já está escrita e impressa. Só falta abrir as livrarias.

A.M.M. – Os pais vão ver a comunicação virtual de outra maneira. Vão aperceber-se das vantagens. Os filhos vão aperceber-se de quanta falta lhes faz a comunicação ao vivo.

I.A. – Os pais, mesmo aqueles que não utilizavam comunicação virtual, estão a aperceber-se das vantagens do digital para a aprendizagem. E certamente vão reconhecer que a facilidade com que os filhos se movimentam nesse ambiente representa um benefício. Mas têm razão quando se preocupam com o isolamento a que alguns jovens se remetem devido a um uso excessivo do virtual. **O gap que existe entre gerações vai diminuir com esta partilha do isolamento social?**

A.M.M. – Não sei exatamente quais vão ser as consequências, mas acredito que haverá alterações profundas no relacionamento entre gerações e no estilo de vida social.

I.A. – Permanecer dias a fio num espaço fechado e reduzido pode trazer complicações. O confinamento pode significar maior proximidade ou maior tensão. Quando o relacionamento familiar é positivo, os mais novos e os mais velhos terão mais facilidade em evitar que os momentos de fricção se transformem em zangas, geradoras de afastamento. Se na família pais e filhos se entendem mal, o risco de entrarem em rotura é maior. Sei que alguns psicólogos têm disponibilizado serviços de aconselhamento *online* para ajudar.

**Alguma vez imaginaram viver uma situação assim ou pandemias como esta mais não eram do que bons argumentos para livros de terror?**

A.M.M. – No início, o que senti foi que estava dentro de um livro ou de filme de terror, imaginado por alguém com uma mente doentia. A pouco e pouco fui-me conformando.

I.A. – Nunca imaginei nada de semelhante, nem na realidade nem na ficção. Custa-me até descrever o que se tem passado em Espanha, em Itália e, infelizmente, em Portugal e no resto do mundo. Mas confio nos cientistas e na ciência e que as medidas tomadas pelo Presidente da República e pelo governo são, e continuarão a ser, as mais adequadas para nos vermos livres deste terrível vírus.

**Gostariam que a frase "a realidade supera a ficção" fosse falsa?**

A.M.M. – Gostaria muito, mas na realidade a realidade supera sempre a ficção. Por muito que se imagine histórias fantasiosas, há sempre bilhões de histórias a acontecer em simultâneo pelo mundo fora.

I.A. – A realidade supera sempre a ficção em diversidade e em quantidade de acontecimentos inesperados. Já por várias vezes nos coibimos de incluir peripécias nos livros de *Uma Aventura* por julgarmos que estávamos a cair no exagero e, pouco depois, depararmos com notícias de casos reais muito mais rocambolescos do que os que tínhamos imaginado para a nossa história.

**É o pior tempo da contemporaneidade?**

A.M.M. – Acho que sim, sem dúvida.

I.A. – Uma pandemia como esta só se pode comparar a uma guerra e eu, felizmente, nunca vivi em cenários de guerra.

**Acreditam que o mundo pós-covid será melhor ou não aprenderemos qualquer lição?**

A.M.M. – Aprendemos lições, certamente. O mundo será diferente, mas só depois de tudo terminado se poderá ir vendo o que realmente mudou.

I.A. – Espero que aprendamos, que o mundo fique melhor e que a ciência determine com rigor como o vírus infetou as pessoas, para que a humanidade possa evitar que haja ressurgimentos ou outros vírus análogos.

**O que mais vos assusta neste momento?**

A.M.M. – O que me assusta é que possa continuar a subir o número de infetados e de mortos. Também os efeitos na economia.

I.A. – Inquieta-me não sabermos o que está para vir e não avistarmos a saída. Assusta-me que o surto pandémico continue a expandir-se entre grupos e por regiões do mundo com poucos recursos para se protegerem. Aterroriza-me a ideia de que depois de parecer dominado possa voltar em força. E também que a nossa economia possa sofrer uma quebra muito acentuada.

**Já revolveram as estantes de casa em busca de um romance que estava por (re)ler há demasiado tempo?**

A.M.M. – Tenho em cima da mesa dois livros que já li e nos quais me revejo muito bem, porque encontro-me a mim própria naquelas páginas: *A Cidade e as Serras* e *O Tempo e o Vento*. Ao lado está o último romance de Germano de Almeida, que estou a ler pela primeira vez. Chama-se *O Último Mugido*.

I.A. – Por estranho que pareça, estou a trabalhar em pleno. As leituras que faço são as do costume: durante o dia artigos e livros, sobretudo sobre educação. À noite, livros dos mais variados géneros. Quando o confinamento começou estava a ler *As Rotas da Seda*, do historiador britânico Peter Frankopan, e interessa-me bastante porque o autor consegue articular muita informação com reflexão e formal lógica e pertinente.

**Como sonham ser a primeira saída livre de medo, de máscaras e de luvas ou preferem não pensar nisso por enquanto?**

A.M.M. – Não sonho com outra coisa desde o princípio desta calamidade. Sair sem pensar em nada, encontrar amigos, ir ao café, retomar a vida, abraçar os filhos, os netos, toda a minha família e os meus amigos, claro.

I.A. – Pelo que tenho lido sobre o que se está a antecipar como possíveis cenários para sair do confinamento, as restrições não poderão desaparecer de um dia para o outro, vai haver gradualismo. Mas o dia mais feliz será aquele em que puder voltar a abraçar toda a gente, família e amigos. Somos um povo caloroso, custa-nos viver à distância.

# O vírus parou Hollywood. E agora?

Não são só os cinemas que estão fechados. Os estúdios também pararam a sua produção. A pandemia de covid-19 está a parar Hollywood agora mas os seus efeitos vão sentir-se em nossas casas por muito tempo.



◀ **007: Sem Tempo para Morrer**, o último filme de James Bond com Daniel Craig, foi adiado para novembro. **F9**, o novo episódio de **Velocidade Furiosa**, só chega em abril do próximo ano.

**MARIA JOÃO CAETANO**

**P**rimero foram as salas de cinema que fecharam. Depois os festivais de cinema anunciaram adiamentos e cancelamentos. Finalmente, os estúdios. A produção está parada e ninguém sabe quando voltará a ouvir-se a palavra “ação!” gritada por um qualquer realizador entusiasmado.

Os primeiros afetados pela paralisação do setor são, como é óbvio, os muitos trabalhadores – e são mesmo muitos, desde o argumentista que tem a ideia para um filme até à senhora que varre as pipocas do chão depois de sairmos da sala de cinema, passando por toda a gente envolvida na criação, na produção, na pós-produção, na distribuição, na promoção e na exibição.

Entretanto, as estreias em sala foram apanhadas no meio da pandemia. James Bond já só vai salvar o mundo em novembro, o novo *Top Gun*, com Tom Cruise, só chegará em dezembro e irá cruzar-se nos cinemas com a *Viúva Negra* de Scarlett Johansson. Filmes que deveriam estreiar-se na primavera foram agendados para o ve-

tentaram abrir já fecharam novamente. Ainda há muito medo e, na dúvida, os espectadores continuam a ver filmes em casa.

Será assim também no resto do mundo: como os grandes sucessos de bilheteira geralmente são filmes muito caros e dependem de grandes campanhas de marketing, é improvável que os estúdios desejem correr um risco imediato quando os cinemas finalmente reabrirem, antes de terem a certeza de que o público está pronto para regressar ao cinema.

Antes da pandemia, já havia sinais de que a indústria do cinema estava sob enorme pressão. Embora o número total de bilhetes vendidos tenha subido em 2019, quando as receitas globais de bilheteira do cinema foram maiores do que nunca, isso acontecia devido a um número cada vez menor de filmes, principalmente envolvendo super-heróis e pertencentes a um grupo mais reduzido de estúdios. A Disney faturou mais de 11 mil milhões de dólares em 2019, mas muitos pequenos distribuidores já estavam a lutar pela sua sobrevivência.

#### O futuro está no pequeno ecrã?

O nível de incerteza que toda a indústria está a enfrentar impede quaisquer previsões. Ainda é cedo. Porém, algumas coisas já estão a acontecer. Se para um filme de grande orçamento como *F9*, o mais recente episódio da saga *Velocidade Furiosa*, que estava a contar com centenas de milhões de dólares em receita de bilheteira, não se põe sequer a opção de não estrear em sala e a Universal Pictures adiou o lançamento quase um ano, até abril de 2021, outros filmes estão a ter estreia diretamente em *homevideo*. Ou estão a chegar às outras plataformas muito mais cedo do que estava previsto.

Em vez de encararem estes serviços como rivais, os estúdios começam a vê-los como aliados. Na semana passada, a Disney disponibilizou a animação da Pixar *Onward* nos serviços de *homevideo*, apenas pouco mais de um mês depois da estreia nos EUA. A Universal fez o mesmo com *O Homem Invisível* (estreou-se a 5 de março em Portugal) e *A Caçada*. E o mesmo está a acontecer com os principais filmes independentes, como o recente vencedor do Festival de Berlim, *Never Rarely Sometimes Always*.

Até em Portugal, os distribuidores que recebem apoio financeiro do Instituto do Cinema e Audiovisual (ICA) poderão, excepcionalmente, exibir filmes nacionais em plataformas pagas e nos canais de televisão por subscrição enquanto as salas de cinema estiverem fechadas.

Esta solução permite não só satisfazer em parte os produtores de cinema como também responder às necessidades das plataformas de *streaming* para terem novos conteúdos. A paralisação de Hollywood acontece num momento de grandes apostas neste setor. Além de Netflix, HBO, Amazon e Hulu, todas em crescimento, a Disney+ e a Apple TV+ foram lançadas em novembro, a NBCUniversal, da Comcast, e a Quibi estão a lançar neste mês os seus serviços. Isto, além de todos os canais de televisão e outros serviços *streaming* mais pequenos.

Os cinemas estão fechados e não há competições desportivas a decorrer. Há uma plateia composta por milhões de pessoas em vários países, entediada com o isolamento, não só a fazer *zapping*, constantemente, à procura de novos programas para ver, como também à espera de ver novos episódios das suas séries favoritas. Mas sabemos que isso não irá acontecer, não é?



▶ **Scarlett Johansson é Viúva Negra, a protagonista do filme da Marvel que tinha estreia marcada para 1 de maio em todo o mundo. Deverá chegar ao grande ecrã a 6 de novembro, se não houver mais adiamentos.**

## Milhões de pessoas estão em casa, entediadas, a ver televisão. Mas a produção está parada e em breve não terão novos episódios das suas séries preferidas.

É que a produção de ficção está congelada. *Stranger Things*, *Sucession*, *Anatomia de Grey*, *The Walking Dead*, *Handmaid's Tale* e *The Morning Show* estão entre as séries que deveriam estar a gravar novas (e muito esperadas) temporadas mas que neste momento estão paradas. Também parece improvável que o especial da reunião de *Friends* ainda possa ser filmado a tempo da chegada da HBO Max, um novo serviço de *streaming* de TV a ser lançado em maio pela WarnerMedia, da AT&T Inc., que pagou 425 milhões de dólares no ano passado para tirar à Netflix os direitos de transmissão da popular série dos anos 1990.

Vendo bem, a situação na televisão é bem capaz de ser um bocadinho mais complicada do que a do cinema, porque não haverá muita coisa em carteira para ser lançada quando isto tudo passar. Sem novos produtos conseguirão estes serviços conquistar novos assinantes? Quanto tempo vai passar até nos fartarmos de ver e rever todas as séries de que gostávamos?

#### O que aprendemos com a gripe espanhola

Numa entrevista à *Deadline*, o historiador William Mann recordou como a gripe espanhola, que matou 675 mil americanos (e dez milhões de pessoas em todo o mundo) foi determinante para a criação de Hollywood e da indústria cinematográfica tal como a conhecemos hoje. Durante a epidemia, em 1918, 80% a 90% dos cinemas e dos teatros dos EUA estiveram fechados por um período de dois a seis meses — o que causou uma enorme disrupção não só na receção dos filmes mas também na sua distribuição e até na sua produção. Entre outubro e novem-

bro, praticamente todos os estúdios cancelaram toda a sua produção. As atrizes Mary Pickford e Lillian Gish estiveram doentes e recuperaram. O ator Harold Lockwood, que era uma das estrelas da Metro, adoeceu e morreu em poucos dias.

As perdas financeiras sentiram-se em todas as etapas do processo, mas sobretudo entre os exibidores — muitos foram à falência. Foi nessa altura que Adolph Zukor, fundador da Paramount, teve a ideia de comprar salas de cinema. Aproveitou a epidemia para implementar um sistema vertical, que é o que vigora até à atualidade, em que os produtores dominam todo o circuito até o filme chegar ao consumidor final.

Como também observou o crítico Richard Brody, num artigo na *The New Yorker*: “Muitas empresas pequenas faliram, e o abalo levou à consolidação das grandes empresas, criando os estúdios que se tornaram os detentores da produção, da distribuição e da exibição; a gripe, juntamente com o fim da guerra, deu origem à mega-Hollywood.”

William Mann acredita que o covid-19, tal como a gripe espanhola, pode mudar a indústria de Hollywood. O que mais está em causa, tal como em 1918, é o futuro das salas de cinema: será que as pessoas vão voltar ao cinema? “Essa já é uma preocupação das últimas duas décadas, as pessoas vão cada vez menos ao cinema e os filmes mais pequenos já foram transferidos para as plataformas como a Netflix ou a Amazon.” O que vai acontecer? “Os serviços de *streaming* agora usam basicamente o modelo de Zukor. Controlam a produção, a distribuição e a exibição. E, sim, isso deixa algumas entidades mais pequenas fora do negócio, mas também é um modelo muito eficiente.”

Porém, o que a história nos diz é que depois da epidemia as pessoas voltaram ao cinema, e fizeram-no ainda com mais entusiasmo e em maior quantidade. É isso faz que alguns especialistas estejam otimistas, apesar de tudo. Philip Knatchbull, CEO da Curzon, um dos principais exibidores no Reino Unido, dizia há dias à BBC: “O cinema sobreviveu a guerras, a pandemias e a uma série de mudanças tecnológicas. Há algo único em reunirmo-nos numa sala escura para assistir a um ótimo filme. Tenho a certeza de que a reabertura dos cinemas será motivo de uma grande celebração e veremos o público desesperado para sair de casa, a querer assistir a filmes em conjunto no grande ecrã.”

rão ou para dezembro ou até para o próximo ano, à medida que se vai percebendo que a normalidade não vai voltar tão cedo. Até lá, os espectadores ficam em casa a ver televisão e a pagar serviços de *streaming* enquanto comem pipocas feitas na micro-ondas.

Isto levanta outra questão: como reagirá o público quando a quarentena terminar? Será que os espectadores que se acostumaram a ver os filmes em casa vão voltar às salas de cinema?

As notícias que nos chegam da Ásia não são animadoras. Nos últimos anos, a China registou números enormes de bilheteira. Em fevereiro de 2019, o público chinês gastou 1,63 mil milhões de dólares em bilhetes de cinema, um recorde para um único mês em qualquer lugar do mundo. O contraste com fevereiro de 2020 não poderia ser maior. As salas de cinema fecharam mais cedo, logo em janeiro. Em meados de março, os exibidores fizeram uma tentativa de começar a reabrir os cinemas — mas, temendo um fracasso financeiro, os distribuidores recusaram-se a lançar novos filmes e o público também preferiu ficar em casa. Os quase 500 cinemas que

**De sofá para sofá/José Cid.** O músico viu a agenda cancelada até julho e diz que “nada vai ser como dantes”, exigindo mudanças a quem está em cima de um palco. É o mais recente Grammy português, o que não impede que se sinta marginalizado pela indústria. Ao lusco-fusco dá música no digital.

# “Os artistas vão ter de passar para cachês mais baixos e apresentarem-se com menos meios”

## CÊU NEVES

Noites a ver séries e filmes, passeios na quinta de Mogofores (Anadia), um concerto “Ao lusco fusco” todos os dias. Assim passa José Cid estes dias de covid-19, sempre com máscara quando se cruza com alguém, o que já exigia a quem espirrava à sua volta. Uma semana antes de o governo decretar o distanciamento social, já cumprimentava sem beijos e abraços. Agora, só espera que surja uma “panaceia” para tratar a doença. Leva o que considera uma vida normal, mesmo com um Grammy em casa. Nem por isso deixou de “ser o patinho feio da música portuguesa” – não tendo sido convidado para o Festival Fique em Casa. Espera que o público continue a não lhe regatear palmas, mesmo que “nada vá ser como dantes”.

### Quando é que deu o seu último concerto?

Dia 6 de março na Alfândega do Porto, foi um concerto solidário para a reinserção de jovens, no âmbito do projeto Eu Sou Eu. Participaram vários artistas e fez-se uma receita considerável, cerca de sete mil euros.

### Adivinhava o que aí vinha?

Tive imediatamente a noção, acompanhava o que se passava no estrangeiro e percebi que não era propriamente uma gripe das aves. Era uma coisa mais grave e que atacava pessoas da minha idade, embora eu seja um jovem a cantar. Nesse dia, já não cumprimentei ninguém com beijinhos. Pedi desculpa e cumprimentei com os pés ou à chinesa, a três metros de distância. A partir daí, fui para casa e terminei.

### Faz concertos solidários com regularidade?

Normalmente, nas cidades onde faço espetáculos com muitas pessoas, comprometo-me a voltar na época baixa, a partir de outubro, a custo zero. É a retribuição à forma como têm apoiado a minha carreira. Agarro numa viola, num piano, e apresento-me com as minhas canções. Nestes últimos tempos, faço acompanhar-me do Mário

Mata, uma pessoa que tenho apoiado e que é excelente e muito criativa. Esteve um ano e meio em número 1 na música portuguesa [Não Há Nada para Ninguém, 1981], decidiu ir para o estrangeiro e, quando regressou, ninguém o reconhecia.

### Teve de cancelar muitos concertos?

Muitos. Todos os que tinha agendado até junho, o último era o do São João de Braga, a 23 de junho. O concerto na Altice Arena, de 2 de maio, foi adiado para 10 de setembro e o do Pavilhão Multiusos de Gondomar para 25 de setembro. Em julho não tenho nenhum cancelado, mas pelo andar da carruagem, não sei. Vou abrir as Festas de Viseu e espero que não seja cancelado.

### A longa carreira permite-lhe, apesar de tudo, suportar melhor os cancelamentos?

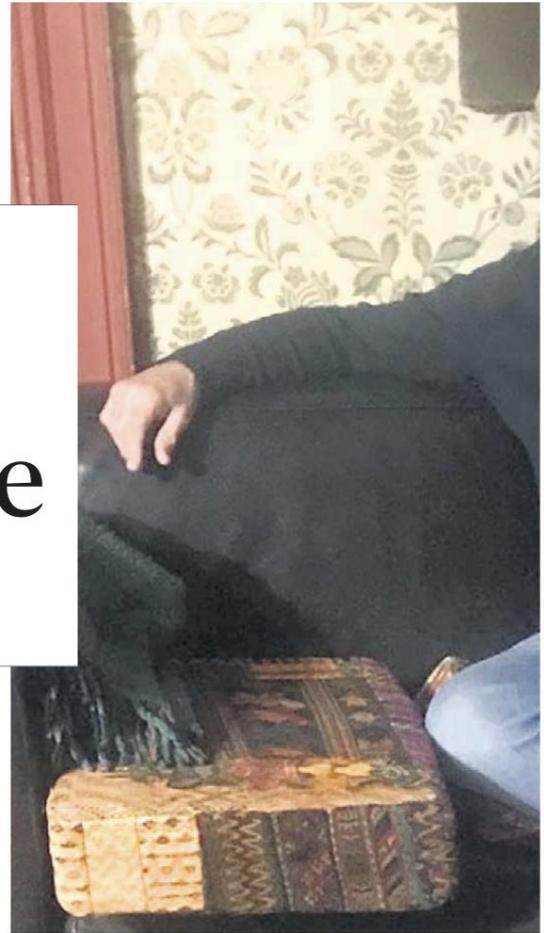
Os cancelamentos fazem o maior dos transtornos. Tinha pedido um empréstimo para ampliar o estúdio de gravação, que estou a pagar. Mas, como tenho uma horta e galinhas, vou aguentar. E recebo direitos de autor da Sociedade Portuguesa de Autores, da minha obra como músico e poeta.

### As coisas vão voltar a ser como dantes?

Nada vai ser como dantes, pelo menos durante os próximos anos. Para o ano, os concertos agendados poderão ser remarcados, mas já não poderão ser grandes produções, os artistas terão de saber ser autossuficientes. Vamos ter de passar para cachês mais baixos e os artistas terão de se apresentar com menos meios. As câmaras municipais têm de ajudar as pessoas doentes, pagar vacinas, etc., usar para esses fins o dinheiro que normalmente tinham para os concertos.

### As câmaras são os vossos grandes clientes?

São, mas agora temos de ter a noção de que não podemos ter grandes cachês. Não quer dizer que vamos deixar de ter dignidade, estou a preparar-me para ir para palco com um piano e um ou outro músico, para alegrar as pessoas que bem precisamos. E vou continuar a fazer os concertos de solidariedade na época baixa.



### Qual é o cachê do José Cid?

Não tenho um cachê fixo, vai de cinco mil a 50 mil euros. Se podem pagar cem mil euros a uns brasileiros pirosos, podem pagar-me 50 mil a mim ou a qualquer outro artista português de grande qualidade. E, na minha equipa, somos 15 pessoas.

### Começou a dar miniconcertos “Ao lusco fusco”, qual é o alinhamento?

Não há um alinhamento. Quando venho a subir as escadas para o estúdio é que penso no que vou fazer, todos os dias às 18.30, meia hora. Hoje [terça-feira] fiz uma homenagem à Helena Correia e aos Açores. E fecho sempre com o tema *No Tempo Feliz*, que é uma homenagem à Gabriela [muller], que, quando eu morrer, vai levar algumas cinzas para Timor. Depois, também quero pôr pó meu na quinta de Mogofores e onde nasci na Chamusca. *No Tempo Feliz* é a valsinha do meu último álbum *Fados, Fandango, Malhão... e Uma Valsinha*.

### Também já escolheu a música do seu funeral, é essa?

É uma ideia, mas preferia um poema de Sophia de Mello Breyner que musiciei: *Um Dia*. Podem cantar essa ou mais alegres.

### Como é que surgiram estes miniconcertos?

Estava a pensar fazer um concerto e pensei que me convidavam para o Festival Fique em Casa [17 a 22 de março], como figura muito importante da música portuguesa que sou. Mas essa iniciativa tornou-se um conluio, puseram-me de lado, a mim e a muitas pessoas. Não tenho nada contra

“Mais uma vez, senti-me um patinho feio. Acha normal não ser imediatamente convidado para o Festival Fique em Casa? Não é a primeira vez. É um grupinho, um conluio.”



GABRIELA CARRASCOLO CID

quem participou, mas fiquei triste, mais uma vez, senti-me um patinho feio, e resolvi fazer este concerto, há duas semanas.

#### Patinho feio?

Acha normal não ser imediatamente convidado para uma coisa destas? Não é a primeira vez, também ninguém me convidou para o espetáculo de solidariedade que se realizou após os fogos. É um grupinho, no fundo estão a promover os artistas que representam e eu não sou representado por nenhum agente. Eu e a Gabriela fazemos esse papel, não precisamos dessa gente para ser explorado. Sei de artistas com cachês de 25 mil euros e o agente dá-lhes cinco mil.

#### O Grammy Latino de Excelência não mudou essa situação?

Mudou, no sentido em que as pessoas começaram a perceber o valor mundial dos artistas portugueses, no resto nem por isso. Não saímos mais porque temos um mercado pequeno, dez milhões de pessoas, e as multinacionais não estão interessadas.

#### É o mercado nacional?

O grande problema é trocaram a boa música portuguesa pela má música estrangeira, não é toda mas é a maioria. Perdida a nossa identidade económica e política, só nos restava a identidade cultural, mas essa não é promovida. Os grandes nomes da música portuguesa são esquecidos.

#### Não sentiu mesmo nenhuma diferença?

Passei a ser conhecido no Brasil. A organização da entrega dos prémios ficou surpreendida com a minha atuação e, no se-

gundo dia, tive o privilégio de dar um prémio ao meu amigo Gilberto Gil, de quem cantei uma canção, um momento que passou em todos os canais brasileiros. Mas os brasileiros estão interessados em vir cantar a Portugal, não em levar portugueses para o Brasil, nunca nos trataram com dignidade. Pagava para ver o Roberto Carlos a cantar acompanhado de um piano, a fazer concertos como estou a fazer.

#### O que é que as pessoas podem esperar desses concertos?

O José Cid e um piano, com gravação da minha mulher. É um programzinho de meia hora, simpático, que tento que seja cultu-

“O Grammy não mudou muito, só no sentido em que as pessoas começaram a perceber o valor mundial dos artistas portugueses.”

“O público é o meu grande prémio. Viu o meu valor há muito tempo, não só as gerações mais velhas como as mais novas. Aos pulos nos concertos.”



MÁRIA JOÃO GALALGLOBAL IMAGENS

ral, mas também alegre, as pessoas precisam de coisas alegres.

#### Com muitas visualizações?

Tenho 50 mil visualizações diárias, mas indiretamente chegamos a 500 mil pessoas, em todo o mundo. E tenho convidado amigos para continuarem depois de mim. E todos os dias ponho um *videoclip* meu.

#### Ou seja, não tem queixas do público.

Nunca, é o meu grande prémio. O público viu o meu valor há muito tempo, não só as gerações mais velhas como as mais novas, gente muito nova que vejo nos meus concertos aos pulos. Sou um cantor ao vivo, tenho uma entrega e uma dinâmica grandes. No ano passado, só em agosto, fiz 20 concertos, violentíssimos, e com mais de duas horas de viagem para cada lado.

#### Como se prepara?

Tomou sempre a minha droga – um café – antes do concerto, como nunca bebo, fico com *speed* para aguentar duas horas em palco. Nunca vou jantar, fico a descansar no carro, trazem-me uma sopa ou sandes.

#### Estou a falar em termos físicos.

Faltavam-me duas cadeiras das 50 para terminar o curso de Educação Física, era o melhor aluno, mas veio o 25 de Abril e não concluí, ainda hoje estou com os colegas de turma. E, até há cinco anos, era cavaleiro internacional, tenho uma boa condição física. Já não aguento praticar desporto e dar concertos, mas aguento muito bem duas horas em palco, além de que tenho uma boa empatia com o público. Estou com 78 anos e com melhor voz, mais limpa, e melhor imagem, mais magro, estou a melhorar.

#### Como são os dias em confinamento social?

Tenho a sorte de estar numa quinta, com patos, perus, pavões, galinhas, a Gabriela tem a sua horta biológica, não é tão traumatizante como viver num apartamento na cidade. Tenho um amigo e conterrâneo [ribatejano] que cuida disto e um primo trata dos animais. Ninguém entra aqui sem máscara. Levantamo-nos muito tarde, às 13.00, e, à noite, vemos séries e filmes.

#### É noctívago?

Não, andamos com os sonos trocados, também não temos ninguém à espera. Parece que estamos no verão, com as saídas para os espetáculos, em que venho às três da manhã, venho sempre dormir a casa. Tomamos o pequeno-almoço ao almoço, passeamos na quinta. Só saímos para compras.

#### Projetos para o futuro?

São os de qualquer cidadão comum: ver as notícias, saber quando há uma vacina, um remédio, uma panaceia para o coronavírus. E continuar com todas as precauções de higiene e os cuidados com a saúde. Uso máscaras há muitos anos. Um músico que esteja a espirrar nunca entra no meu carro sem tomar um remédio para a garganta ou para o nariz e sem pôr uma máscara.

#### É a nível da música?

Vai sair um segundo um *single* do meu álbum, com o tema *No Tempo Feliz*. Está pronto um álbum *rock* sinfónico, acho que já não tenho tempo nem dinheiro para o editar. Tenho de esperar melhores dias, é um duplo vinil, não é fácil a edição. Espero estar nas festas de Faro, em setembro, onde vamos recuperar o Quarteto 1111, e na passagem do ano. O contrato estava a ser fechado, mas há uma obrigação moral de as câmaras reagendarem esses concertos, o que não sei e se vão ter dinheiro para o fazer nos mesmos moldes.

#### Vamos todos ficar bem?

Claro, vamos ter de aprender a viver de uma forma mais solidária, ser mais humildes, saber dar a mão, estar mais próximo dos outros. Vai haver muita fome e miséria.

Ruy Castro



# Discos a levar para a ilha deserta

A melhor ilha é a cercada de música por todos os lados. E a música brasileira, desde os anos 30, é de uma surpreendente riqueza.

**T**alvez não haja mais ilhas desertas – elas já devem estar até superlotadas, porque o mundo ficou populoso demais. E, se houver, ninguém mais precisará levar livros, discos e filmes para elas a fim de preencher o tempo. Bastará levar um telemóvel, *tablet* ou qualquer um desses aparelhinhos que contém tudo ou são capazes de capturá-lo na “nuvem” – que é, segundo ouço, para onde vão os filmes, discos e livros depois que morrem. Houve um tempo, no entretanto, em que a imprensa adorava perguntar aos intelectuais que livros, discos e filmes eles levariam para a tal ilha deserta. E eles adoravam responder, desde os mais graves e severos, como o poeta Carlos Drummond de Andrade, até aos mais pândegos e airosos, como seu colega Vinícius de Moraes.

Minha lista favorita é a do falecido ensaísta e jornalista José Lino Grünewald. Ao escolher os livros indispensáveis que botaria na mala, ele incluiu – rindo, mas a sério – a *Phénoménologie de la Perception*, de Maurice Merleau-Ponty, e a *Philosophie der Symbolischen Formen*, de Ernst Cassirer, esta em três volumes. Fui amigo de José Lino e posso imaginá-lo na ilha, recostado a uma palmeira, tomando caipirinha e lendo esses gigantes cartapácios, ao som de discos de Carmen Miranda, uma de suas paixões.

Naturalmente, a ilha deserta, ainda que equipada com uísque, poltrona e luz elétrica, era apenas uma metáfora para as tradicionais listas de dez melhores livros, discos ou filmes de cada um.

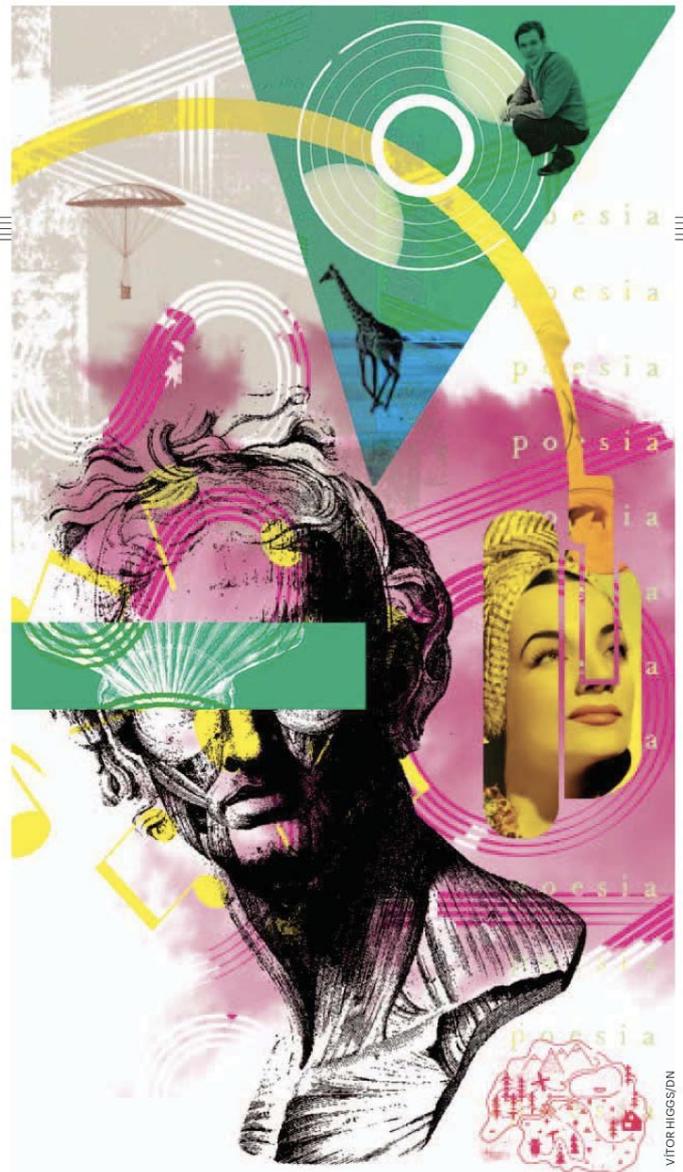
Só que, agora, com a quarentena que nos foi imposta pelo covid-19, a ilha deserta deixou de ser metáfora. Tornou-se, para tantos de nós, uma dura realidade e por tempo não sabido. Agora, sim, é hora de fazer as tais listas. Por isso, resolvi produzir as minhas, começando por esta, de discos de música brasileira, que poderá beneficiar todos os que, brasileiros ou não, se interessam pela nossa música e ig-

noram que ela não se resume em Chico Buarque e Caetano Veloso.

Eu levaria, para começar, os três discos instrumentais gravados por Tom Jobim nos Estados Unidos em fins dos anos 60: *Wave*, *Tidee Stone Flower*. Eles contêm várias e extraordinárias composições de Tom, como *The Red Blouse*, *Takatanga*, *Tereza My Love* e outras que, por não possuírem letras e nunca terem sido cantadas, só tocadas, não alcançaram o mesmo sucesso que *Águas de Março*. Mas elas não apenas merecem ser ouvidas como, ultimamente, estão sendo integradas ao repertório dos grandes músicos internacionais que não se regulam pelas paradas de sucessos. Foi nesses discos também que alguns famosos standards de Tom foram ouvidos pela primeira vez, em versão instrumental, como *Wave* e *Chovendo na Roseira*, esta ainda com o título de *Children's Games*. E é nesses, igualmente, que estão as (até hoje moderníssimas) interpretações de Tom das duas obras máximas de seus heróis Pixinguinha e Ary Barroso: respetivamente, *Carinhoso* e *Aquarela do Brasil*. Se me fosse dada a ordem de levar somente três discos para o raio da ilha, estes seriam os que eu escolheria.

Mas eu daria um jeito de levar também duas obras-primas da fugaz mas fabulosa fusão de samba e jazz produzida naquela década: *Edison Machado É Samba Novo*, comandado pelo próprio Edison Machado, o baterista típico do samba-jazz, e *Embaló*, com o pianista Tenório Jr., que, anos depois, seria assassinado por engano em Buenos Aires pela ditadura argentina. Esses dois discos têm como participantes alguns dos maiores instrumentistas já nascidos no Brasil, como os saxofonistas J. T. Meirelles e Paulo Moura, o trombonista Raul de Souza e o arranjador Moacir Santos. E, claro, eu levaria ainda todos os discos de Lucio Alves, Sylvia Telles e João Gilberto que pudesse enfiar no saco. Pela presença de João Gilberto nessa trinca, você pode avaliar os outros dois cantores – não por acaso, ambos mestres de João Gilberto, como você pode ler no meu livro *Chega de Saudade*. À guisa de amostras, procure na internet *Joãozinho Boa-Pinta*, com Lucio, e *Dindi*, com Sylvia.

Para as noites de foga ilha, eu levaria também o que pudesse de Dolores Duran, Tito Madi e Doris Monteiro. Procure ouvir *Fim de Caso*, com Dolores, *Cansel de Lu-*



VITOR HIGGS/DN

*sões*, com Tito, e *Dó-ré-mi*, com Doris – e tente não se apaixonar por eles à primeira audição. Eles foram os grandes expoentes da música romântica brasileira dos anos 50 – não a música derramada e sentimental, mas a moderna e inteligente, protagonizada por amantes sensíveis e adultos. E como cantavam! Dolores e Tito já se foram, mas Doris continua ativa e se apresentando, aos 85 anos. Não é mais a mulher mais bonita do Brasil, como era naquela época, mas sua voz está quase intacta até hoje, assim como seu estilo de cantar, anunciador da bossa-nova.

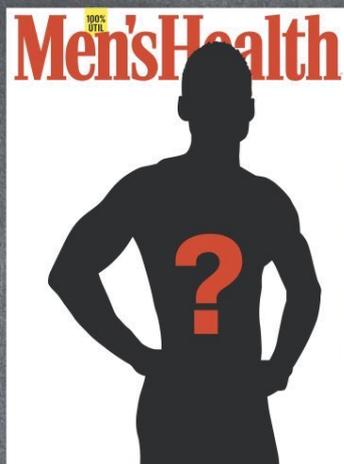
Aos que só conhecem a música brasileira da bossa-nova em diante, saibam que a dos anos 30, inteiramente diferente, já era sensacional. Para minha sorte, faço parte dos que ainda a escutam quase todos os dias e continuo me assombrando com a bossa novíssima de seus cantores e com a competência dos compositores das quelas sambas e marchinhas. A qualidade das gravações é comparativamente precária,

mas, e daí? Fico imaginando supercantores como eles com a qualidade técnica de hoje – artistas como Francisco Alves e Mario Reis, cantando juntos ou separados (em certa época eles formaram uma dupla), o fabuloso Orlando Silva – talvez o melhor cantor do mundo em fins dos anos 30, melhor até do que Bing Crosby – e, claro, Carmen Miranda. Como uma espécie de brinde para os mais aplicados, eu recomendaria também qualquer coisa (ou tudo!) de Sylvio Caldas, Aracy de Almeida e Cyro Monteiro.

Não preciso dizer que esta é apenas a minha lista. Outros fariam outra, completamente diferente – o que prova a riqueza de temas, estilos e vozes da música brasileira. Você pode se orientar por qualquer uma delas. A melhor ilha é a cercada de música por todos os lados.

Jornalista e escritor brasileiro, autor de *Chega de Saudade – A História e as Histórias da Bossa Nova (Tinta-da-China)*.

# QUER ESTAR NA CAPA?



ÚLTIMAS CAPAS COM LEITORES



2018



2019

EM 2020 PODE SER VOCÊ!

MAIS INFORMAÇÕES EM [HOMEM.MENSHEALTH.PT](http://HOMEM.MENSHEALTH.PT)



**HOMEM Men's Health 2020**

PODERÃO INSCREVER-SE NESTA INICIATIVA OS LEITORES PORTUGUESES DA REVISTA MEN'S HEALTH. COMO PARTICIPAR:

- Preencher o formulário que está em [homem.menshealth.pt](http://homem.menshealth.pt)
- Enviar 1 fotografia com presença OBRIGATÓRIA de uma revista Men's Health na mesma.
- Ler e aceitar o regulamento que regula, entre outras matérias, os termos e condições a que estará sujeito o tratamento dos dados pessoais dos participantes.



## MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS SECRETARIA-GERAL INSTITUTO DIPLOMÁTICO

Programa de Estágios Profissionais em Embaixadas, Consulados, Missões e Representações Portuguesas (PEPAC-MNE)

**Ministério dos Negócios Estrangeiros abre 10 vagas (m/f) para jovens licenciados**

O Ministério dos Negócios Estrangeiros, que promove a V edição do PEPAC-MNE em colaboração com a Direção Geral de Trabalhadores em Funções Públicas (INA), entendeu alargar o prazo das candidaturas até dia 30 de junho de 2020, nos termos da Portaria n.º 87/2020, de 6 de abril. A situação excepcional decorre da pandemia global COVID-19.

O Programa PEPAC-MNE enquadra-se na Iniciativa Emprego Jovem, parte integrante do Programa Operacional Inclusão Social e Emprego (PO ISE), cujo financiamento advém de fundos comunitários.

São elegíveis os licenciados que cumpram o disposto na Portaria n.º 259/2014, de 15 de dezembro, na sua última redação dada pela Portaria n.º 69/2020, de 13 de março.

O PEPAC-MNE destina-se a apoiar a formação profissional nas principais áreas de atuação da política externa portuguesa - diplomacia económica e diplomacia política e apoio consular. Cada candidato poderá apenas concorrer a uma destas áreas, tendo em conta a sua formação académica, segundo o disposto na Portaria n.º 259/2014, de 15 de dezembro, na sua última redação dada pela Portaria n.º 69/2020, de 13 de março.

Os métodos de seleção são a avaliação curricular e a entrevista. Esta última é conduzida por comissões especializadas em cada uma das áreas de estágio.

Os estagiários beneficiam de uma bolsa mensal em função do país no qual o estágio decorre e de um subsídio de refeição. Usufruem ainda de um seguro obrigatório de acidentes de trabalho, assim como de uma viagem de ida e volta entre Portugal e o local do estágio.

As candidaturas à V Edição do PEPAC-MNE são submetidas até 30 junho de 2020, através da plataforma eletrónica disponível para o efeito em:

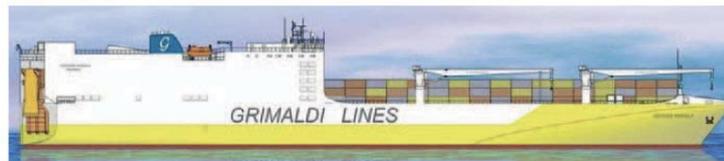
<https://www.bep.gov.pt/pages/pepac/mne/default.aspx>.

Os estágios profissionais nos serviços periféricos externos do MNE têm a duração de um ano.



diversos

# GRIMALDI LINES



### SOUTHERN EXPRESS SERVICE

DAKAR	COTONOU	<b>próximos navios em PORTUGAL</b>
LAGOS	BOMA	<b>contentores e ro/ro:</b>
POINTE-NOIRE	ABIDJAN	Grande Ghana 20/04/2020
LUANDA	MONRÓVIA	Grande Buenos Aires 04/05/2020

### SOUTH AMERICA SERVICE

VITÓRIA	BUENOS AIRES	<b>próximos navios</b>
RIO DE JANEIRO	ZARATE	<b>contentores e ro/ro:</b>
SANTOS	MONTEVIDEU	Grande Ghana 20/04/2020
PARANAGUÁ		Grande Buenos Aires 04/05/2020

### EUROMED LINE - Euroaegan (em Setúbal)

DINAMARCA	TURQUIA	UK	<b>próximos navios</b>
GRÉCIA	IRLANDA	ISRAEL	<b>contentores e ro/ro:</b>
EGITO	SUÉCIA	CHIPRE	Grande Mediterraneo 14/04/2020
NORUEGA			

### EUROMED LINE - Euroshuttle (em Setúbal)

BÉLGICA	ITÁLIA	<b>próximos navios ro/ro</b>
UK	GRÉCIA	
ESCANDIÁVIA	TURQUIA	Monza 12/04/2020



**GRIMALDI Portugal, Lda.**

info@grimaldi.pt  
LISBOA Tel. 213216300 Fax 213465415  
LEIXÕES Tel. 229998450 Fax 229961901  
SETÚBAL Tel. 265526018 Fax 265523002

OFEREÇA UMA PRIMEIRA PÁGINA DE ARQUIVO OU PERSONALIZADA

[www.lojadojornal.pt](http://www.lojadojornal.pt) ou ligue 213 187 880

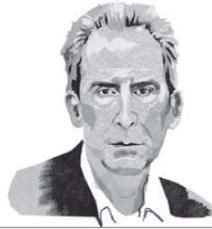
dias úteis entre as 9h00 e as 18h30 e aos sábados das 9h30 às 13h00

Diário de Notícias A GRANDE REFERÊNCIA DIÁRIA

PARA ANUNCIAR 800 241 241 CHAMADA GRATUITA



**Entre as Imagens**  
por João Lopes



# A nova cultura do iPhone

Antes e durante a pandemia de covid-19, o uso dos *smartphones* tem gerado novos modos de entender o que vemos, ou não vemos, numa imagem. Ou como a cultura cinéfila já não é o que era.

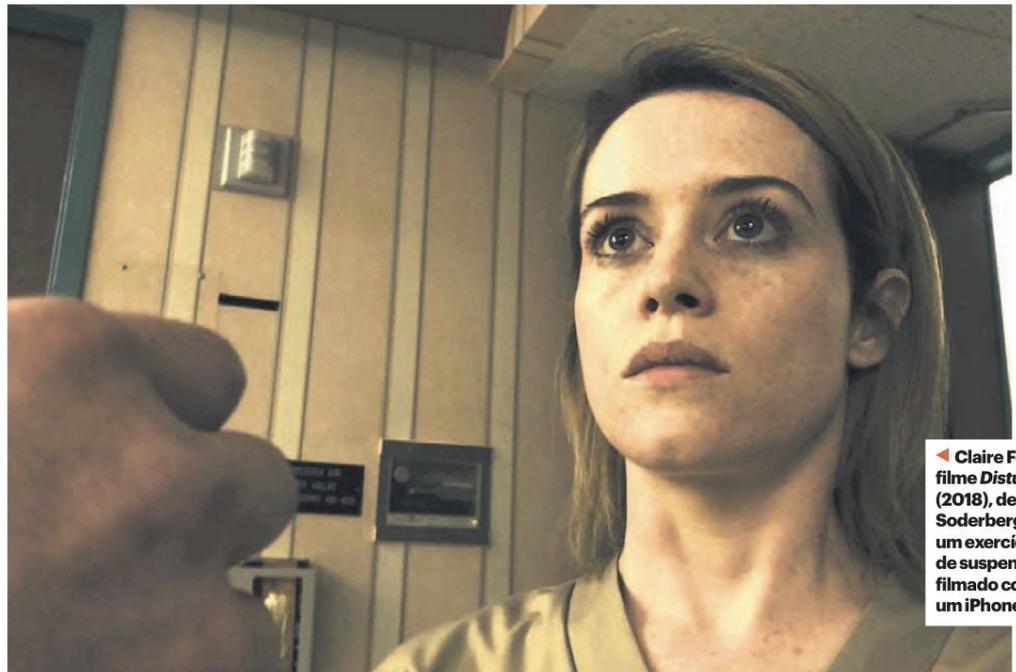
Consulto a promoção *online* do mais recente modelo de iPhone. Encontro considerações sobre as variantes das respetivas lentes fotográficas: “teleobjetiva”, “grande angular”, “ultra grande angular”. Eleio um curioso esclarecimento: “Usamos um campo de visão mais aberto, para ver o que está a acontecer fora do enquadramento.”

A cultura visual do iPhone – e, em boa verdade, de todos os *smartphones* de todas as marcas – fundamenta-se na ideia de que escolher um determinado enquadramento é apenas integrar “mais” ou integrar “menos” elementos na própria imagem. Desapareceu a noção de que enquadrar é, afinal, um ato seletivo que não se esgota numa mera contabilidade do visível, antes corresponde à construção de um ponto de vista.

Há outra maneira de dizer isto, que, entenda-se, não envolve qualquer juízo de valor decorrente do facto de sermos ou não utilizadores deste tipo de objetos (o autor deste texto usa um iPhone). É uma maneira que envolve, isso sim, o valor primordial da memória: a cultura visual dos *smartphones* é totalmente estranha à herança plural da cultura cinematográfica. O texto promocional desemboca mesmo num princípio estético associado à ideologia figurativa dos videojogos. Assim, não nos dizem, por exemplo, que ao vermos “mais” podemos ver “tudo”, antes nos garantem outro tipo de totalidade, supostamente gratificante como nenhuma outra: “A imersão é total.”

Não haveria modo mais direto, por que também mais perverso, de nos fazerem acreditar que as imagens já não servem para ver. A sua vocação é projetarem-nos numa alternativa de experiências sem equivalente: o valor ancestral e crítico do olhar está desqualificado; produzimos imagens, não para ver mas para nelas “imersão”.

Esta reorganização do labor dos olhares gerou um novo sistema de percepção. Veja-se a proliferação de imagens – *smartphones*, Skype, FaceTime, etc. – neste tempo de pandemia.



◀ Claire Foy no filme *Distúrbio* (2018), de Steven Soderbergh: um exercício de suspense filmado com um iPhone.

Ninguém discute a oportunidade, a pertinência ou mesmo a urgência de muitas mensagens passadas através de tais recursos. Acontece que a dramática conjuntura que estamos a viver permite compreender que o nosso conceito de sociedade passou a existir menos através de um aparato de regras éticas e jurídicas e mais em função do sistema de comunicações que utilizamos (e não será necessário sublinhar que tudo isso é anterior à eclosão do covid-19).

De um ponto de vista cinéfilo – ponto de vista hiperminoritário, não tenho dúvidas sobre isso –, há alguns bizarros efeitos de normalização das imagens através do iPhone e, genericamente, dos *smartphones*. Chamar-lhe-ei a perda do gosto da abrangência do olhar.

Não é uma questão abstrata, antes a constatação de um fenómeno muito

concreto. Assim, oferecem-nos a possibilidade de abrimos o ângulo de construção de uma imagem (“ultra grande angular”), mas proliferam as imagens com o telefone em posição vertical. De novo em linguagem cinéfila: as possibilidades (e a beleza!) do chamado “formato largo” são ignorada por muitos utilizadores. A postura do telefone “ao alto” obriga mesmo, quase sempre, a uma procura desenfreada de tudo aquilo que, desta vez, literalmente, não “cabe” no enquadramento.

A história do cinema lembra-nos que conhecemos James Dean através do “formato largo” da década de 1950, isto é, do glorioso CinemaScope. Ou que *Lawrence da Arábia* (1962) só faz sentido na esplendorosa amplitude das cópias de 70 mm. Não há nada de saudosista em tais referências. Encon-

tramos a mesma sedução das imagens que exploram as mesmas proporções em filmes modernos tão populares como *Seven* (1995), de David Fincher, e *Relatório Minoritário* (2002), de Steven Spielberg, ou ainda nos desenhos animados de *Ratatouille* (2007), de Brad Bird.

Em 2018, Steven Soderbergh, autor de todas as ousadias e experimentações, realizou *Unsane*, com Claire Foy, extraordinário filme de suspense, precisamente sobre o modo como vemos e representamos a realidade (ou aquilo a que damos o nome de realidade). Era uma proeza tanto mais fascinante quanto a sua rotação decorreu, a 100%, com um iPhone (modelo 7 Plus). Entre nós, não passou pelas salas, permanecendo “incógnito” nos circuitos televisivos, com o título *Distúrbio*. Sem imersão.

## Crónica de televisão por Rogério Casanova



# Água pela barba

Noé celebra o fim da quarentena indo viver sozinho para uma gruta, onde passa os dias todo nu e a embebedar-se com vinho artesanal, tal como Jesus ensinou.

**A** Semana Santa já foi um dos períodos mais importantes do calendário litúrgico televisivo. Tradicionalmente, era uma altura de recolhimento e ascetismo, durante a qual os fiéis se preparavam para a Reconciliação do fim-de-semana, simbolizada pelos seus sacramentos mais urgentes – a Ingestão do Ovo de Chocolate, a Disputa da Última Folia de Folar – celebrando a partir do sofá a eucaristia do épico bíblico. Os catecúmenos eram baptizados na alegria de descobrir a separação das águas em Technicolor, e ouviam pela primeira de muitas vezes um tio-avô a explicar que a pega de caras em *Quo Vadis* era obra do forçado português Nuno Salvação Barreto. Os iniciados tinham tempo para reflectir sobre pequenos prazeres já familiares: ver homens de sandálias a correr no deserto, ou figurantes iluminados por holofotes a gritar “apedrejem-no!”, e também para contemplar o profundo enigma da consubstancialidade, em que uma única figura – Charlton Heston – podia ser simultaneamente Moisés (*Os Dez Mandamentos*), João Baptista (*The Greatest Story Ever Told*), e o fornecedor de água de Cristo (*Ben-Hur*).

Esses tempos penitentes fazem parte do passado. Tal como Babilónia, o emissor de Monsanto caiu, e o seu lugar ocupado por toda a sorte de pestilências e abominações digitais. Os canais terrestres limitam-se hoje a cumprir a quadra retransmitindo a infame produção do canal História sobre a vida de Jesus Cristo, na qual Diogo Morgado interpreta o redentor com o sorriso constante de quem está no Coliseu dos Recreios a agradecer um Globo de Ouro (“Obrigado, os milagres significam muito para mim, gostaria de dedicar este leproso curado ao meu agente”). No resto da grelha, espalhando-se vasta e plana como as areias do Sinai, é mais provável encontrar uma sequência dos Transformers do que uma reencenação do Calvário.

Mas os épicos bíblicos ainda existem, e o grande templo da Netflix permite encontrar um dos mais recentes. *Noé*, de 2014, custou apenas 130 milhões de dólares, e trata-se do dinheiro mais bem gasto desde que os romanos pagaram trinta moedas de prata por uma delação premiada.

A história começa, como vários livros da Bíblia, com uma exaustiva recapitulação genealógica – que vai surgindo no ecrã num tipo de fonte que parece Comic Sans. Adão e Eva geraram Caim, Abel e Seth. Caim matou Abel com uma pedrada nas trombas e iniciou uma linhagem que culminou na triunfante figura de Ray Winstone. O irmão menos interessante, Seth (versão hebraica de “Martim Afonso”), deu origem ao nosso protagonista, Noé, a última boa pessoa à face da Terra.

A primeira cena mostra-o a passear com o pai numa paisagem estéril e calcinada (muito semelhante à que ladeia a Estrada Nacional 221, que liga Castro Daire a Cinfães). O jovem Noé está a ser preparado para a idade adulta, mas a cerimónia é interrompida pela chegada de um bando de estranhos, descendentes de Caim, que prontamente pregam uma bofetada nos queixos ao pai de Noé e o deixam a largar molho no alcatrão. O jovem Noé foge, e lá consegue formar família. Os anos passam. A cena seguinte é quase uma réplica da primeira: Noé, agora com 600 anos, a passear com os filhos no mesmo cenário vulcânico, enquanto colhem bagas minúsculas para o jantar. Uma gota de água cai com estrondo na terra árida, como se tivesse sido largada de um B-52. Três caçadores aparecem, perseguindo o seu próprio jantar (que tem quatro patas). Noé, um vegetariano radical, não consegue salvar a criatura, mas avia o trio de esfomeados com uma valente carga de porrada. “O que é que tu queres?”, pergunta um deles, enquanto se esvai em sangue.

A pergunta é eminentemente razoável. Noé começa a ser atormentado por visões e convence-se de que Deus se

prepara para instaurar um processo disciplinar à raça humana. Mas Deus (que no filme inteiro é sempre referido como “o Criador”) tem um plano para Noé e para a sua família e, na boa tradição do Antigo Testamento, não perde tempo em explicar esse plano da forma mais enigmática possível. Noé decide consultar o avô, Matusalém, e arrasta a família numa viagem longa através de montes de destroços e crânios esmigalhados, resultado de uma longa batalha entre o director de efeitos especiais e o seu Macbook Pro.

Quando chegam à montanha sagrada, encontram não Matusalém, mas Anthony Hopkins, que interpreta o papel de Anthony Hopkins. Noé pergunta-lhe como vão as coisas, e Anthony Hopkins responde “Anthony Hopkins”, antes de lhe servir um chá de Anthony Hopkins com propriedades alucinogénicas. Noé compreende finalmente que a destruição do mundo vai ser

**Noé começa a ser atormentado por visões e convence-se de que Deus se prepara para instaurar um processo disciplinar à raça humana.**

provocada por um dilúvio, e que a sua missão é construir uma colossal arca de madeira num sítio onde não há uma única árvore.

A falta de matéria-prima, felizmente, é resolvida por Anthony Hopkins, que lhe entrega uma semente de Anthony Hopkins capaz de criar uma floresta em segundos. A empreitada segue a bom ritmo a partir daí, em parte por causa da ajuda de uma tribo de aglomerados rochosos com faróis no lugar dos olhos. Os aglomerados rochosos já foram anjos, mas o estatuto foi revogado pelo Criador devido a eles terem um bocado a mania. O segundo acto do filme é dedicado ao projecto de construção, e enquanto os adultos e os aglomerados rochosos se ocupam dos serrotes e dos andaimes, os mais novos andam a correr pelo bosque à procura de namoradas. O filho mais velho de Noé encontra uma (a ex-namorada de Harry Potter), mas o mais novo, Ham, não tem a mesma sorte e limita-se a espreitar as suas sessões de amasso através dos arbustos, enquanto tenta convencer os pais d que é imperativo encontrar alguém para acasalar. Isso é um problema, pois Noé convenceu-se de que o seu propósito é salvar os animais e extinguir a raça humana. Quando a ex-namorada de Harry Potter anuncia que está grávida, Noé informa-a tranquilamente de que, caso dê à luz raparigas, não terá outro remédio senão matá-las.

Entretanto a construção da arca é concluída e a novidade chegou aos ouvidos de Ray Winstone, líder de um plantel de experientes violadores que passam o tempo a cometer algumas violações, mas que não têm grande vontade de morrer afogados. As horas tentam assaltar a arca, mas são esmigalhadas pelos aglomerados rochosos. O dilúvio chega, permitindo ao realizador concretizar a sua ambição de se tornar o Terence Malick dos tsunamis. O ambiente na arca é tenso, e as profundas diferenças ideológicas entre Noé (que quer que toda a gente morra) e os filhos (que querem ter imenso sexo) chegam a um ponto de crise, culminando no assassinato de unicórnios, na utilização de bolas mágicas para incendiar um bote salva-vidas, e no nascimento de um par de gémeos, que Noé não consegue assassinar porque a ex-namorada de Harry Potter canta uma canção de embalar. Quarenta dias passam, e uma pomba anuncia terra firme. Noé celebra o fim da quarentena indo viver sozinho para uma gruta, onde passa os dias todo nu e a embebedar-se com vinho artesanal, tal como Jesus ensinou. É um exemplo que todos poderemos seguir em breve.

Escreve de acordo com a antiga ortografia

**Péssima companhia**  
por António Araújo



## Iluminações (1)

Stanley Kubrick abandonou o jogo das caves e dos sótãos muito típico da literatura de horror e deu absoluta primazia à horizontalidade e, sobretudo, à lateralidade.

**A** experiência do confinamento. Depois, o desenlace trágico. A loucura, porém, adivinhara-se muito antes disso, quando iam ainda a caminho. Numa manhã límpida de Outono, eram não mais do que um ponto minúsculo a serpentear no horizonte. A estrada ascendente, rumo à montanha. A câmara fixa-se nesse ponto, no VW Beetle amarelo, acompanha-o sem tréguas, aproxima-se e distancia-se dele como uma ave de rapina no encaço da presa, um deus grego vingativo ou, talvez, um anjo maléfico prestes a irromper numa história humana. Em contante contraste com a paisagem idílica, radiosa, a música prenuncia a tragédia: composta por Wendy Carlos, baseia-se no trecho da *Sinfonia Fantástica* em que Hector Berlioz parodiou os hinos em latim das missas, adaptando-os a um sabbat de feiticeiras. *Dies Irae*, assim se chama a peça. A ira divina.

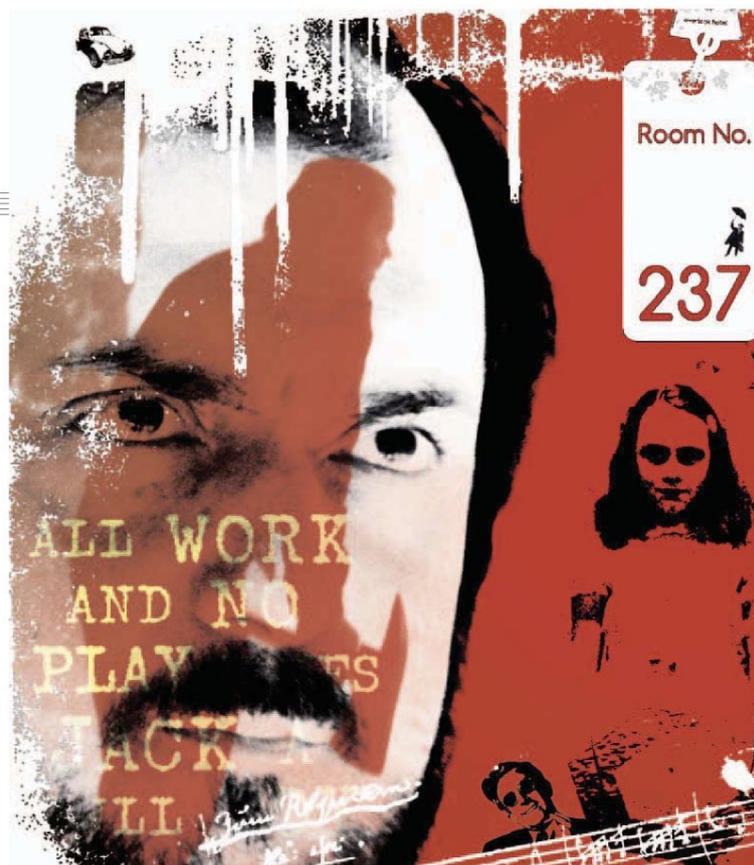
A cena foi filmada no Glacier National Park por uma equipa transportada em helicópteros. Estiveram quase um mês à espera de que a nitidez da atmosfera permitisse ao lago reflectir de modo cristalino e puro, de uma perfeição sem mácula, a montanha envolvente. Todas as noites o produto das filmagens era enviado para a casa do realizador, que morava longe, em Inglaterra, e raramente ou quase nunca saía de casa, em confinamento total. Entretanto, outra equipa fazia filmagens aéreas do Timberline Lodge, no Oregon, captando aquele que será o palco de toda a tragédia: o histórico Overlook Hotel, no Colorado, cujos últimos hóspedes se preparavam para partir, já que o hotel iria encerrar durante a agreste temporada de Inverno. Pai, mãe e filho, a família Torrance fazia o caminho inverso, rumo à montanha. Jack Torrance, um professor do secundário com aspirações a escritor, decidira ir à entrevista para ser

contratado como responsável pela segurança e pela manutenção do hotel durante os meses de clausura e confinamento invernosos.

Logo nas cenas iniciais, o movimento da câmara espelha bem o génio e a mestria técnica do realizador, na linha de um anterior filme seu, *The Killings*, de 1956, e, mais remotamente, na esteira do uso pioneiro da câmara móvel feito por Max Ophüls e do *deep focus* que Orson Welles e Gregg Toland celebrizaram em *Citizen Kane*. Do ponto de vista técnico, contudo, o filme é menos lembrado pelas sequências iniciais do que pela utilização inovadora da Steadicam junto ao solo, com a objectiva a acompanhar Danny, a criança, no seu sinuoso percurso de triciclo pelos corredores vazios do hotel maldito.

A cena, das mais famosas de todo o filme e da história do cinema, ainda hoje é considerada um prodígio de suspense, mas há nela algo ainda mais prodigioso: apesar da atenção obsessiva do realizador aos pormenores, a grande *trouvailla* dessa cena – o som entrecortado das rodas do triciclo nas carpetes e nos soalhos do hotel – não foi planeada para ser assim; resultou antes de um intrigante fruto do acaso. Outro pormenor importante: no seu sufocante trajeto pelos corredores do hotel, Danny tem, a dado momento, a visão pavorosa de duas meninas, as duas irmãs Grady, assassinadas brutalmente à machadada pelo seu pai, décadas antes, precisamente ali, no Overlook Hotel (e este nome, obviamente, também é sugestivo).

A imagem fantasmagórica das meninas vestidas a preceito, que falam a Danny numa voz monocórdica, arrepiante, inspira-se na famosa fotografia das gémeas idênticas captada por Diane Arbus em Roselle, Nova Jérсия, em 1967. Simplesmente, as irmãs Grady não eram gémeas: uma tinha 8 anos e a outra 10 quando foram assassinadas



pelo pai, o que tem levado milhares de obcecados por estes filme a enredar-se nas mais imaginativas teorias sobre quem seriam afinal aquelas gémeas que tentam envolver e seduzir Danny numa cena que, por remeter por inteiro para o universo infantil e para a sua peculiar perversidade, é das mais perturbadoras desta obra-prima, *The Shining*.

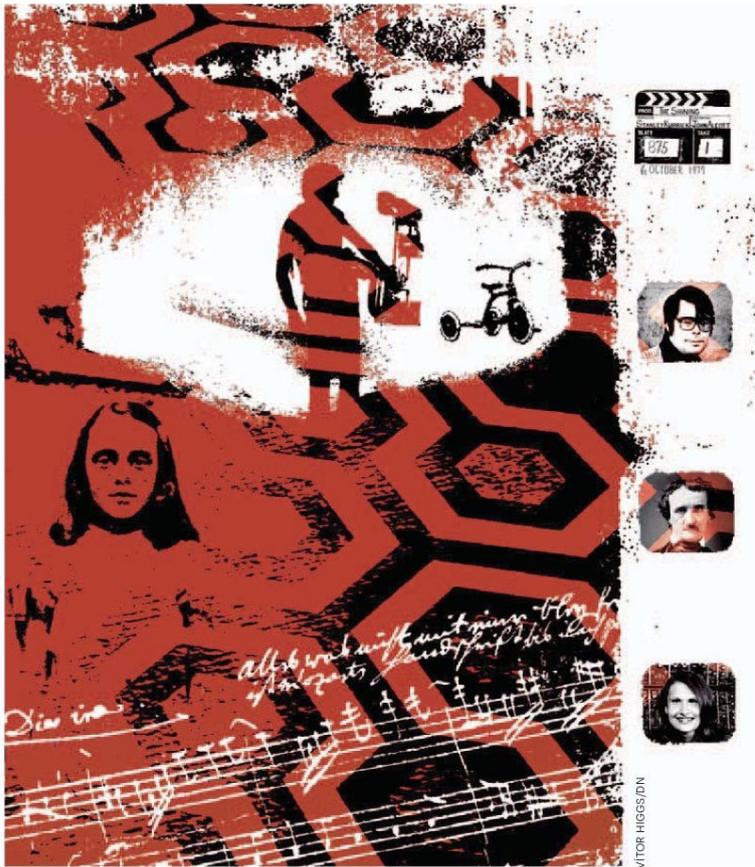
O filme faz um tal uso da Steadicam que o seu inventor, Garrett Brown, que a utilizara há pouco em *Rocky*, de Sylvester Stallone, foi contratado como consultor mas acabou por permanecer junto a Stanley Kubrick durante o quase um ano de rodagem. Para a filmagem das cenas de Danny nos corredores do hotel, Brown ficou num veículo preso às traseiras do triciclo, ao nível do olhar da criança.

A técnica de Kubrick, todavia, foi muito para além do ponto de vista subjectivo que encontramos em *Peeping Tom/A Vítima do Medo*, de Michael Powell, de 1960, ou num antecessor mais próximo, em *Halloween*, de John Carpenter, de 1978. Como salienta Roger Luckhurst numa breve e preciosa monografia sobre *The Shining* editada pelo British Film Institute, a manipulação técnica é uma das maiores, porventura a maior, proeza de todo o filme e Kubrick fez uma exploração absolutamente magistral das potencialidades

da Steadicam, distorcendo de forma ímpar os volumes das divisões, em especial os dos quartos do hotel, e até os rostos das personagens, que adquirem por vezes, em fugazes fracções de segundo, tonalidades vagamente malignas de que nem sempre nos apercebemos, mas que inevitavelmente ficam gravadas no nosso espírito.

Mesmo aqui, e por muito estranho que pareça, Kubrick adaptou à sua maneira, e com enormes liberdades criativas, a obra homónima de Stephen King, o celebrado autor de novelas de ficção sobrenatural e de horror que não só odiou o filme como tudo fez para o denegrir. Na novela de King, publicada em 1977 e fortemente influenciada pelo conto "A máscara da morte vermelha", de Edgar Allan Poe, e pelo seminal *O Castelo de Otranto*, de Horace Walpole, toda a distribuição espacial, na melhor tradição do romance gótico, é desenhada na vertical, com as caves e os andares cimeiros a desempenhar um papel crucial no desenrolar da trama (no livro de King, é na cave, por exemplo, que Jack Torrance se apercebe da história sinistra do hotel, a qual corre a par com o reviver, também nesse espaço, das memórias de abuso familiar que o afectaram para todo o sempre).

Stanley Kubrick, pelo contrário, abandonou o jogo das caves e dos sótãos



VITOR HIGGS/DN

muito típico da literatura de horror e deu absoluta primazia à horizontalidade e, sobretudo, à lateralidade.

No filme, o elevador não é utilizado, só surge como lugar de onde brota um imenso caudal de sangue, e a escadaria somente aparece em duas cenas: ponto de vista é quase sempre horizontal, alongando-se o olhar na sucessão dos grandes salões do piso térreo (desde logo, nas cenas iniciais em que o movimento da câmara acompanha à distância o percurso da família no seu primeiro contacto com o espaço trágico). Mais importante ainda são as oscilações da câmara à direita e à esquerda, as lateralizações do olhar que adensam a inquietude nos espíritos dos espectadores, sempre à espera do (pior) que surgirá de um lado ou do outro, sem aviso prévio ou sinais de perigo.

Há quem diga que aqui reside a grande metáfora do filme, ao revelar não o que está escondido num plano inferior (numa cave, numa masmorra, enterrado no solo) mas o que surge repentinamente ao simples virar da esquina. O horror e o mal não são procurados, ao contrário do que sucede com os que vão aos sótãos ou abrem sepulturas em busca de más surpresas; ao invés, o terror é mais traiçoeiro ainda, pois inscreve-se num quadro de normalidade e irrompe nele de forma brusca, eletrizante, mas

**Stanley Kubrick sempre repudiou a crueldade e a barbárie, os desvarios da Guerra Fria e as taras do militarismo e demonstra-o nos seus filmes.**

**Apesar de não ser praticante, o judaísmo de Kubrick é, de facto, muito importante para a compreensão da sua obra.**

ao mesmo tempo vulgar, banal e democrática, susceptível de ocorrer a cada um de nós no seu dia-a-dia, o que torna tudo muito mais assustador.

Mas, e o que é notável, é também a dimensão horizontal e a atenção ao que está próximo que acabam por salvar o pequeno Danny das garras do pai, que o perseguia de machado em punho, como um lobo esfaimado. Numa das cenas finais, a da perseguição no labirinto de buxo, Danny consegue escapar pois conhecia o local como as suas mãos, era aí que passava horas a fio a brincar, e escapa como um coelho abrigado na toca, iludindo aquele que, por conhecer o labirinto apenas de um ponto de vista exterior, vertical, como uma ave de rapina, ignora os recantos e os atalhos escondidos, os meandros da redenção. O mal observa de cima e de longe, como na cena inicial do filme, em que o automóvel dos Torrance é acompanhado à distância, a partir dos céus, ou como na cena em que Jack Torrance se debruça, qual predador alado ou um *deus ex machina* malfazejo, sobre a maquete do labirinto existente num dos salões do hotel, do Hotel Overlook, note-se.

Curiosamente, Kubrick levou essa maquete para sua casa, onde a tinha exposta no átrio de entrada, como recorda Vicente Molina Foix num pequeno e encantador livrinho saído no ano passado, *Kubrick en Casa* (Anagrama, Barcelona, 2019). A sua atenção aos pormenores era maníaca, compulsiva, mas também é isso que converte cada um dos seus filmes numa caixa de surpresas, numa enorme casa de segredos cheia de mensagens à *clefe* códigos ocultos.

Sobre o famoso labirinto de buxo, por exemplo, há uma cena em que numa das divisões vemos de relance um cartaz numa parede, figurando... o minotauro de Creta. É claro que tudo isto tem motivado a obsessão de muitos, que em *sites*, *blogs* ou fóruns de discussão entregam-se loucamente a escrutinar cada fotograma do filme, em busca do real significado das mensagens crípticas e da linguagem cifrada de Stanley Kubrick; os mais conspirativos chegam a asseverar que o pequeno Danny envia uma camisola alusiva às missões da NASA pois esse foi um expediente que Kubrick encontrou para se redimir e pedir perdão ao mundo por, anos antes, ter participado na farsa das viagens espaciais, um truque propagandístico da Guerra Fria, tendo sido ele, segundo muitos, o autor das imagens falsas dos astronautas a caminhar na Lua...

Se é um facto que a organização interna de *The Shining* é quase sempre horizontal, um dos tópicos essenciais da narrativa, remoto mas decisivo, aponta para a dimensão vertical clássica da literatura gótica, com cadáveres inquietos a intersectar a dinâmica da acção. Logo

no início, Jack Torrance é informado de que o Overlook Hotel fora edificado entre 1907 e 1909 e que, segundo se dizia, os seus construtores tiveram de repelir à bala ataques de índios das imediações, enfurecidos por estarem a erguer um hotel em solo sagrado, o solo de um cemitério ancestral das tribos nativas. De uma forma obliqua, como sempre, os índios aparecem, aliás, em diversos momentos, seja no *décor* dos interiores com motivos Navajo, seja numa das vestes da personagem feminina Wendy, seja, enfim, nas latas da marca Calumet, com a efigie de um índio no rótulo, existentes na despensa do hotel.

Alguns sustentam, inclusivamente, que o caudal de sangue que brota do elevador e invade a tela é uma alusão velada e autocrítica a um passado nacional forjado à custa da destruição das populações nativas e da exploração do trabalho escravo e, em termos mais vastos, a um historial de crueldade e barbárie que Kubrick sempre repudiou, como repudiou os desvarios da Guerra Fria em *Dr. Strangelove! Dr. Estranhoamor*, de 1964 (não por acaso, só estreado entre nós após o 25 de Abril, em Julho de 1974), e as taras do militarismo, em filmes como *Paths of Glory! Horizontes de Glória*, de 1957, e *Full Metal Jacket! Nascido para Matar*, de 1987.

Se algumas teses sustentam, com argumentos profundos, que tudo não passa, isso sim, de uma referência ao Holocausto (e, apesar de não ser praticante, o judaísmo de Kubrick é, de facto, muito importante para a compreensão da sua obra), a marca da cultura americana autóctone e do seu destino trágico é indiscutível, situando-se, para mais, numa linha política e ideológica muito em voga em finais dos anos 1960 e nos alvares da década seguinte, com a ascensão do activismo índio e do *red power* e episódios como a ocupação simbólica de Alcatraz, entre 1968 1971, e do campo do massacre de Wounded Knee, em 1973.

Também político, num certo sentido, e muito mais vincado até do que as referências aos índios, é o discurso do filme sobre a vida familiar e o universo infantil, sobretudo quando sujeitos ao dramatismo próprio de um confinamento prolongado, em que a convivência forçada entre os seres humanos torna mais salientes os seus traços de carácter, para o bem ou para o mal. No caso do protagonista, para o mal, para um horrível absoluto, quase metafísico, soberbamente interpretado por Jack Nicholson num dos seus mais memoráveis papéis. Jack Torrance, escritor falhado de machado na mão, uma péssima companhia.

(Continua)

Historiador. Escreve de acordo com a antiga ortografia.

## Déjà Vu André Carrilho



Norte e Sul

## Os mistérios que empurram os homens

**Ferreira Fernandes**



Isto é pessoal, mas o que não é, quando escrevemos sobre nós? No dia 7, nesta semana, confinei-me mais do que agora me é habitual, fui para uma salinha com uma resma de fotocópias. Ia celebrar. Trago um amigo que me mudou de vida. Pelo que me ensinou, pelo que o amei e admirei. O pretexto é um acontecimento, para ele capital, que agora conto aqui porque na terça-feira passada fez 50 anos. A 7 de abril de 1970, pelas 11 da

manhã, Joaquim Pinto de Andrade, padre n.º meu conterrâneo, saía de casa, ali à Beneficência, Lisboa, e foi preso, por três pides. No auto, o agente Benedito Pereira André descreveu com pormenor de polícia tudo o que ele tinha nos bolsos, incluindo um cartão comercial de uma firma luandense de calçado e malas. Nas costas, escrito à mão, um endereço francês: "134, Rue Leon Jouhaux, Grenoble."

No dia seguinte, o meu amigo foi interrogado pelo "Excelentíssimo Inspector, Senhor Adelino da Silva Tinoco", e no "Auto de Perguntas" assinala-se a primeira: que ele explicasse as suas "atividades contra a segurança do Estado", isto é, pela independência do seu país (traduzo eu, à distância do tempo).

O angolano Pinto de Andrade era obrigado a estas interrogações policiais desde 1959. Em 11 anos, fora preso em Luanda, São Tomé e Portugal, solto e logo preso, expatriado à força, por cargueiro, o *Bragança*, ou avião da TAP, passou por prisões, Aljube (Lisboa) e Porto, ou por residências fixas, Alentejo, Singeverga e Vilar do Paraíso (Gaia), e nunca a polícia o levava a julgamento. A detenção de 1970 tinha o propósito de, enfim, um tribunal condená-lo.

À primeira pergunta do inspetor Tinoco, o padre Pinto de Andrade respondeu o habitual, que não fazia política. E a segunda per-

gunta do pide foi para que ele explicasse como conheceu "o agora desertor do Exército Português, José Joaquim Ferreira Fernandes, ausente no estrangeiro". Nas três páginas seguintes datilografadas por um pide, sobre "o indivíduo referido" (palavras de pide, certamente), ele negou todas as nossas ligações políticas (era eu o tal desertor). E todas as tantas palavras das três páginas seguintes resumiam-se a uma: amigo.

O pide bateu essas cinco letras, e elas estão na Torre do Tombo. É uma medalha que a minha vida traz ao peito. E o pide não escreveu, e o Joaquim não lhe disse, que aquele endereço de Grenoble, escrito à mão por trás de um cartão de empresa, era de camaradas e patrícos, o João e a Lena Saraiva de Carvalho. A casa onde eu morava, então, quando ele estava a ser interrogado.

Nas perguntas seguintes, o pide insistiu sobre outros camaradas também saídos de Portugal, porque a intenção era minuciar o julgamento que seria feito meses depois. Na declaração final deste, na última frase, o meu amigo citou Saint-Exupéry: "São irmãos os homens que colaboram." Disse o angolano negro no tribunal português. O verdadeiro preso durante 11 anos foi enfim condenado, por um simulacro de tribunal, a três anos.

Anos depois, entrevistei-o em Luanda. Ele recordou a sua infância no Golungo

Alto, no mato angolano onde o português era a língua de troca há séculos. Disse-me que lia Fialho e Camilo, uma língua em "português terso". E já me apanhei a escrever a palavra em crónica. Joaquim Pinto de Andrade morreu em 2008, terso, limpo, honesto. Foi o homem que mais admirei na vida.

Celebrava o meu amigo, nesta semana, lendo a resma de papéis oficiais sobre a prisão de há exatos 50 anos e lembrei-me de um vídeo recente de outro meu amigo. Este amigo tem oito meses e mandaram-me um vídeo dele, no seu carrinho de bebé com a mãe, num eparque londrino. Era filmado à distância pelo pai com máscara. O meu amigo não via o pai há semanas porque este é pneumologista e frequenta agora lugares perigosos.

Horas depois, mas já em casa, o meu amigo e a mãe estavam sozinhos. "Oh, olha, é novo...", ouvi ela dizer. O meu amigo era um experiente rastejador. De marcha-atrás estacionava admiravelmente sob os móveis. Mas, agora, o vídeo mostrava-o a rastejar, mas olhando resolutamente para onde ia.

Pelo aparecer e desaparecer do pai, o meu jovem amigo decidiu andar em frente. Ter tido um amigo como o Joaquim fez-me decidir andar em frente. Os caminhos dos homens são esquivos.